



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Animação Sócio-Religiosa**

JOSÉ PAULO ALMEIDA DA COSTA

**A Igreja e os jovens no cantão de Zurique
Orientações para uma pastoral juvenil**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor António Abel Rodrigues Canavarro**

**Porto
2018**

Resumo

Esta dissertação teve como objeto de estudo os jovens portugueses residentes no cantão de Zurique. É dado adquirido que a nova geração está a perder o vínculo para com a Igreja. De forma a podermos garantir a própria sobrevivência da Igreja e a contrariar a tendência negativa que se vive em Zurique, torna-se urgente atuar.

O objetivo passou, primeiramente, por analisar o contexto em que estes jovens vivem e trabalham e depois perceber a forma como eles se relacionam e como veem a sociedade e as instituições, em particular a Igreja. Feita esta análise e identificados os pontos onde é urgente intervir, foram propostas algumas orientações e sugestões para serem implementadas na pastoral juvenil da Missão Católica Portuguesa de Zurique.

Para uma maior credibilidade nas respostas, foi utilizado um método de pesquisa com entrevistas não presenciais.

Este estudo obteve resultados interessantes. Um deles é que a frequência da Igreja por parte dos jovens portugueses, embora seja baixa, está acima da média. Além disso, eles continuam a ver a Igreja como uma instituição importante e necessária, mas exigem dela atualização, abertura e compreensão.

O resultado deste projeto foi muito positivo pois permitiu abrir portas a uma pastoral juvenil mais eficaz. Se soubermos onde atuar e como atuar, possivelmente os problemas futuros poderão ser minorados, e acima de tudo, poderemos ter uma geração mais comprometida com a Igreja.

Palavras-chave: Zurique, jovens, Igreja, pastoral juvenil, ação, orientações, inquérito.

Abstract

This dissertation had as object of study the young portuguese residents in the canton of Zurich. Today we can see that the new generation is losing the connection with the Church. In order to guarantee the survival of the Church and to counter the negative tendency in Zurich, it is urgent to act.

The intention was first to analyze the context in which these young people live and work and then to understand the way they get along with each other and how they see the society and institutions, specifically the Church. After this analysis and the identification of the points where it is urgent to act, some guidelines and suggestions were proposed in order to be implemented in the Youth Pastoral Ministry of the Portuguese Catholic Mission in Zurich.

For more credible answers, the data collection method that was used was a web based survey.

This results of this study were interesting. One is that the Church attendance by the young Portuguese, even if it is low, is above average. Furthermore, they continue to see the Church as an important and necessary institution, but they demand an adjustment, openness and understanding.

The result of this project was very positive because it opened the door to a more effective Youth Pastoral Ministry. If we know where and how to act, the future problems could perhaps be reduced, and above all, we might have a generation more engaged to the Church.

Keywords: Zurich, youth, Church, Pastoral Ministry, action, orientations, surveys.

Introdução

Possivelmente estarão a questionar-se sobre o porquê deste tema. Ainda para mais para analisar uma realidade num contexto emigratório. Efetivamente, a verdadeira razão prendeu-se ao facto de ser necessário atuar rapidamente na pastoral juvenil.

Até à presente data nunca ninguém se debruçou de forma séria e objetiva sobre este assunto. Aliás, até há bem poucos anos vivia-se em Zurique uma pastoral de manutenção.

A sociedade tem-nos mostrado que ficar de braços cruzados à espera que os jovens apareçam na Igreja não é solução. Bem pelo contrário, estamos a agravar o problema. Se os jovens são o futuro da Igreja, então ao falarmos destes jovens estamos a falar da sobrevivência da própria Igreja.

Nos últimos anos temos assistido à diminuição do número de católicos presentes nas nossas assembleias dominicais. É claro que se trata, também, de um fenómeno transversal à Igreja e não apenas no cantão de Zurique. A faixa etária onde mais cresce este número de “não crentes” é, sem dúvida, entre os jovens¹.

A renovação tem sido lenta. Isto leva a que, com o passar dos anos, o número de féis decresça significativamente. Daí a urgência deste estudo.

Espera-se que este projeto possa trazer alguma luz à pastoral juvenil do cantão de Zurique e possa, também, abrir portas a um comprometimento mais sério para com a pastoral juvenil.

¹ GONZÁLEZ-CARVAJAL - *Evangelizar en un mundo postcristiano*, Santander 1994, pp. 20.

Foi um trabalho árduo, sem dúvida. Mas cruzar os braços teria sido bem pior.

Devido à extensão do nome “Missão Católica de Língua Portuguesa de Zurique”, ao longo da dissertação ela será apresentada pela sigla MCLP.

Uma vez que vivemos no mundo da era digital, grande parte da bibliografia foi retirada de vários sites da internet, onde hoje em dia, se podem encontrar desde livros a vários tipos de publicações.

1. Enquadramento

O público alvo deste estudo foram os jovens portugueses do cantão de Zurique, uma vez que é com eles que a MCLP trabalha diretamente e onde é necessário agir sem demora. Sabemos que as falhas na pastoral juvenil são um problema transversal na Igreja.

O ponto de partida deve ser o conhecimento da realidade em que estes jovens vivem e trabalham. Como é que se vive a religiosidade na Suíça? Qual é a realidade da Igreja Helvética? Quem é a MCLP e o que está a ser feito por esta no campo pastoral? É perentório saber qual o ponto de partida com o maior rigor possível para que se possa elaborar um plano de ação mais eficaz.

1.1. A Suíça e a (sua) cultura pós-moderna

A Suíça, apesar de ser um país multicultural, apresenta uma cultura tipicamente europeia. Digamos que não é um país que tenha uma cultura própria e que não seja comum a muitos outros países da Europa central e do norte.

Estamos perante uma sociedade que passou da pobreza à opulência num curto espaço de tempo. Basta ver que o PIB de 2016² foi de 78 700 CHF contrastando, por exemplo, com os 53 181 CHF de 1990³. Entre todos os cantões, Zurique é o que apresenta o PIB mais elevado⁴.

² Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/volkswirtschaft.html>.

³ Cf. Bundesamt für Statistik, <https://www.bfs.admin.ch/bfs/fr/home/statistiques/themes-transversaux/mesure-bien-etre/tous-indicateurs/economie/pib-reel-par-habitant.assetdetail.3322058.html>.

⁴ Cf. Bundesamt für Statistik, <https://www.bfs.admin.ch/bfs/fr/home/statistiques/economie-nationale/comptes-nationaux/produit-interieur-brut.assetdetail.3342705.html>.

Devido a este acelerado crescimento económico, de um momento para o outro passou-se a ter acesso a um consumo desenfreado. Isto deu origem a uma cultura de satisfação. Vive-se com prazer, mas sem sentido. A atitude consumista acaba por tornarnos menos solidários. Importante é tirar o máximo proveito da vida.

Neste sistema cultural a religião tem vindo a perder terreno. Deus ficou relegado para a periferia. Hoje, em vez de se buscar respostas na religião, procura-se tudo na ciência. Ao considerar-se autossuficiente, o homem vive como se Deus não existisse.

Nesta conjetura cultural e atual o Homem não está mais predisposto a deixar-se interpelar por uma experiência religiosa. Ele vê-se com poder para ser ele próprio a fazer as suas configurações e escolhas, o que vai de encontro ao que Nietzsche dizia quando se referia ao facto de Deus estar morto e de o ser humano pode viver bem sem ele.

De uma forma geral, os sociólogos da atualidade apontam a existência de quatro gerações prevaletentes na nossa sociedade. São elas: a geração S (pessoas com mais de 65 anos); a geração “Baby boomer”⁵ (entre os 45 e os 65 anos); a geração X (entre os 25 e os 45 anos); e a geração Y (menos de 25 anos). No contexto da emigração portuguesa em Zurique, a geração S praticamente não existe.

Caracterizando-as de uma forma muito sucinta, a geração “Baby boomer” foi uma geração que tentou cortar laços com a anterior, impondo novos esquemas sociais. Foram os revolucionários que deram origem a uma cultura mais egocêntrica⁶. Para isso, começaram por criticar as instituições, criando novas formas de relacionamento, de trabalho e de família⁷. A geração X é caracterizada como a geração sem destino. São os resquícios das anteriores. Na procura de novos modelos caem muitas vezes em contradição fazendo escolhas erradas. É, assim, uma geração triste e dececionada em

⁵ “Baby boomer” foi o nome atribuído à “explosão” demográfica que se deu após a II Guerra Mundial.

⁶ Cf. MEDINA ESCUDERO, Miguel Ángel - *Desafios para crer, hoy*, in *Theologica* 1 (2012) pp. 34.

⁷ Cf. MEDINA ESCUDERO, Miguel Ángel - *Desafios para crer, hoy*, in *Theologica* 1 (2012) pp. 34.

que os valores desapareceram e os dogmas fracassaram. São uma geração instável que tenta ser algo que não o é na realidade. Sempre que possível tentam escapar às regras, dando menos valor às hierarquias porque consideram-se iguais e não seres subordinados. No que concerne à geração Y, fazem parte desta todos aqueles que cresceram na era digital e consideram esta tecnologia vital para as suas vidas. Tem o mundo ao alcance de um clique. São a geração da internet, que tem acesso a informação variada, mas sem juízos de valor. Usam a informação que querem e o que não interessa deixam de lado. São uma geração egocêntrica que ama a sua independência⁸. Isto leva a conflitos com a autoridade, com os valores e a ética. Embora tenham uma grande autoconfiança, vão da euforia à depressão muito rapidamente. Foi esta a geração objeto deste estudo.

A globalização veio transmitir a imagem de que uma sociedade deve estar mais interrelacionada, integrada e solidária. Neste contexto, o Cristianismo é chamado a atualizar-se; a atualizar os seus valores e os seus dogmas e a rejuvenescer a sua espiritualidade. A Igreja deve demonstrar na prática como pode conjugar a fidelidade ao passado e ao presente. A religião tem de conviver com o facto da mesma agora ser vista como algo privado, do foro de cada um.

Deste modo, podemos então dizer que as pessoas de hoje em dia vivem uma religiosidade sem religião, pois declaram-se religiosos crendo em Deus, mas não pertencem a Igreja alguma. Procuram uma espiritualidade individual sem dogmas nem instituições, uma vez que as verdades e os dogmas são agora subjetivos. Quem os valida e legitima é agora o indivíduo. São crentes à sua maneira, “à la carte”, pois escolhem e rejeitam o que querem.

⁸ Cf. MEDINA ESCUDERO, Miguel Ángel - *Desafíos para creer, hoy*, in *Theologica* 1 (2012) pp. 35.

No mundo dos “não crentes” não encontramos somente pessoas que estão fora da Igreja. Podemos, também, encontrar “não crentes” como por exemplo padres ou religiosos(as). Aliás, o próprio ateísmo surgiu em países de tradição cristã.

Muitos cristãos, ou que se intitulam cristãos, vivem uma espécie de ateísmo inconsciente. Eles revelam uma certa incoerência entre aquilo que até dizem professar e aquilo que efetivamente fazem e/ou vivem⁹.

1.2. A situação da Igreja Católica

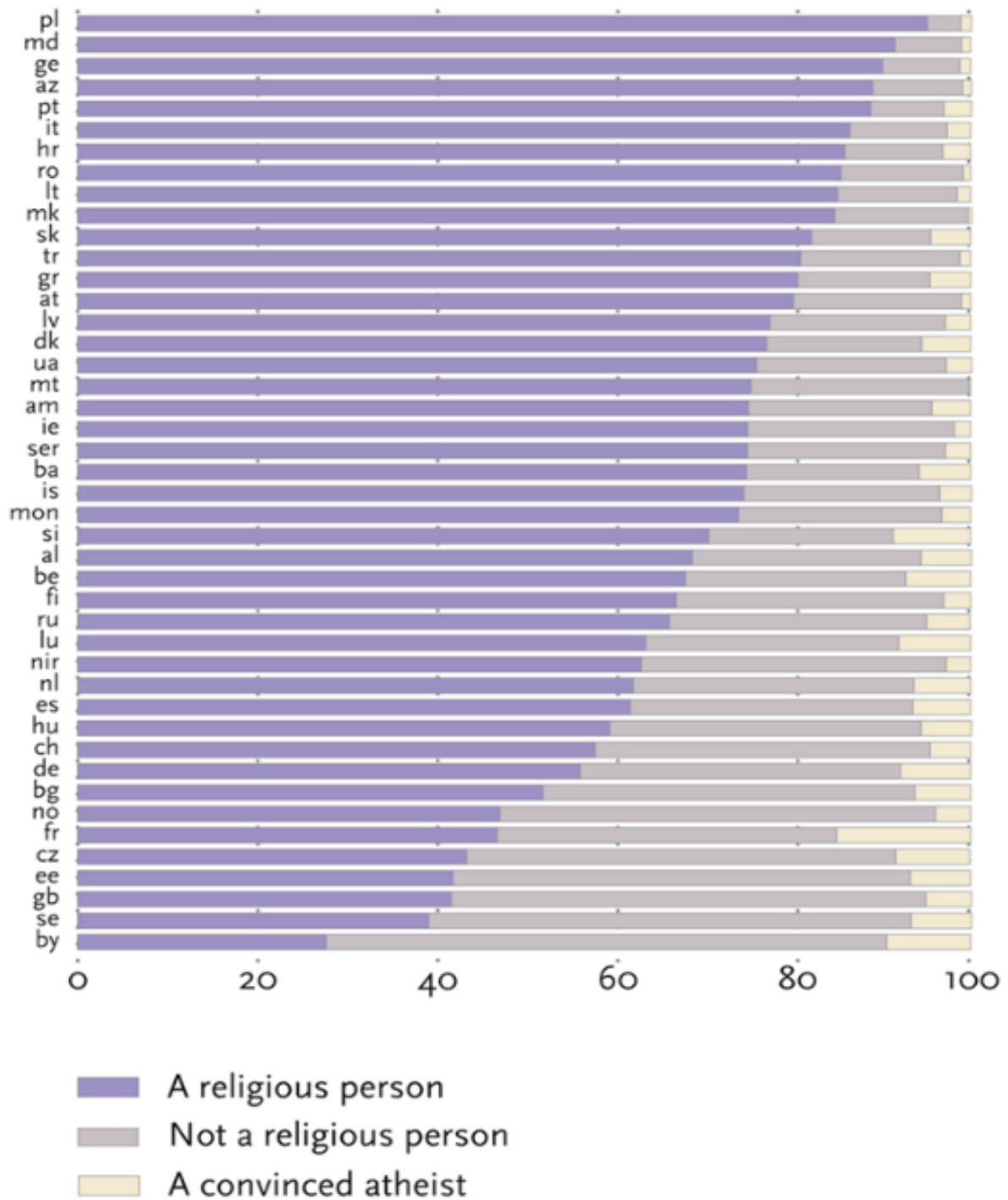
Historicamente a cultura europeia está profundamente enraizada na tradição cristã. No entanto, nos últimos 300 anos, foram várias as ondas de secularização que se espalharam pelo velho continente deixando uma marca clara de que a religião não é algo imprescindível. Muitos europeus estão orgulhosos disso, outros nem por isso. Todavia, ambos concordam: a Europa é um continente secularizado. Muitas vezes ouvimos que os europeus não vão mais à igreja, não acreditam mais em Deus e não parecem ser religiosos. Será isto mesmo verdade? Depende. Uma coisa é certa: o velho continente não é tão secularizado quanto parece. As pessoas que se consideram ateístas são uma pequena minoria, exceto na França, onde quase 15% dizem que são ateus¹⁰. É óbvio que a grande maioria dos europeus caracterizam-se como pessoas religiosas. Há, ainda, aqueles e aquelas que se consideram tão religiosos(as) quanto as pessoas que frequentam a igreja. Digamos que será uma espécie de “acreditar sem pertencer/comprometer”.

⁹ Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL - *Evangelizar en un mundo postcristiano*, Santander 1994, pp. 22.

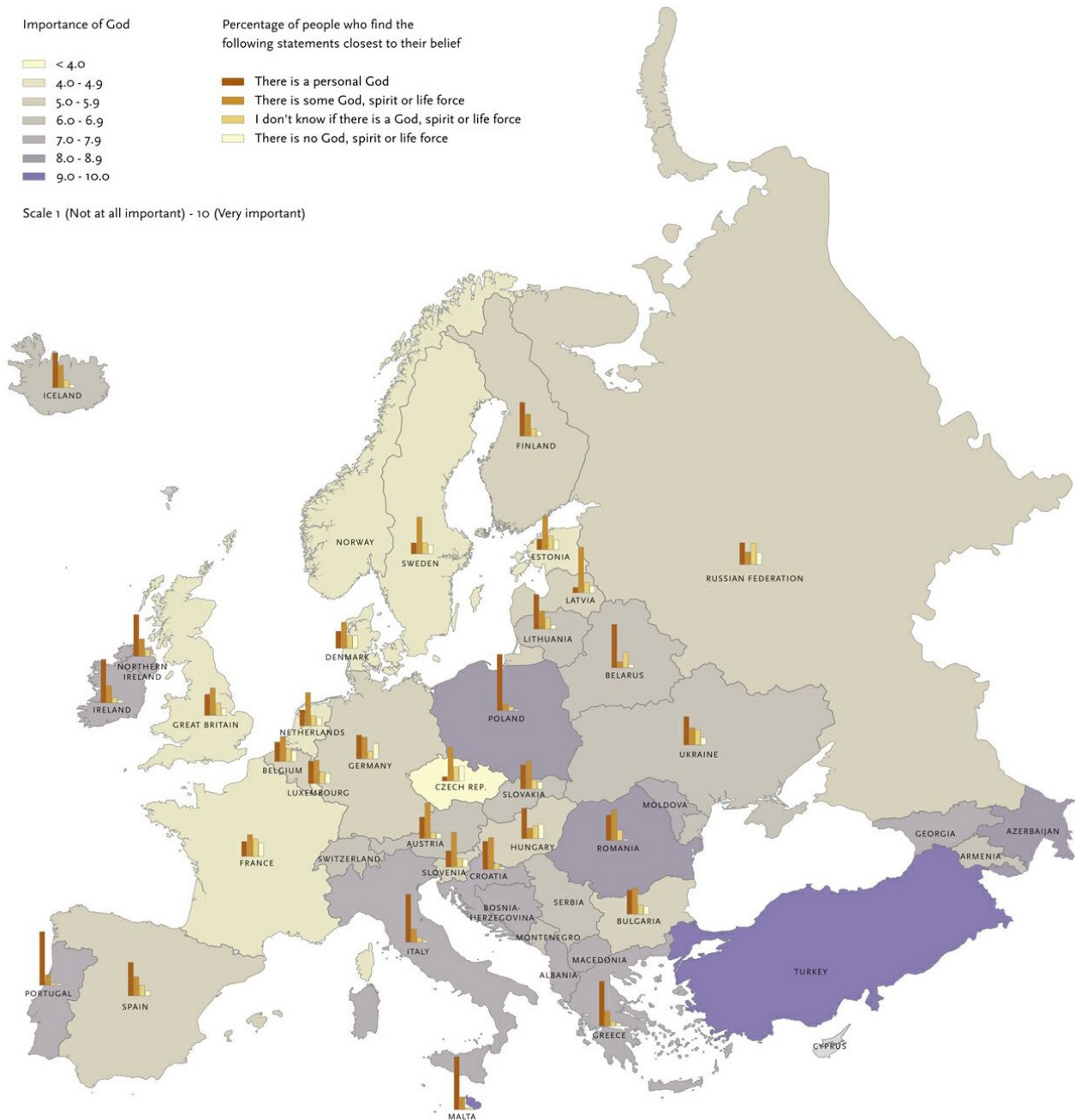
¹⁰ Cf. European Values Survey, Believing. Disponível em http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/Believing_large.jpg

Believing

Percentage of people who say they are (not) a religious person (independently whether or not they go to church)



Fonte: European Values Survey, Believing. Disponível em http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/Believing_large.jpg



Fonte: European Values, Importance of God. Disponível em <http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/pages/importanceofgod.jpg>

Contudo, a situação não é uniforme. O norte da Europa está mais influenciado pelas correntes protestantes, enquanto o sul evidencia ainda uma cultura predominantemente católica¹¹.

Vivemos, assim, num continente de contrastes e opostos. Lado a lado podemos encontrar as correntes cristãs bem como as correntes ateístas e agnósticas. E não é por

¹¹ Cf. European Values Survey, Disponível em <http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/pages/importanceofgod.jpg>

acaso que o Papa João Paulo II e o Papa Bento XVI fizeram vários pedidos exortando à nova evangelização da Europa.

Um novo impulso missionário é necessário para todos, e é claro que seria errado ver na secularização apenas as suas consequências negativas. Uma consequência positiva é a separação e a distinção entre a esfera mundana e a esfera espiritual. A era constantiniana de uma simbiose entre Igreja e Estado finalmente acabou. A Igreja reconhece-se sem privilégios, exceto a liberdade de pregar o Evangelho.

Mas, afinal, o que estará a separar cada vez mais a Igreja dos seus fiéis? O que levará os “crentes” a afastarem-se e a não se reverem nos ensinamentos e doutrinas da Igreja? Afinal de contas, a esmagadora maioria dos europeus confessam-se pessoas religiosas¹². Na maioria dos casos as respostas estão nas questões éticas. As linhas de conflito têm sido, por exemplo, o controlo de natalidade, aborto, homossexualidade e o divórcio. Sem dúvida, falamos de temas fraturantes cuja resposta ou solução não se prevê de fácil resolução, nem a curto, nem a médio prazo.

Embora o número de sacerdotes tenha vindo a crescer em todo o mundo – de forma lenta, mas constante - a verdade é que é na Europa que o número de ordenações tem vindo a cair drasticamente¹³. Apesar disso, a escassez de sacerdotes é mais evidente fora da Europa devido ao elevado número de crentes, principalmente na África e na América Latina. Assim, a Europa é ainda melhor do que o resto da Igreja a nível mundial, o que levanta a questão de saber se a transferência de padres não-europeus para a Europa será o mais indicado. O caminho poderá e deverá passar pela estreita colaboração entre todos os membros da pastoral da Igreja. E aqui entram os leigos. “Os

¹² Cf. European Values Survey, Believing. Disponível em http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/Believing_large.jpg

¹³ Cf. Vaticano. Disponível em <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/04/06/ter.html>

pastores devem reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja”¹⁴. Estes devem, sem medo, confiar-lhes cargos de responsabilidade, dando-lhes também alguma margem de manobra e liberdade de ação. Neste caso, o papel do pastor poderá ser mais um papel de supervisão.

Na Europa tem-se sentido, de forma constante, o aparecimento de grupos religiosos ligados ao movimento carismático. Este movimento, também presente em Zurique, tem tido cada vez mais seguidores, havendo mesmo quem já pressuponha que o futuro da Igreja Católica será moldado por um estilo mais carismático e evangélico, uma vez que a renovação do católico é uma tarefa principalmente espiritual.

A Igreja está e esteve sempre em crise desde a sua criação. Ela estará em crise até ao fim dos tempos. Mas também está sob a promessa de que Cristo estará com ela até ao fim dos tempos (*Mt 28, 20*).

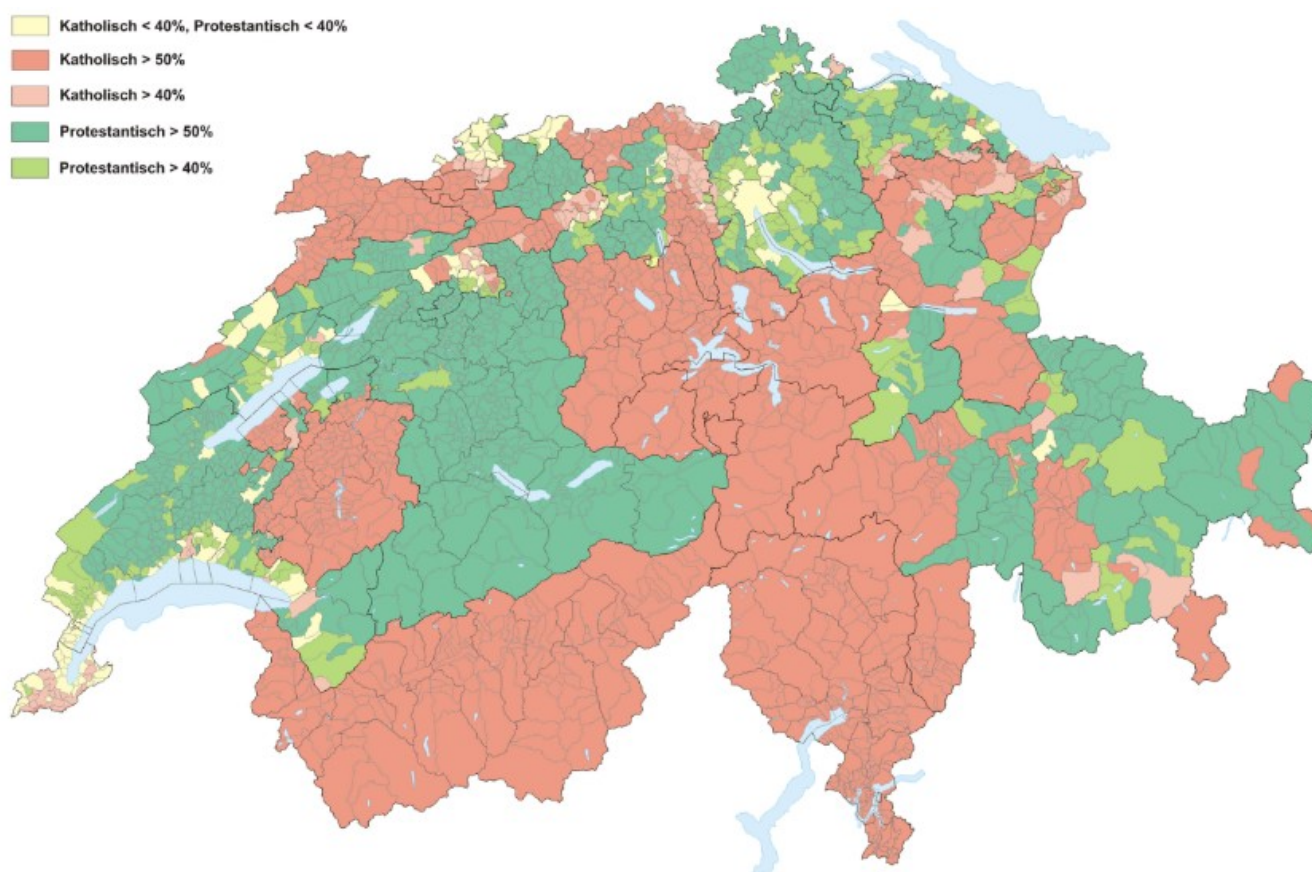
Na verdade, a figura da Igreja está em mutação, mas a sua natureza e a sua missão permanecem a mesma.

1.3. A Igreja Helvética

A Suíça é um pequeno país da Europa central. Politicamente é uma república federal, composta por 26 cantões todos eles autónomos e com os seus próprios costumes e culturas. A Confederação Helvética existe desde 1291 e resultou da união de vários territórios. Esta diversidade está bem patente na cultura como também na língua, pois existem quatro idiomas oficiais: alemão – língua maioritária, francês, italiano e o romanche.

¹⁴ Lumen gentium, capítulo I, n° 37.

Em 2016 encontravam-se registados na Suíça cerca de 2 101 146 estrangeiros, cerca de 25% da população total (aproximadamente 8 500 000 habitantes). Em Zurique estes números correspondem a 26,6% da população do cantão, ou seja, quase um terço da população do cantão de Zurique é estrangeira¹⁵.



Esta pequena “manta de retalhos” também teve e tem influência na religião. A situação da Igreja Helvética é bem diferente da de Portugal. A Suíça foi um país muito marcado pela reforma protestante do século XVI, principalmente em Genebra com Calvino e em Zurique com Zwinglio. As lutas entre cantões católicos e protestantes levaram a que ainda hoje se notem influências na política interna.

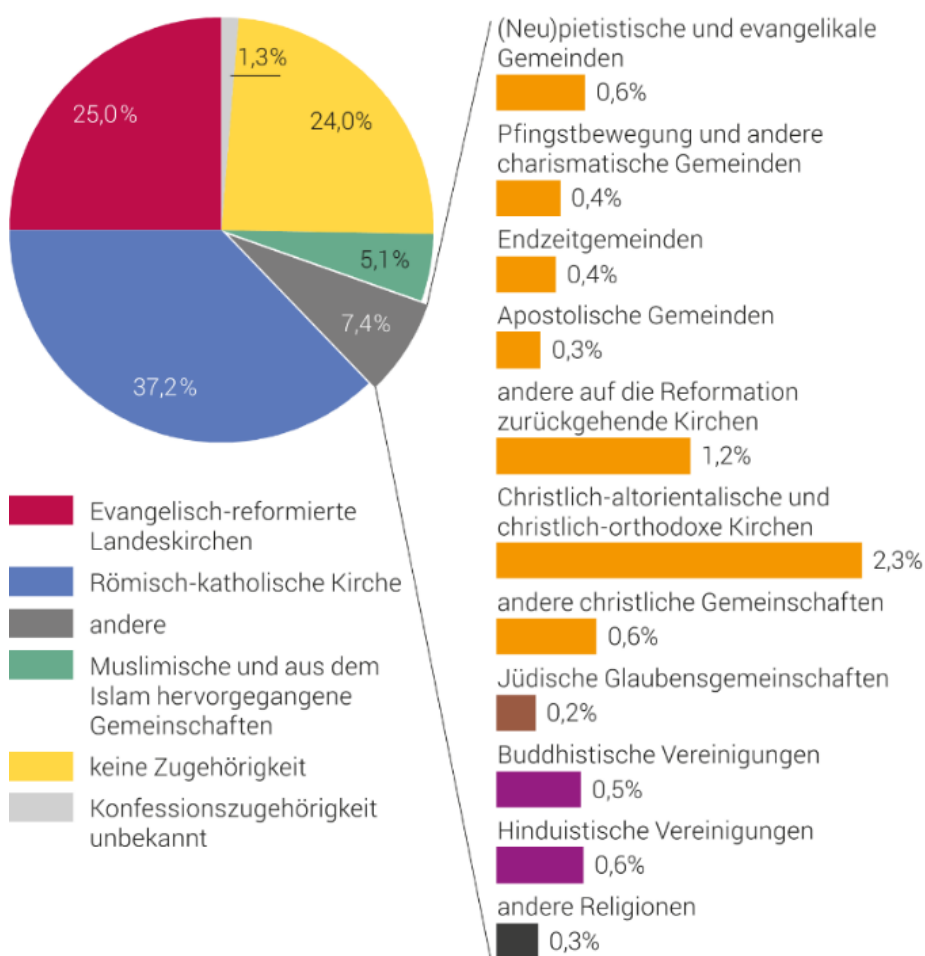
¹⁵ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em: <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/stand-entwicklung/bevoelkerung.html>

A maioria dos cantões reconhecem as religiões oficiais e numa parte deles existe mesmo uma taxa que é paga pelos aderentes. É o caso concreto de Zurique.

Falar de números e/ou estatísticas na Suíça é sempre um risco, uma vez que sendo um país muito marcado pela emigração, os números estão sempre em constante mutação.

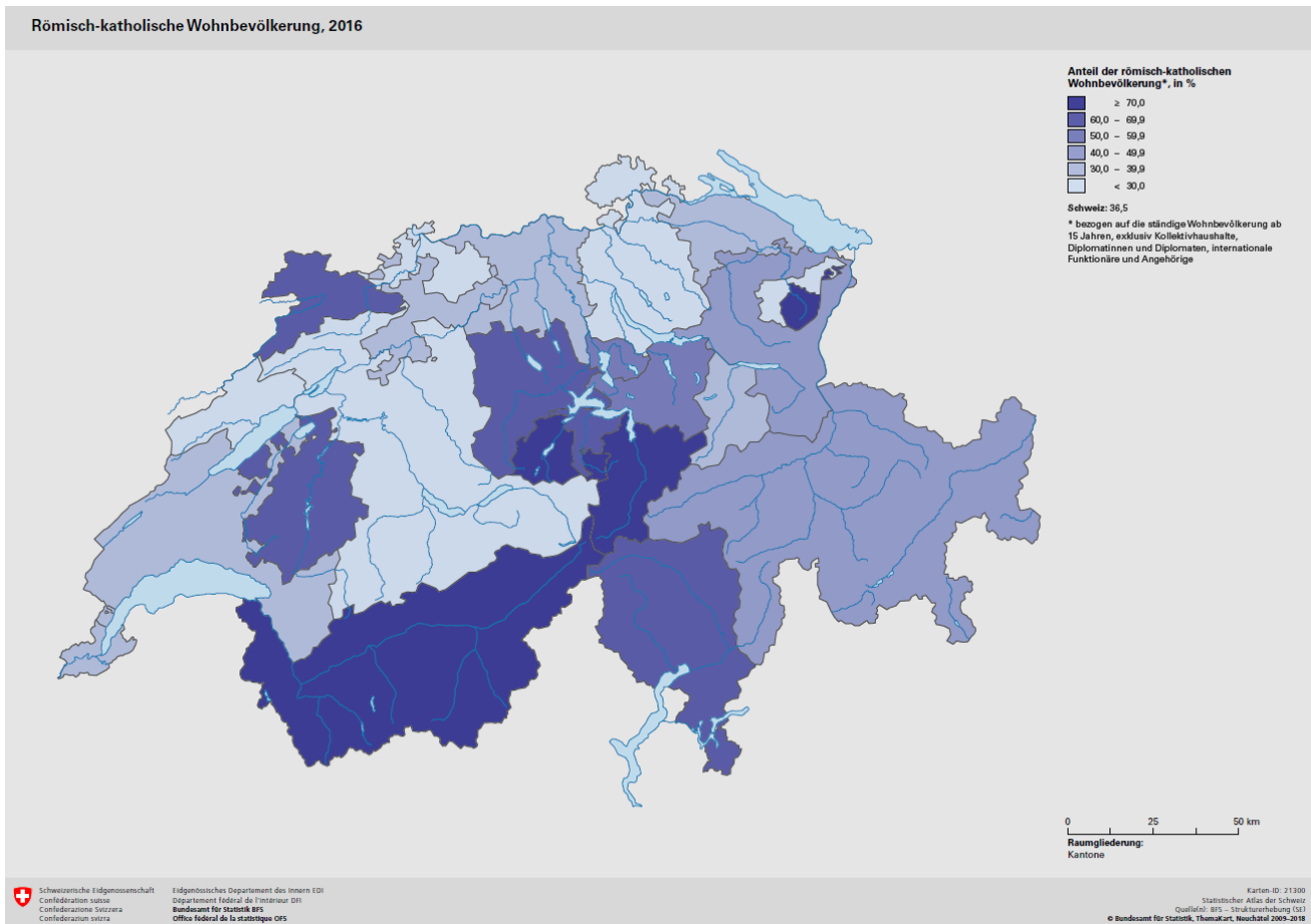
Sem embargo, e segundo as últimas estatísticas, entre 2014 e 2016 o número de católicos cifrava-se nos 37,2% enquanto que os protestantes cifravam-se nos 25%. Sem confissão religiosa encontravam-se 24% dos residentes na Suíça.

Konfessionszugehörigkeit, 2014–2016



Quelle: BFS – Strukturerhebung (SE)

© BFS 2018



No ano de 2016 os valores baixaram para 36,5 % de católicos em toda a Suíça e 26,8 em Zurique¹⁶.

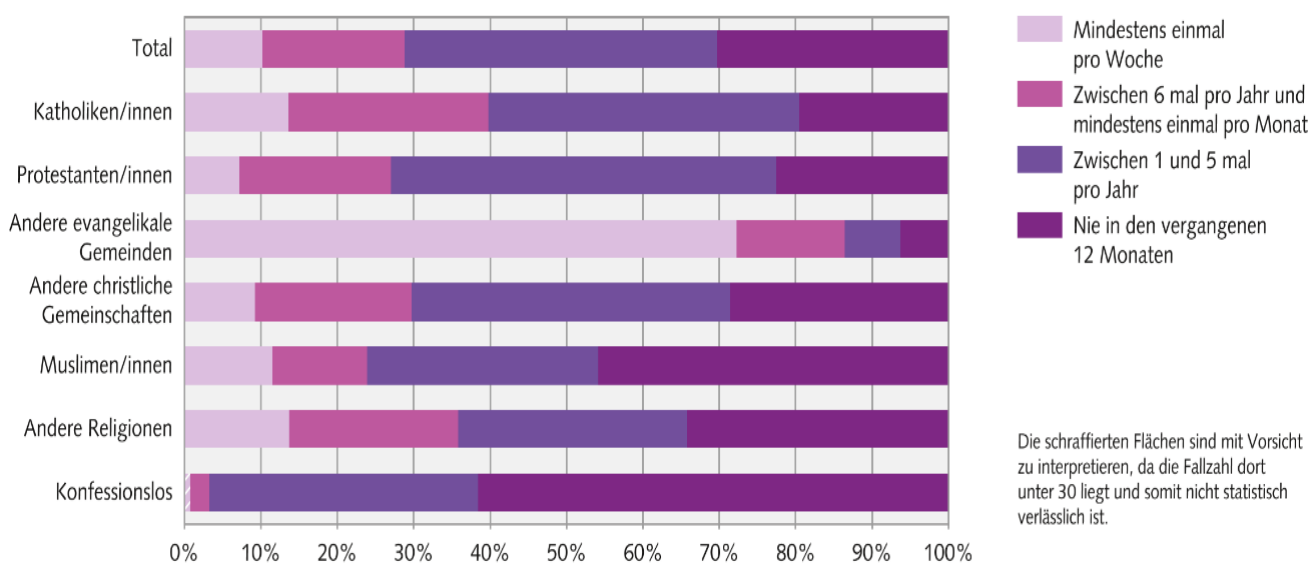
Ainda assim, e no geral, a Suíça é maioritariamente católica, mas isso deve-se em grande parte à emigração¹⁷.

¹⁶ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em https://www.atlas.bfs.admin.ch/maps/13/de/12963_3092_107_70/21300.html

¹⁷ Cf. Mapa, pág. 12.

Teilnahme an Gottesdiensten in den vergangenen 12 Monaten, nach Konfessionszugehörigkeit

G 3



Quelle: BFS – ESRK 2014

© BFS, Neuchâtel 2016

Se falarmos da prática religiosa, podemos verificar que os católicos continuam a ser os que mais vezes participam na Eucaristia, embora seja um número bastante reduzido, pois cerca de 12% afirma ir pelo menos uma vez por semana; 28% entre 6 vezes por ano e pelo menos uma vez por mês; 40% entre 1 a 5 vezes por ano. Cerca de 20% dos inquiridos não foi à Igreja nos últimos 12 meses¹⁸. Estes números estão dentro da média europeia¹⁹.

Circunscrevendo-nos apenas ao cantão de Zurique, e de acordo com os dados da administração central, podemos verificar que a confissão religiosa predominante é a protestante com 29,2%. O número de católicos está logo abaixo com 26,8%. A outras confissões religiosas pertencem 15,6% dos inquiridos e 27,2% estão registados como “sem confissão”²⁰.

¹⁸ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen/religionen.html>

¹⁹ Cf. European Values Survey. Disponível em <http://www.europeanvaluesstudy.eu/page/religion.html>.

²⁰ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em https://www.atlas.bfs.admin.ch/maps/13/de/12975_3522_107_70/21301.html

A cooperação entre igrejas católicas e reformadas está bem avançada na Suíça. Embora cada uma delas mantenha as suas diferentes tradições, os cristãos podem e trabalham juntos. Para isso, eles contam com o apoio e incentivo dos órgãos do governo. O ecumenismo é vivido, sobretudo, localmente nas paróquias, mas também nacionalmente através de encontros regulares.

1.4. A Missão Católica de Língua Portuguesa de Zurique

A Missão Católica de Língua Portuguesa na suíça-alemã existe desde dezembro de 1974 e apresenta um campo pastoral alargado que vai desde a pastoral juvenil, à pastoral da saúde e familiar.

Passados 40 anos, a população lusófona no cantão de Zurique é de agora de cerca 28 mil pessoas. Atualmente há 4 comunidades nas quais se celebra a Eucaristia regularmente, bem como os encontros de catequese complementar.

No campo pastoral, além da ministração dos sacramentos, a MCLP tem a seu cargo a catequese complementar que vai do 1º ao 6º ano; grupo de adolescentes, grupo de jovens (VOA); grupo de renovoamento carismático e grupo de escuteiros.

No que diz respeito à **catequese**, no cantão de Zurique ela é complementar, uma vez que a catequese “oficial” é aquela que é feita nas paróquias locais. Visto que a maioria dos filhos de emigrantes portugueses apenas frequentam a catequese na MCLP, a catequese não é propriamente complementar, mas sim a elementar.

O programa catequético contempla apenas 6 anos de catequese, uma vez que devido às várias limitações não é possível alargar esse programa.

O **grupo de adolescentes** que existe é de cariz cantonal, ou seja, engloba jovens entre os 12 e os 15 anos provenientes de todo o cantão. Este grupo tem encontros mensais que visam, entre outras coisas, preparar os jovens para a Confirmação.

O **grupo de jovens** da MCLP existe desde 2015. Este grupo formou-se logo depois do percurso de preparação para a Confirmação. Após uma provocação, cerca de 30 jovens abraçaram o projeto e assumiram como missão o seu comprometimento para com a comunidade. Este grupo tem encontros quinzenais e estão envolvidos em vários projetos de solidariedade e de integração nas comunidades portuguesa e suíça.

Embora estejamos num cantão em que muitas das atividades nunca deixarão de ser feitas por falta de *budget*, a verdade é que há muitas condicionantes e obstáculos ao trabalho da MCLP no terreno. Esses obstáculos começam logo nas paróquias locais com, por exemplo, a não cedência de espaços para que se realizem atividades como, por exemplo, a catequese.

Como foi referido, apenas existe um programa catequético de 6 anos, uma vez que não há espaços para que possamos ter mais anos.

Outra das dificuldades tem a ver com o facto de muitos milhares de portugueses residirem a uma distância considerável das comunidades onde a MCLP está presente.

Quem emigrou foi para ganhar dinheiro. Por isso mesmo o trabalho está e estará sempre em primeiro lugar. Por conseguinte, é impensável marcar uma reunião de pais durante a semana, uma vez que muitos deles trabalham até muito tarde.

Outras das lacunas ao trabalho da MCLP tem a ver com a falta de voluntários comprometidos. Também eles trabalham e não querem abdicar disso em prol do trabalho voluntário.

2. Análise estatística

Para este inquérito foram analisadas 149 respostas. Destas 55 são do sexo masculino e 94 do sexo feminino. A prevalência do sexo feminino deve-se, sobretudo, ao seu comprometimento para com este estudo.

Estima-se que esta amostra possa corresponder a cerca de 12% do total dos jovens portugueses no cantão de Zurique entre os 16 e os 20 anos de idade.

As áreas em que os jovens foram inquiridos dizem respeito à sua relação com a família, amigos, sociedade e Igreja. Como já referi, o conhecimento do ponto de partida é vital.

2.1. Contextualização

A juventude é um estado incompleto e caracteriza-se como um caminho de transição entre a infância e a idade adulta. Normalmente os jovens desta faixa etária definem-se como inseguros e com muitas indefinições. Esta transição não deixa de ser um processo social e está diretamente relacionado com o contexto social em que o jovem está inserido.

Com um inconformismo constante, a verdade é que os jovens reúnem as condições e o potencial para poderem alterar a ordem vigente.

A globalização teve um grande impacto naquilo a que chamamos tradição. O que antes era assumido e adquirido sem contestação, agora tem de passar por um filtro, o que pode levar ao seu questionamento e relativização. Os jovens desejam ser eles próprios a reformular, a questionar e reinterpretar essas mesmas tradições.

A emigração portuguesa em Zurique está na sua 3ª geração. Segundo os últimos dados oficiais, cerca de 28 000 portugueses residiam no cantão de Zurique. Destes, aproximadamente 1100 são jovens entre os 16 e os 20 anos²¹. Se por um lado os jovens da 2ª e 3ª geração estão muito mais integrados na sociedade suíça que os seus progenitores, a verdade é que tal integração tem levado à perda da identidade cultural dos seus pais. Cada vez mais a sua ligação à cultura e aos usos e costumes portugueses é menor. É por isso que a Missão Católica de Língua Portuguesa tem feito um esforço por trazer e implementar algumas das nossas tradições mais importantes.

O que caracteriza a religiosidade juvenil nos dias de hoje? Que evolução tem tido? São algumas das questões que esperamos ver respondidas ao longo deste estudo. Não obstante, podemos já adiantar alguns tópicos.

De uma maneira geral, uma parte significativa dos jovens portugueses frequentaram todo o itinerário catequético²². Mas isso, por si só, não é garantia de nada. Prova disso é o facto de a geração atual ser bastante ignorante em matéria religiosa. Não que os conteúdos de fé não tenham sido transmitidos. O que falhou foi o método e a correspondência direta com a vida diária.

Os jovens portugueses de Zurique são na sua maioria crentes, mas pouco praticantes, e revelam uma experiência religiosa subjetiva²³. A forma de crer, sentir e praticar não tem grande ligação com o credo de determinada confissão religiosa.

Com toda a certeza que os problemas que os jovens portugueses têm não são muito diferentes dos problemas dos jovens de outros países europeus e/ou de outras nacionalidades. Se vivemos numa sociedade em que trabalho deverá estar sempre em

²¹ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/stand-entwicklung/alter-zivilstand-staatsangehoerigkeit.html>.

²² Cf. “A educação/formação religiosa dos jovens”, pp. 54-55.

²³ Cf. “Frequência da Igreja”, pp. 46-48.

primeiro lugar, em detrimento de atividades que até os podiam fazer sentir-se melhor com a vida, a economia do país pode ser logo, por assim dizer, um problema. O crescimento económico pode não garantir trabalho para todos, ou o trabalho que eles gostariam de ter. Desta forma, poderemos e iremos ter grupos de jovens satisfeitos e integrados e jovens insatisfeitos e frustrados/marginalizados.

A falta de um objetivo de vida, o fraco rendimento escolar, uma sociedade pouco solidária, famílias e escolas que não educam vão condicionar os valores morais. Em último caso poderá levar mesmo alguns dos jovens à marginalização. Daí serem necessários projetos de evangelização muito específicos para este tipo de jovens.

A multiculturalidade da Suíça leva os jovens a deparem-se com propostas variadas e divergentes, e, sem modelos e referências acabam por concluir que é tudo igual, levando a uma evasão da realidade e falta de motivação²⁴.

A família, a escola e a paróquia deixam, desde cedo, de ser referências. Aliás, em Zurique os jovens nem sabem a que paróquia pertencem. As novas tecnologias ocuparam esse lugar. Desta forma, os itinerários de iniciação cristã precisam de uma maior presença, cuidado e preparação por parte dos educadores.

Os jovens portugueses são ativos e gostam de participar e de se fazerem ver e sentir. São críticos por natureza. Eles sentem-se atraídos por tudo aquilo que os cative e os chame à atenção. No entanto, um número significativo sente que a Igreja parou um pouco no tempo²⁵. Os instrumentos e os meios pastorais não foram os mais adequados e nunca se parou para repensar a forma e o método do ensino religioso, nomeadamente no que diz respeito ao itinerário catequético. Os jovens foram deixando transparecer a ideia de que a atualização e renovação constante está ainda abaixo do esperado²⁶.

²⁴ Cf. “As organizações e os jovens”, pp. 36-41.

²⁵ Cf. “Como eles veem a Igreja”, pp. 43-46.

²⁶ Cf. “Como eles veem a Igreja”, pp. 43-46.

Este sentimento, tem levado a um afastamento dos jovens para com a Igreja. Reconhecem que a linguagem desta está parada no tempo, não se tendo adaptado ao contexto real.

Eles não se sentem parte do “nós”, mas sim como os “outros”. Segundo eles, é necessário colocar no centro o “nós”, a comunidade, e não o “eu” Igreja. Uma vez que existe uma perda da autoridade das instituições, torna-se imperativo que a Igreja substitua esta autoridade pela “autoridade do testemunho”.

Os jovens devem ser vistos como membros de pleno direito na Igreja. É obrigação dos pais e da comunidade estimular a sua responsabilidade própria, de forma a promover uma participação responsável²⁷.

Do ponto de vista dos jovens, a Igreja não deve ter medo de errar, e, caso aconteça, não deverá envergonhar-se por procurar um novo caminho. Eles querem uma Igreja humana que errando reconheça os seus erros.

Se é verdade que o quadro de valores e prioridades se tem vindo a alterar, o que leva, então, os jovens a “praticar” a sua religião? Se para os jovens, e não só, a Igreja tem ainda um longo caminho pela frente, quais serão, então, os motivos que os leva a ter uma frequência, ainda “significativa”, da Igreja?

A explicação poderá ser dada recorrendo à sociologia. De acordo com a minha análise apontaria duas justificações: rotina e/ou socialização.

Os emigrantes não residem todos na mesma área geográfica e não têm tanto tempo livre como gostariam de ter. O domingo surge como aquele dia da semana em que eles podem estar juntos, em que podem socializar com os amigos que não veem durante a semana. Embora não haja nenhum estudo nesse sentido, mas pela análise

²⁷ Cf STILWELL, Peter, Juventude e Espiritualidade, in *Communio* n°VIII (1991) pp.69.

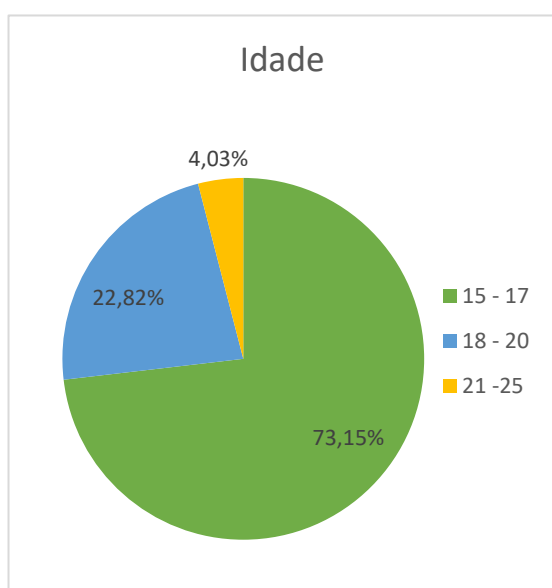
visual das assembleias dominicais, o que move um número significativo de fiéis não é apenas a fé. Prova disso, é que adultos e jovens vêm à igreja e ficam no exterior.

Outras das razões óbvias é a rotina. É um ritual ir à missa ao domingo, e por isso, vem-se. Os jovens acabam por vir com os pais, uma vez que receberam deles uma educação religiosa, na maioria dos casos.

Em suma, os jovens tendem a relativizar alguns valores mais clássicos, mas isso não quer dizer que eles tenham desaparecido. A fidelidade às instituições e o serviço ao próximo foram, por exemplo, apenas reinterpretados.

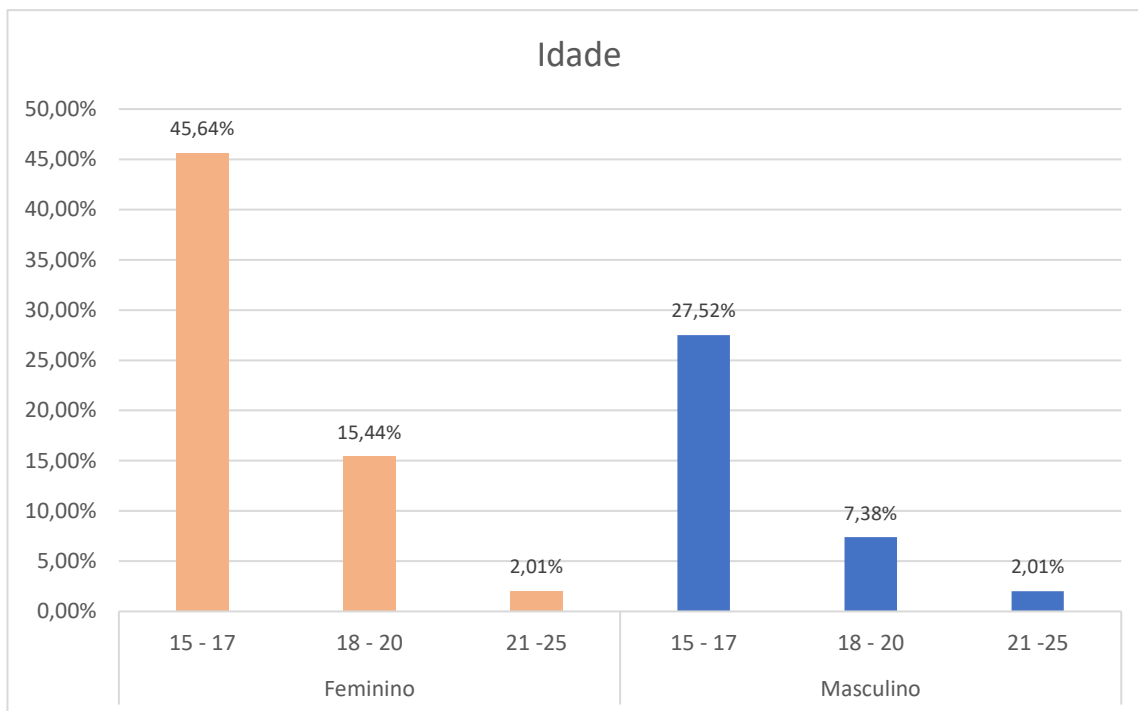
2.1. Idade

Para este estudo foram escolhidos como o público alvo jovens entre os 15 e os 25 anos. No entanto, a faixa mais predominante nas respostas é a que vai dos 15 aos 17 anos com 73,15% de respostas. À faixa etária 18-20 anos corresponde uma participação de 22,82%. Menos significativa – 4% – foi a faixa dos 21-25 anos.



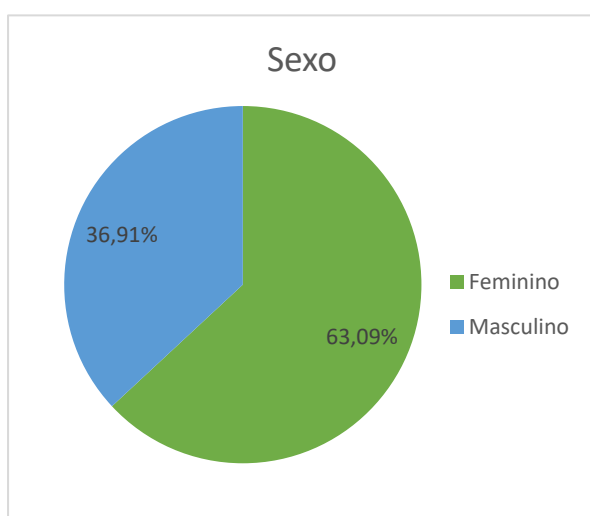
De acordo com estes dados, podemos concluir, de forma dedutória, que a faixa que é ainda mais ativa na Igreja, sobretudo pela sua presença, é a faixa dos 15-17 anos.

A partir dos 18 anos nota-se uma diminuição significativa da presença destes jovens na Igreja, quer na participação dominical, quer em movimentos ou associações ligadas à Igreja.

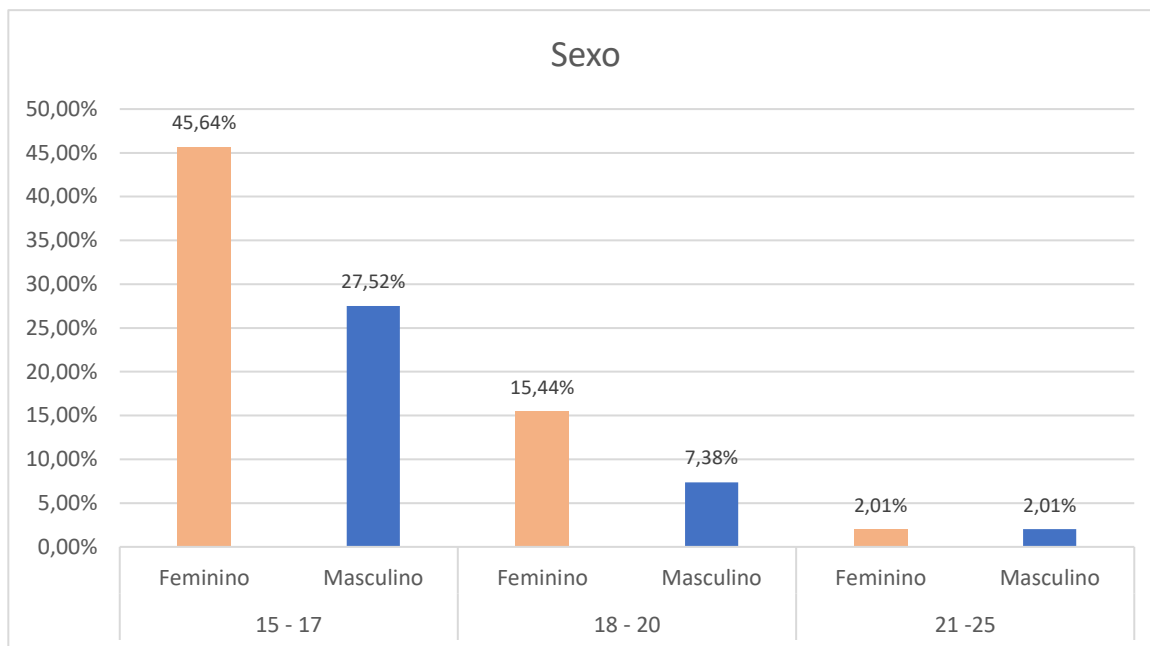


Esta alteração da sua postura e forma de ver a Igreja está diretamente ligada à fase que estão a atravessar – a adolescência. Esta fase é caracterizada, não só por um conjunto de modificações físicas, sociais e psíquicas, mas também, pela perda de confiança em algumas instituições, não sendo a Igreja a elas imune.

2.2. Sexo



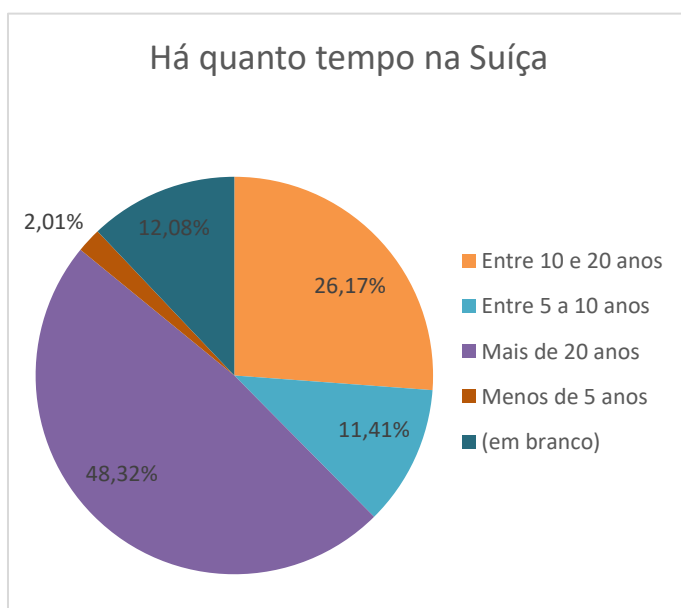
Neste inquérito, levado a cabo com os jovens portugueses do cantão de Zurique, o género dominador foi o género feminino com 63% das respostas. O sexo masculino representa 36,91% do total da amostra.



Embora a sua distribuição tenha sido de forma equitativa, a verdade é que foi o sexo feminino quem mais participou.

Já aqui se poderá verificar que a presença feminina na Igreja continua a ser a parte predominante.

2.3. Quanto tempo na Suíça



Este inquérito pretendia ser o mais alargado possível, de forma a conhecer todas as realidades dos jovens. Uma das questões visava saber o número de anos em que os pais residiam na Suíça. A resposta a esta questão poderá abrir pistas à

percepção comportamental dos jovens portugueses.

Os pais da maioria dos jovens que responderam a este inquérito estão na Suíça há mais de 20 anos (48,32%). Em plano contrário, apenas 2% está há menos de 5 anos a residir na Suíça. 26,17% dos pais reside na Suíça entre 10 e 20 anos e 11,41% entre 5 e 10 anos.

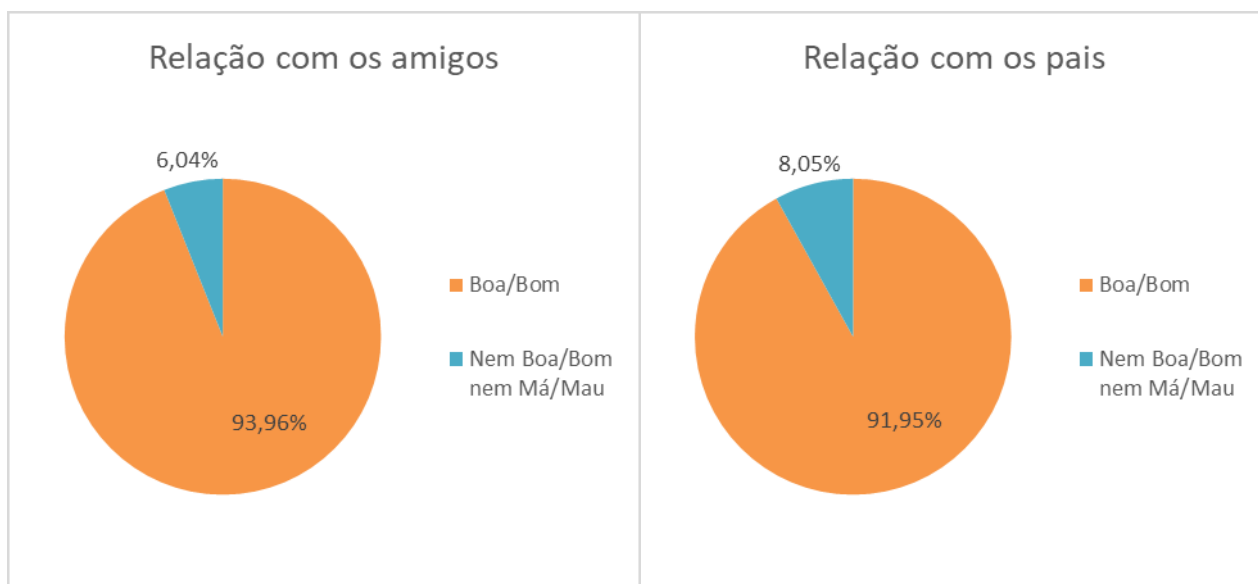
Desta forma, podemos concluir que mais de metade dos jovens nasceram já na Suíça e tiveram uma educação muito influenciada pela cultura local. Foram jovens que desde cedo se integraram e assimilaram os valores e culturas do povo que os recebeu. Embora não se tenha questionado quantos deles já têm a nacionalidade suíça, a verdade é que pela minha experiência e observação arrisco a afirmar que entre 25% a 35% destes jovens já obtiveram a nacionalidade Helvética.

2.2. Os jovens perante a vida e a sociedade

Neste estudo ficou bem evidente que estamos a analisar uma fase da vida em que a instabilidade é uma característica transversal a todos os jovens. Essa instabilidade pode ser comprovada nas respostas às várias perguntas que lhes foram colocadas.

Embora, no que concerne às relações interpessoais, os jovens não tenham revelado qualquer tipo de disfunção, perturbação ou problema significativo, já no que diz respeito à sua postura para com a sociedade o mesmo não se pode dizer. O seu engajamento na sociedade é ainda um aspeto a melhorar, e muito. As instituições também devem fazer a sua parte, uma vez que os graus de confiança dos jovens são, em alguns casos, preocupantes.

2.2.1. Relações interpessoais



Os jovens portugueses do cantão de Zurique demonstraram ter uma boa relação quer com os pais (91,95%), quer com os amigos (93,96%). Apenas 8% dos jovens afirma que a sua relação com os pais não é nem boa nem má. Nenhum dos jovens referiu ter uma má relação com os pais e com os amigos. Falar em família, no seio dos jovens portugueses, é falar ainda da família tradicional, embora exista já um número significativo de famílias mono parentais ou casais em segunda união.

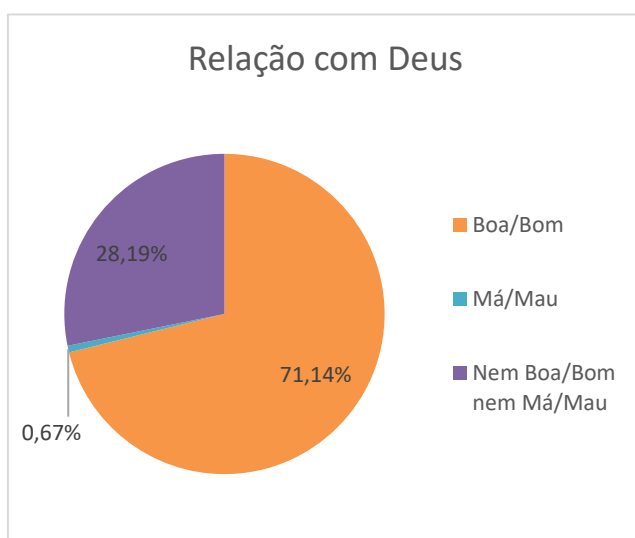
Este bom relacionamento que eles revelam ter com os pais é, sem dúvida, muito importante e pode mesmo influenciar o seu desenvolvimento, em termos de uma maior estabilidade. Por vezes alguns conflitos e mau estar entre pais e filhos está relacionado com a dependência da família. Na Suíça, como se entra cedo no mercado de trabalho, a autonomia e independência dos jovens para com os pais pode contribuir para uma relação familiar com menos atritos.

Uma maior autonomia, e conseqüente liberdade em relação aos pais e à família, permitir-lhes-á participar em festas, conduzir, viajar e ter um maior controlo sobre os

seus relacionamentos. Por meio destas experiências, os jovens aprendem sobre si mesmos e fazem escolhas por meio das quais constroem ou reconstróem o seu senso de identidade²⁸.

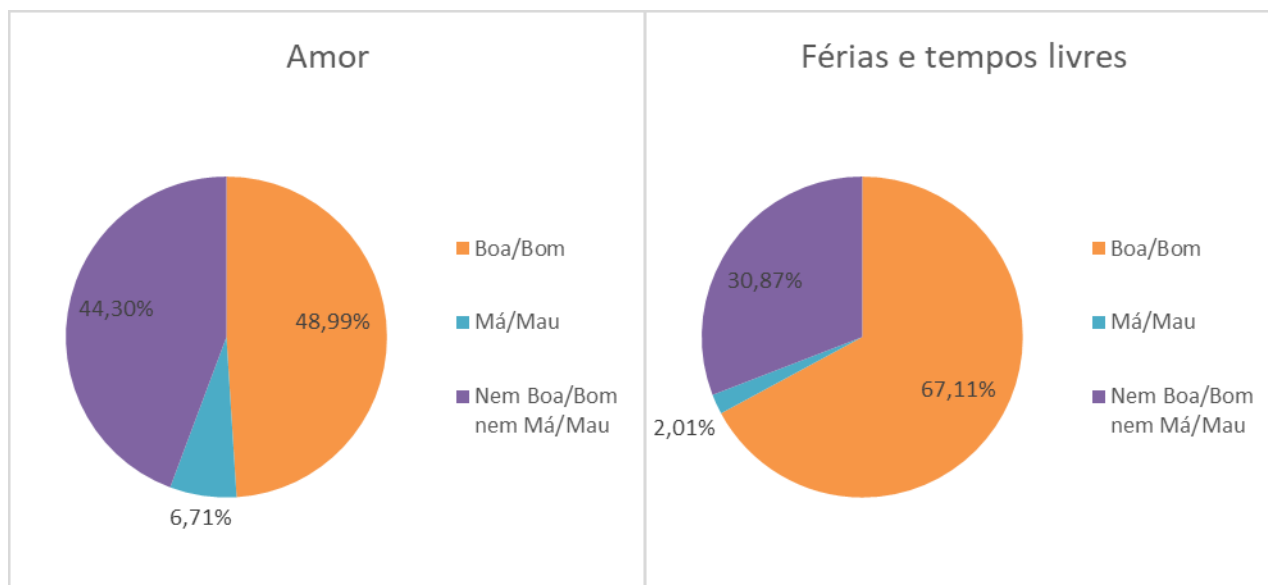
Quanto à sua **relação com Deus**, aqui 28,19% afirma que a sua relação com Deus nem é boa nem má. Já 71,14% refere que essa relação é boa. Pela negativa, apenas 0,67% afirmam que a sua relação é má. Como podemos observar, as visões de Deus não mudaram. O que mudou e está a mudar é a forma como Deus se encaixa no mundo.

Nas entrelinhas poderemos deduzir que poderá estar aqui patente alguma indiferença para com a religião. No entanto, os jovens não deixaram de manter a ligação com Deus. Eles não se intitulam ateus ou agnósticos, apenas indiferentes. Esta



indiferença é um sinal da não identificação dos jovens para com a Igreja, as suas doutrinas e dogmas sistematizados. A religião poderá, assim, transformar-se num pronto socorro onde se vai buscar o que se precisa para um/num momento concreto.

²⁸ Cf. GIDDENS, Antony, *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press, pp 75.

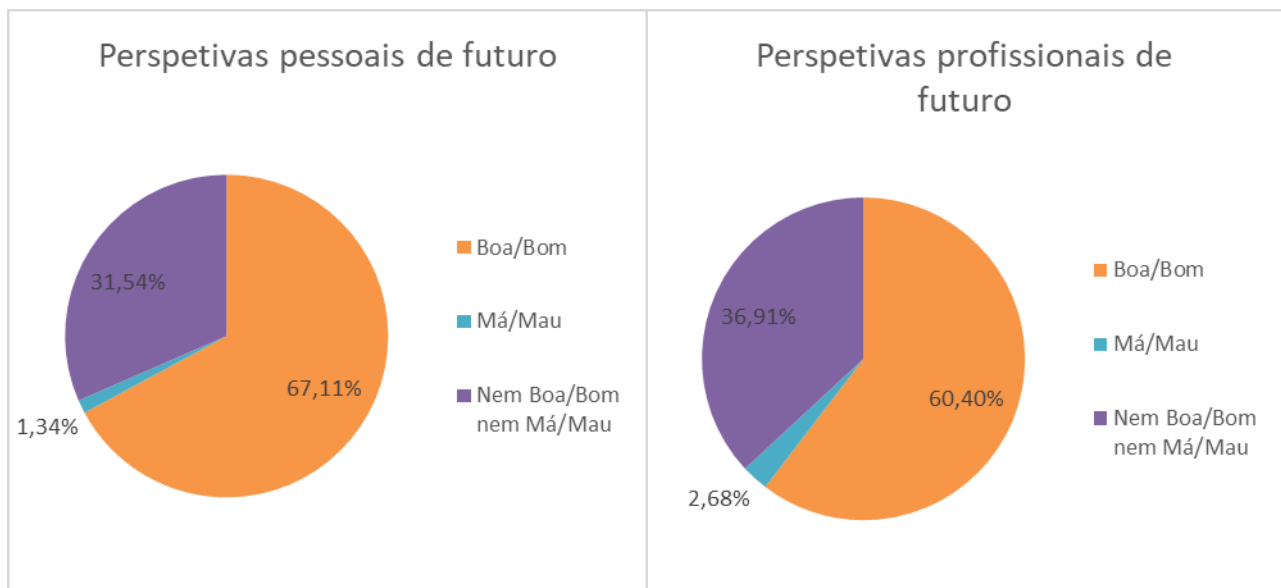


No que diz respeito à **vida amorosa e afetiva**, apenas 48,99% dos jovens referiu que a sua vida amorosa é boa. Pela negativa, 6,71% afirmam que é má. Nem boa nem má foi a resposta de 44,30% dos jovens. Daqui podemos concluir que, em termos afetivos, muitos destes jovens estão ainda muito inseguros e pouco satisfeitos. Com certeza que este resultado tem, também, a ver com a fase em que eles estão. Na adolescência a vida amorosa e afetiva é caracterizada por um turbilhão de emoções e sentimentos que muitas das vezes os próprios jovens não os percebem.

Já as **férias e tempos livres** foram avaliados pelos jovens de forma muito positiva, pois 67,11% indicaram que avaliam as férias e tempos livres como “boas/bons”.

2.2.2. Perspetivas de futuro

No que está relacionado com as **perspetivas pessoais de futuro**, evidencia-se um número significativo de jovens que tem uma posição neutra (nem boa nem má) 31,54%. Em termos de futuro pessoal há uma certa falta de ambição e baixas



expetativas pessoais. Esta postura também é uma das características próprias da adolescência. Já 67,11% declararam ter boas perspetivas pessoais de futuro, o que é muito bom para a faixa etária em questão.

Na questão **“perspetivas profissionais de futuro”**, os valores não foram muito divergentes, embora ligeiramente mais baixos. Como podemos ver, 36,91% dos jovens manifesta não ter grandes perspetivas profissionais. 2,68% dizem mesmo que as perspetivas são más. Em contrapartida, 60,40% olham para o futuro com bons olhos e grandes perspetivas profissionais.

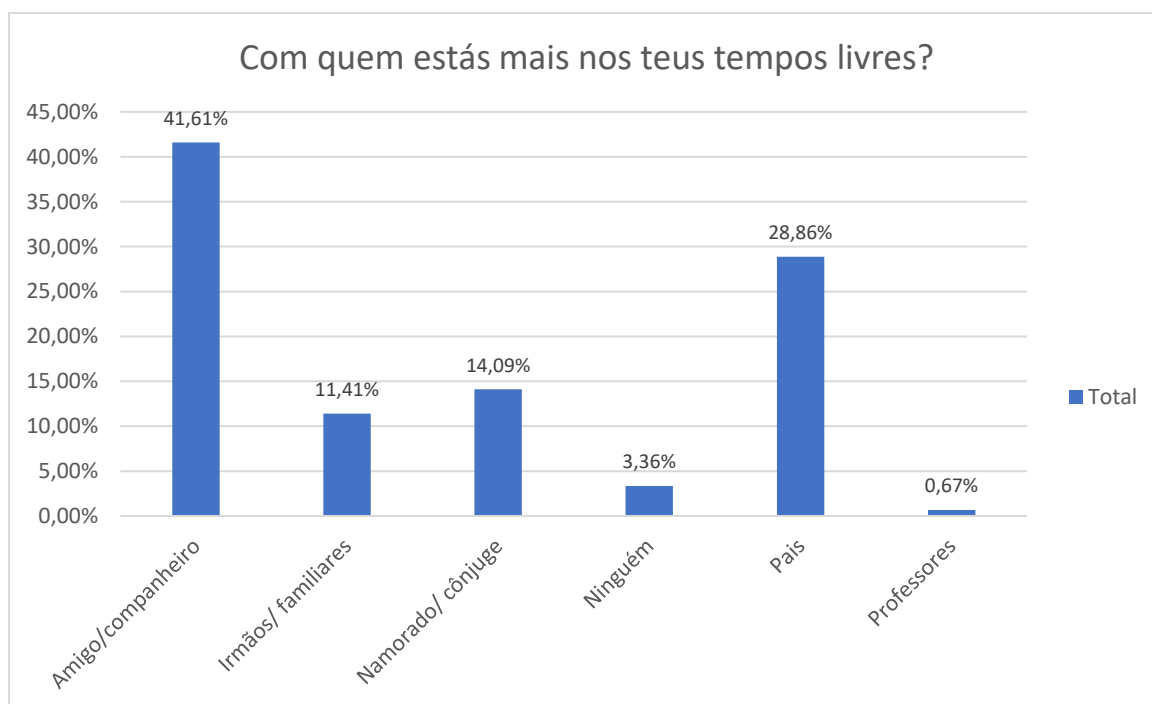
Fazendo uma leitura extrapolada destes dados, podemos encontrar uma explicação para estas respostas com duas variáveis: a primeira diz respeito ao facto de estes jovens - na sua maioria - estarem ainda a atravessar a fase final da adolescência; a falta de autoestima aliada a uma certa apatia e esperança num futuro melhor poderá levar os jovens a olharem para o futuro com uma esperança reduzida.

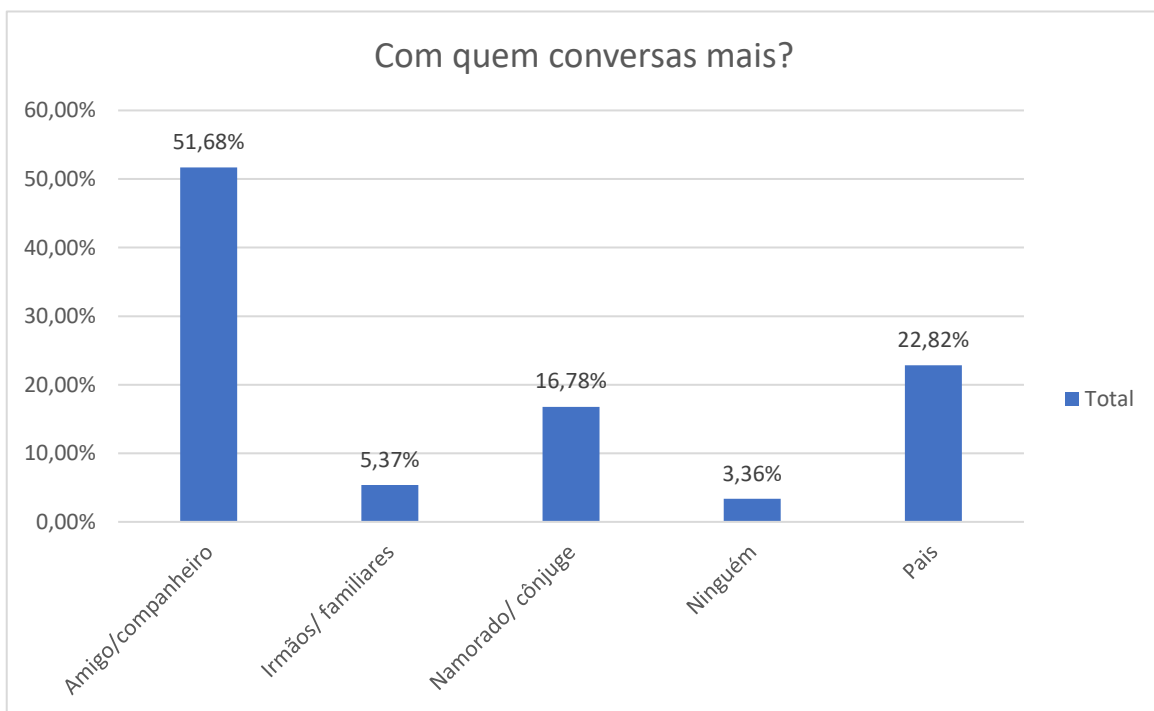
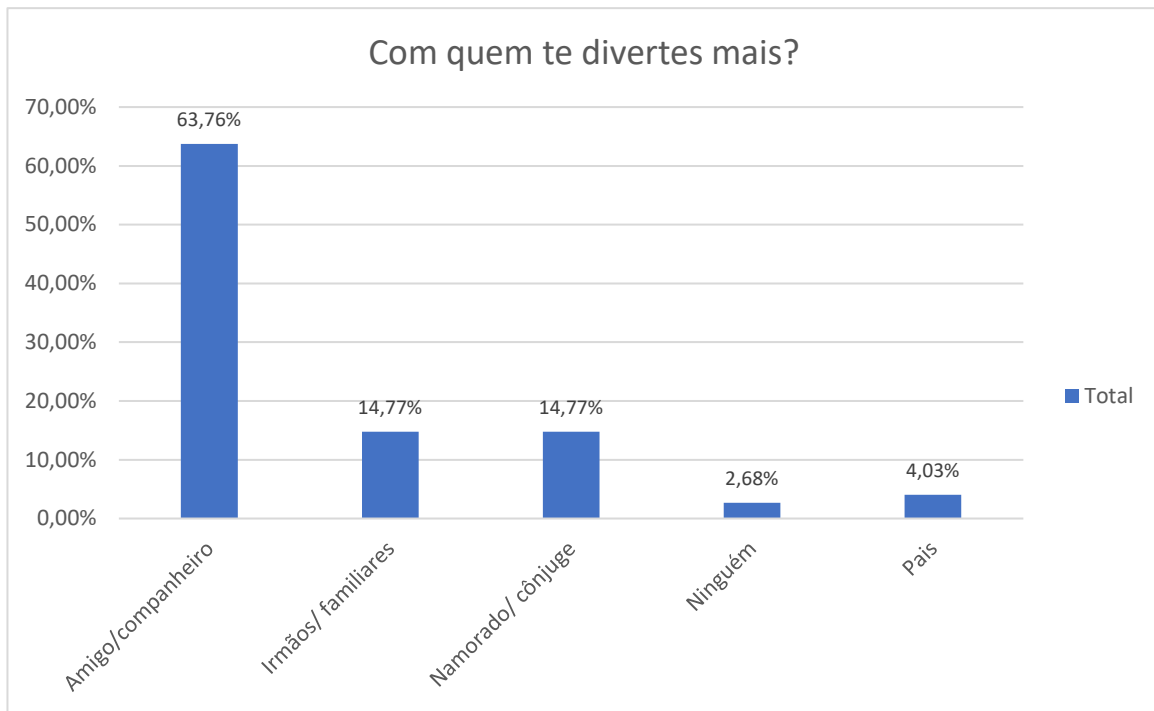
A outra variável prende-se ao facto de, na Suíça, o sistema de ensino estar mais vocacionado para uma formação de ensino profissional. Aos 14 anos os jovens já têm de saber o que querem seguir profissionalmente. Como é evidente, é ainda muito cedo para

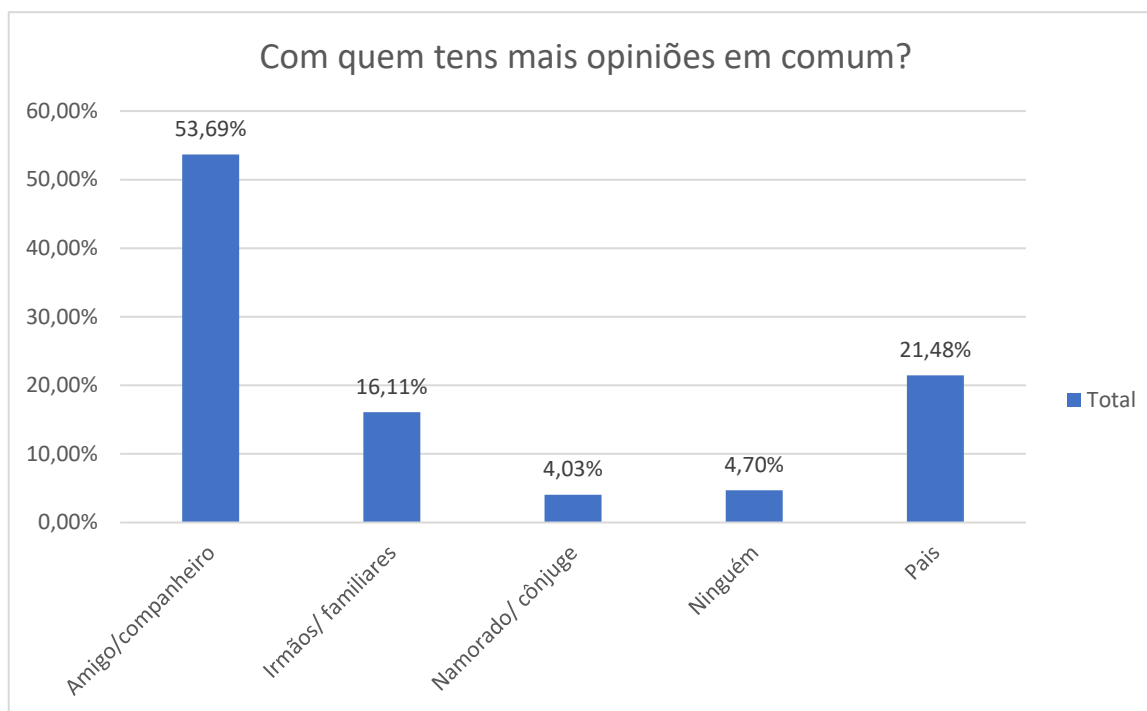
um jovem tomar uma decisão tão importante e que poderá influenciar a sua vida futura. No entanto, é mesmo assim. Se já isto não bastasse para causar alguma instabilidade, a situação ainda pode piorar pois a escolha do curso ou área dependerá sempre das avaliações curriculares. Um jovem com resultados escolares medianos não poderá aspirar a frequentar um curso profissional com grande exigência cognitiva.

Posto isto, muitos dos jovens acabam por frequentar cursos profissionais que ninguém quis. E quando assim é, as perspectivas de futuro serão, como é evidente, baixas ou até más. Esta problemática e esta pressão leva os jovens a terem de se focar no futuro numa fase ainda embrionária das suas vidas.

2.2.3. Relações sociais







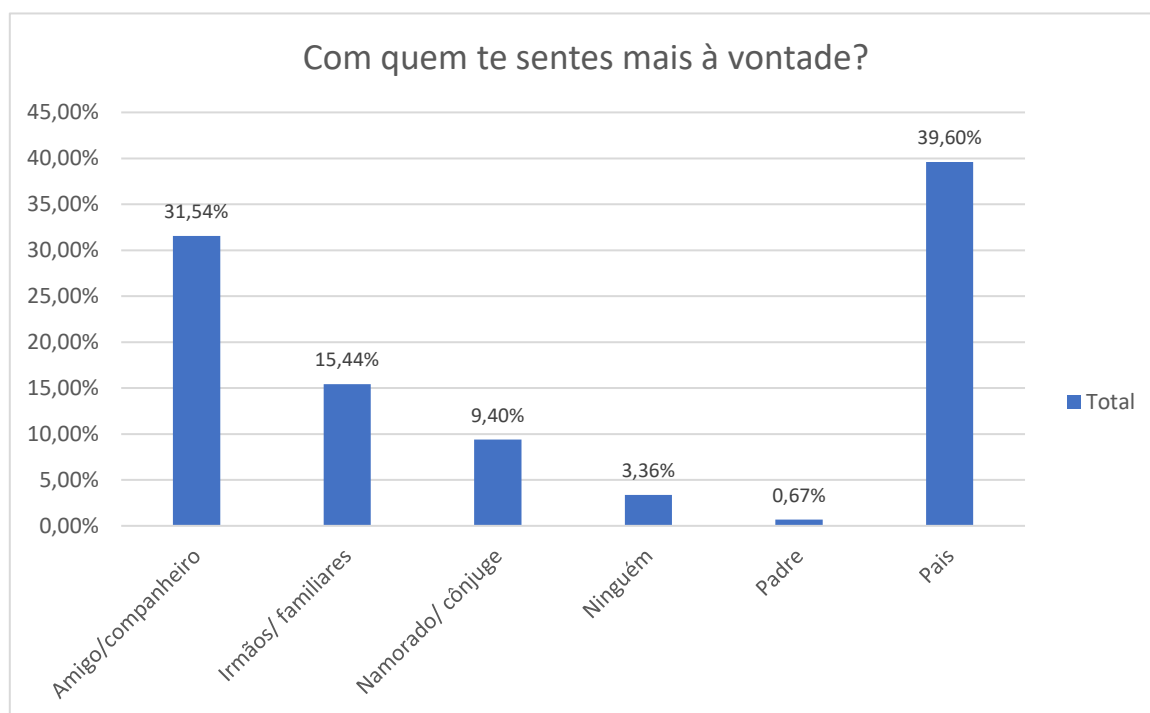
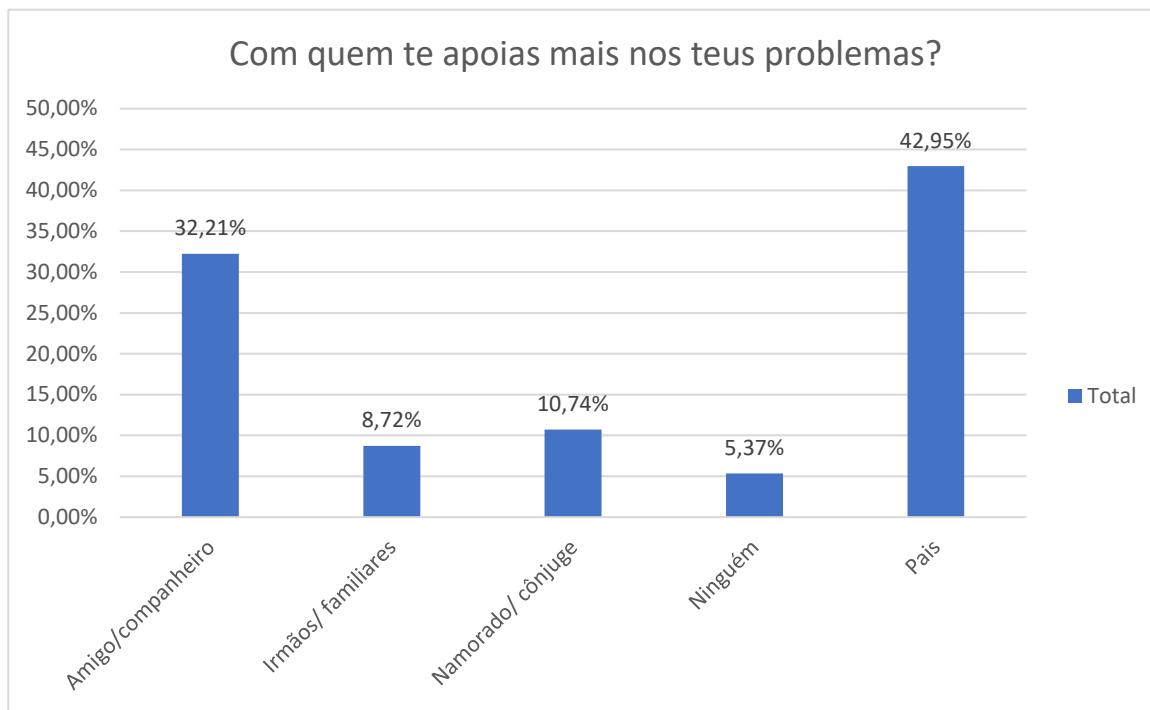
A relação com os amigos é algo de suprema importância pois, como se pode constatar no inquérito, é com os amigos que eles mais passam a maior parte dos tempos livres (41,61%); com quem se divertem mais (63,76%); com quem conversam mais (51,68%) e com quem tem mais opiniões em comum (53,69%).

A juventude é caracterizada por um certo afastamento dos jovens em relação aos pais. É normal eles aproximarem-se daquelas pessoas com quem mais se identificam, uma vez que estão numa situação idêntica ou semelhante. Para um jovem, um outro jovem é sinal de compreensão, aceitação e acompanhamento.

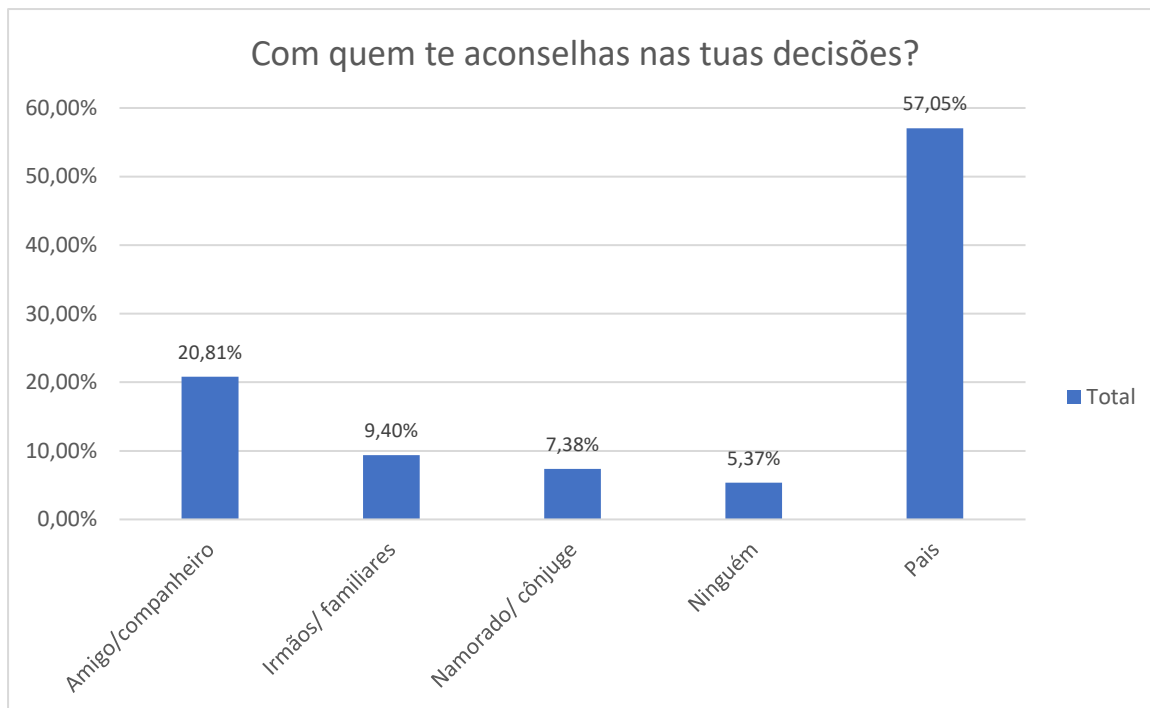
Os relacionamentos com os amigos e familiares continuam a ser uma parte central das suas vidas. Esta convivência é essencial para a participação dos jovens na sociedade. Sendo Zurique uma cidade multicultural, as relações dos jovens portugueses também são multiculturais. Eles não se relacionam apenas com jovens da mesma nacionalidade.

As mudanças que se dão nos relacionamentos e a nova profundidade dos mesmos são evidentes. Tais mudanças podem ter um impacto real sobre os jovens. A

resolução das tensões com os pais e o crescimento do relacionamento com os amigos podem ajudar os jovens a encontrar um sentido e propósito na vida, levando-os a estabelecer metas e objetivos para si próprios²⁹.



²⁹ Cf. GIDDENS, Antony, *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press, pp 80.



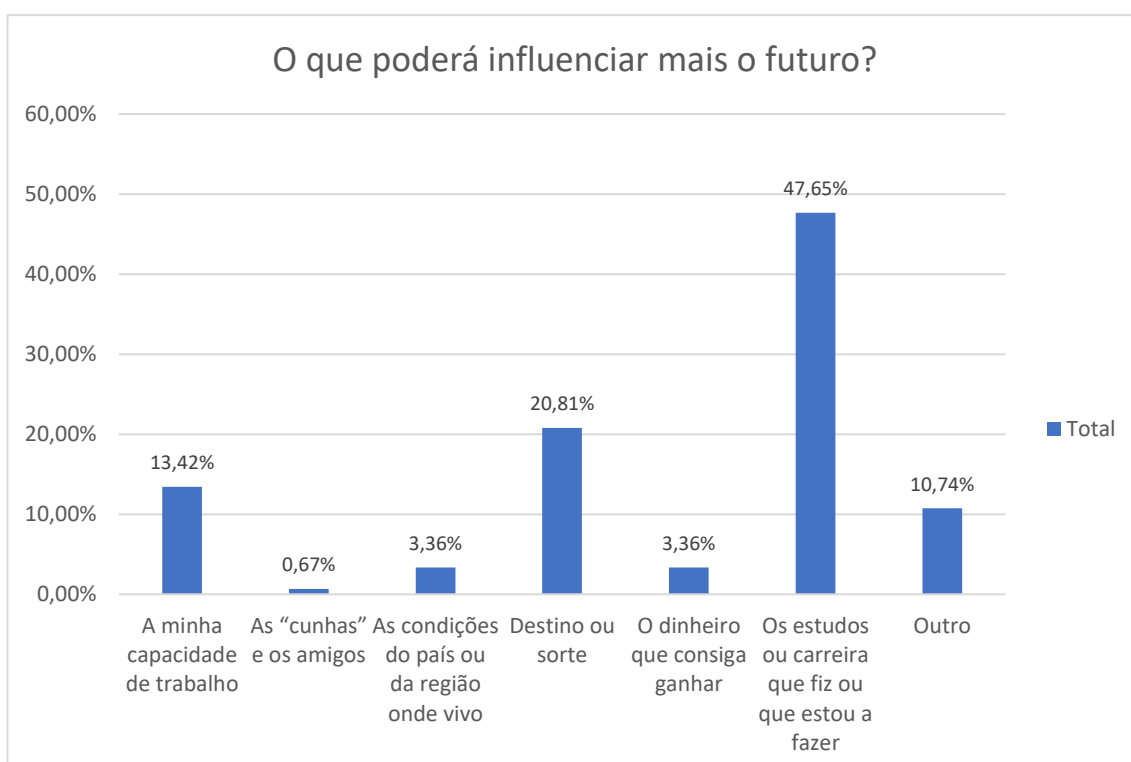
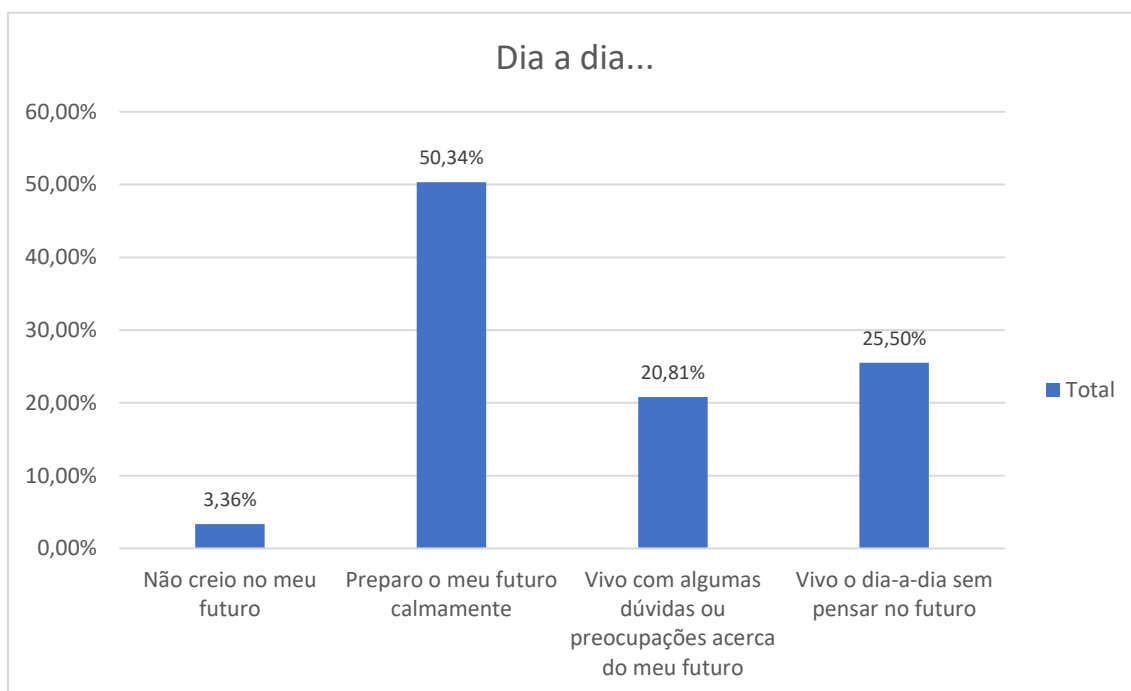
Embora haja este ligeiro afastamento em relação aos pais, a verdade é que é neles que os jovens procuram apoio e ajuda para aquilo que é fundamental. A família é importante para eles. Os jovens vêm nos pais modelos de aprendizagem a seguir e é a eles que recorrem nos momentos decisivos, embora até nem seja com eles que mais conversem ou passem mais tempo. Este afastamento é normal e não pode ser visto como um problema inerente à juventude. Apenas são formas diferentes de estar na vida.

É nos pais que 42,95% dos jovens se apoiam quando têm problemas. Os amigos surgem em segundo plano com 32,21%, o que não deixa de ser também significativo. Já quando se trata de pedir conselhos os pais continuam a ser o pilar mais importante na vida deles, uma vez que 57,05% pede conselho aos pais e é neles que mais se apoiam numa tomada de decisão. Aqui os amigos representam apenas 20,81% das respostas.

Podemos, então, concluir que no caminho da independência muitos jovens se sentem sozinhos. Amigos e familiares são frequentemente as primeiras pessoas a quem os jovens recorrem para orientação, e geralmente são a influência mais significativa nas suas vidas. Essas relações contribuem, sem dúvida, para o quadro de crenças e valores dos jovens na atualidade.

Um dado que não deixa de ser interessante é a situação do(a) namorado(a) ter um papel mais secundário. Isto poderá ter a ver com o facto de muitos destes jovens não terem namorado(a), pois caso assim não seja não deixa de ser pouco comum.

2.2.4. Os jovens e o futuro

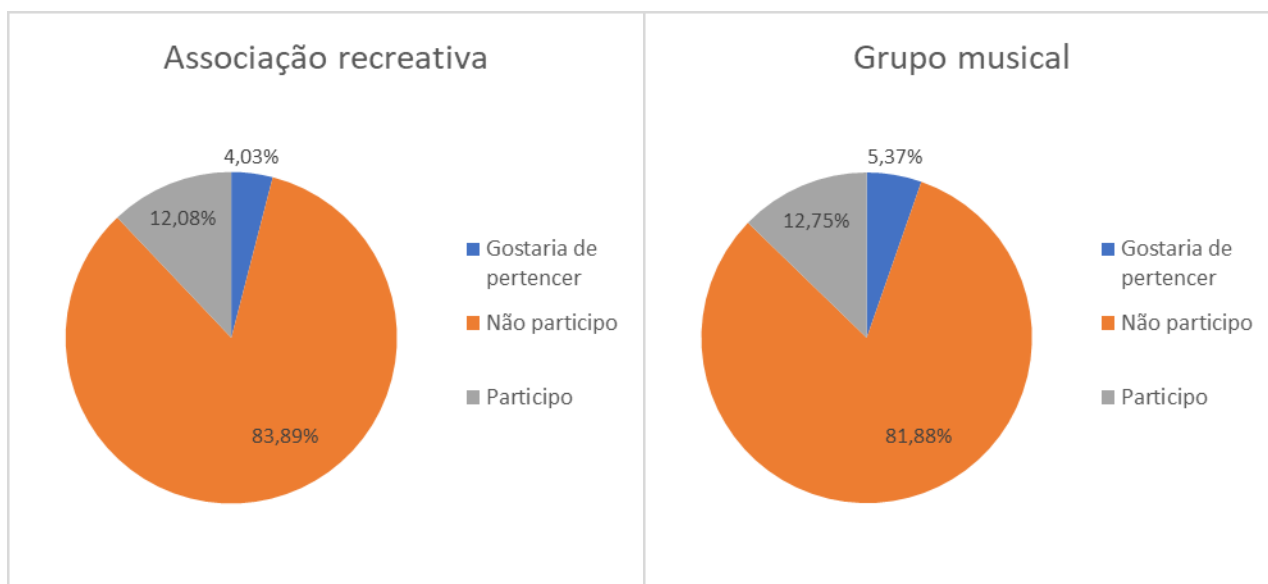


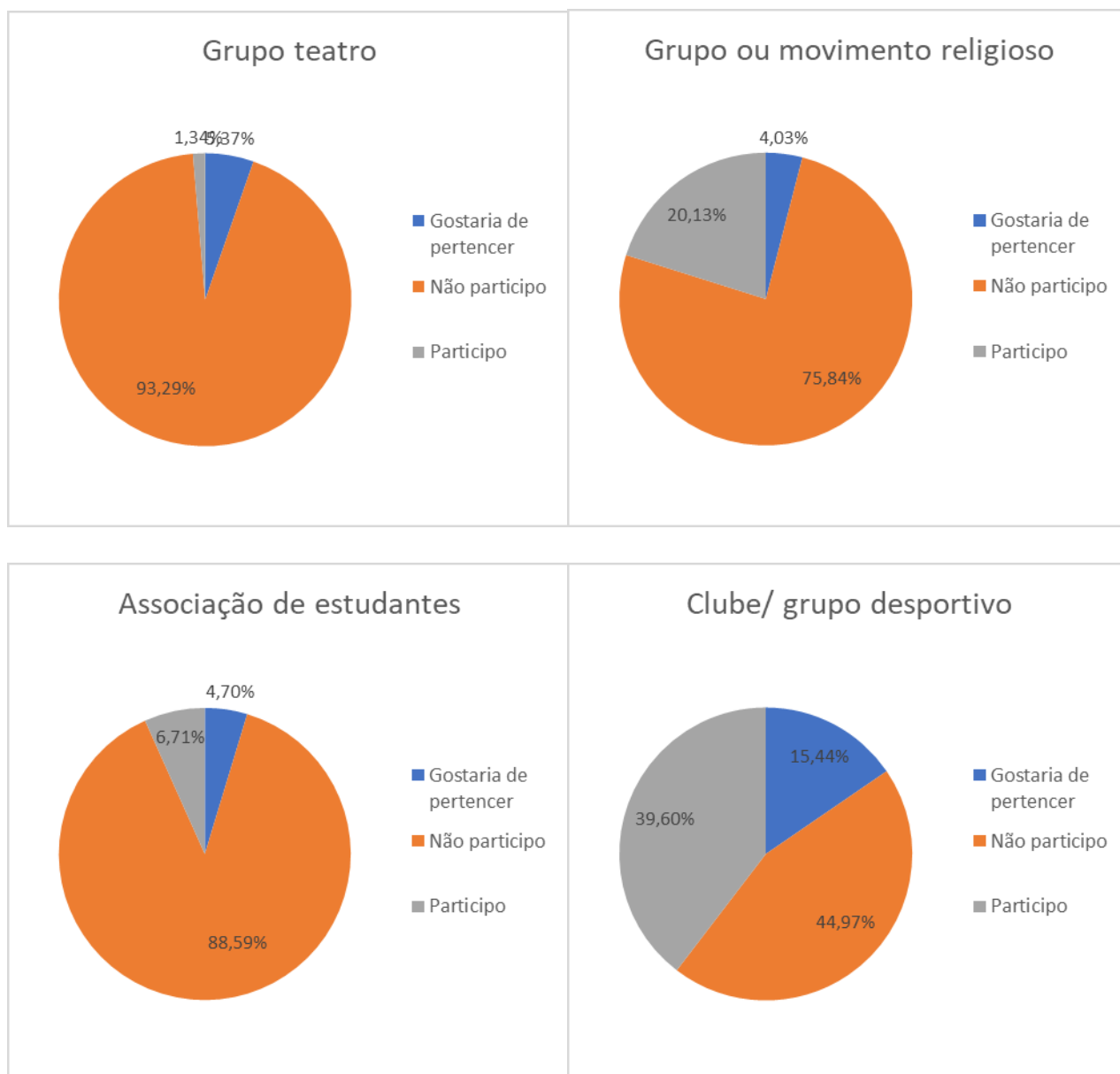
Perante a vida e o futuro, 50,34% dos jovens do cantão de Zurique preparam o seu futuro calmamente havendo, no entanto, um número muito significativo de jovens que vive o dia a dia sem pensar no futuro (25,50%). A dúvida e a preocupação com o futuro também estão bem presentes na vida de 20,81% destes jovens.

Ante o futuro, 47,65% dos jovens acreditam que o que poderá influenciar o seu futuro serão os estudos ou a carreira que estão a fazer. Já 20,81% acredita que a sorte ou o destino é o que mais poderá influenciar o próprio futuro.

Os jovens querem ser acompanhados neste caminho para o futuro. Esta é uma chave para compreendê-los. Acompanhamento significa, porém, ir ao lado deles, e não na frente deles ou atrás deles. Essa atitude torna-se um princípio pedagógico quando o jovem confia no respetivo acompanhante.

2.2.5. As organizações e os jovens





Falar dos jovens e da sociedade é falar da interação dos jovens portugueses na sociedade helvética. E aqui deparamo-nos com uma das lacunas da comunidade portuguesa: a integração. Não é que ela não exista. Apenas ainda não é plena.

Uma vez que os jovens vivem com os pais até uma idade mais tardia, contrariamente aos jovens suíços, os seus relacionamentos não são de integração. Os jovens relacionam-se mais com jovens de língua portuguesa ou de outras nacionalidades. Interação entre portugueses e suíços não é uma prática corrente.

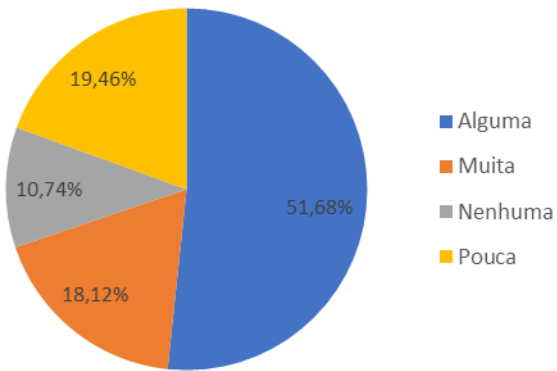
Estes factos podem ser constatados nas respostas à questão “As organizações e os jovens”. Além de a esmagadora maioria não pertencer a qualquer tipo de associação ou movimento, apenas um número muito reduzido gostaria de pertencer. A vida associativa está ainda a um nível muito baixo nos jovens. Esta é uma fase da vida em que os jovens não desejam ter qualquer tipo de comprometimento. É de realçar o facto de 20,13% pertencerem a um grupo ou movimento religioso e de 39,60% a um grupo desportivo.

O que este gráfico deixa evidenciar, e que até podemos achar algo preocupante ou surpreendente, é o facto de a esmagadora maioria dos jovens não terem pretensões, desejos ou vontade de pertencerem a uma organização/ associação. E os que demonstram vontade dão preferência a um associativismo mais lúdico (15,44% gostaria de pertencer a um clube/grupo desportivo)

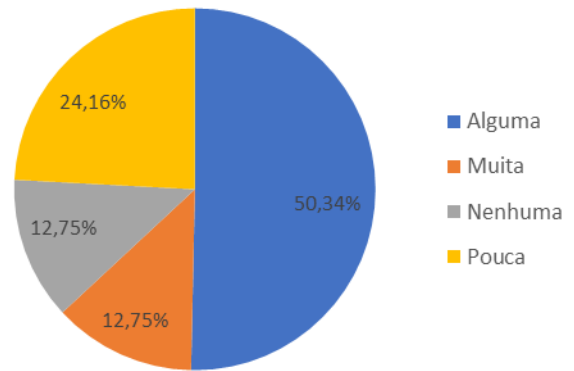
Isto poderá dar-nos a impressão de que o grau de comprometimento para com a sociedade é muito baixo. O “deixar” para os outros, ou o “os outros que façam” é uma característica muito comum na personalidade dos jovens de hoje.

Todavia, há uma questão que impreterivelmente temos de colocar: serão as instituições/ organizações atraentes para os jovens? Possivelmente não. Aos olhos dos jovens, estas associações não são cativantes ou apelativas. Sabemos bem que os jovens da atualidade estão mais fixados em atividades lúdicas que tragam alguma excitação. Deste modo, quando eles não vêm isso preferem ficar em casa a participar em atividades sociais e culturais.

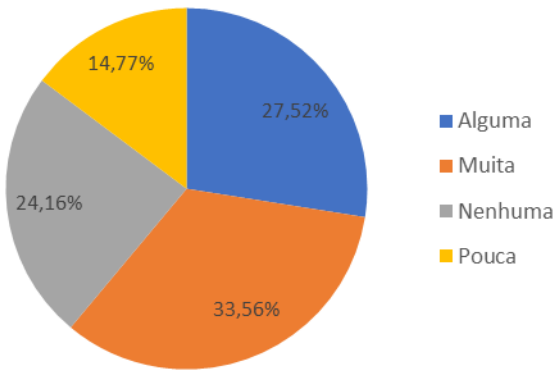
Bancos



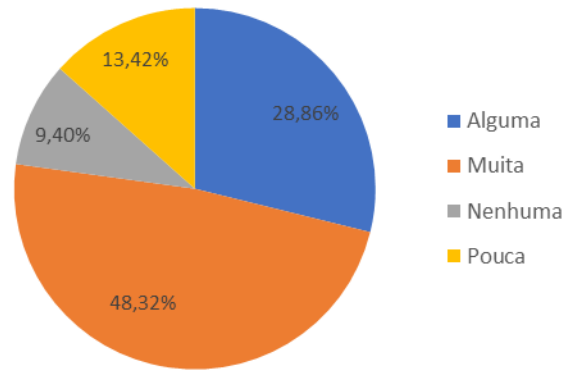
Empresários



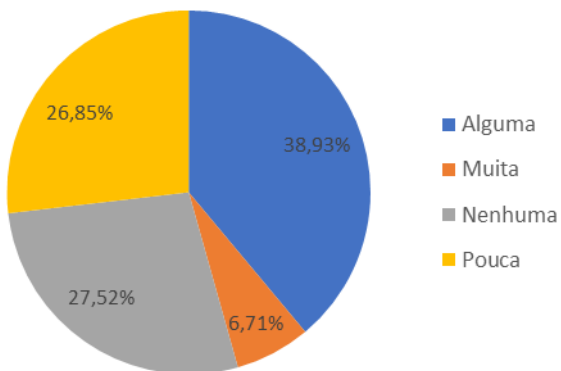
Polícia



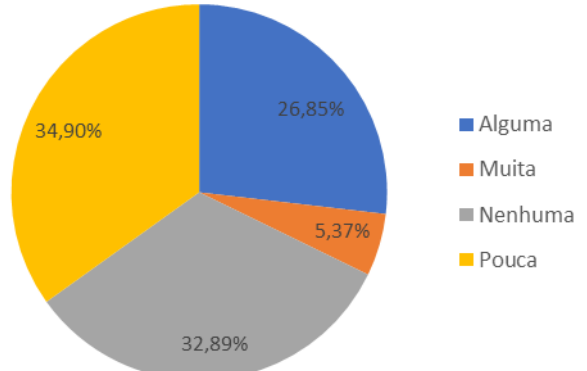
Serviços de saúde

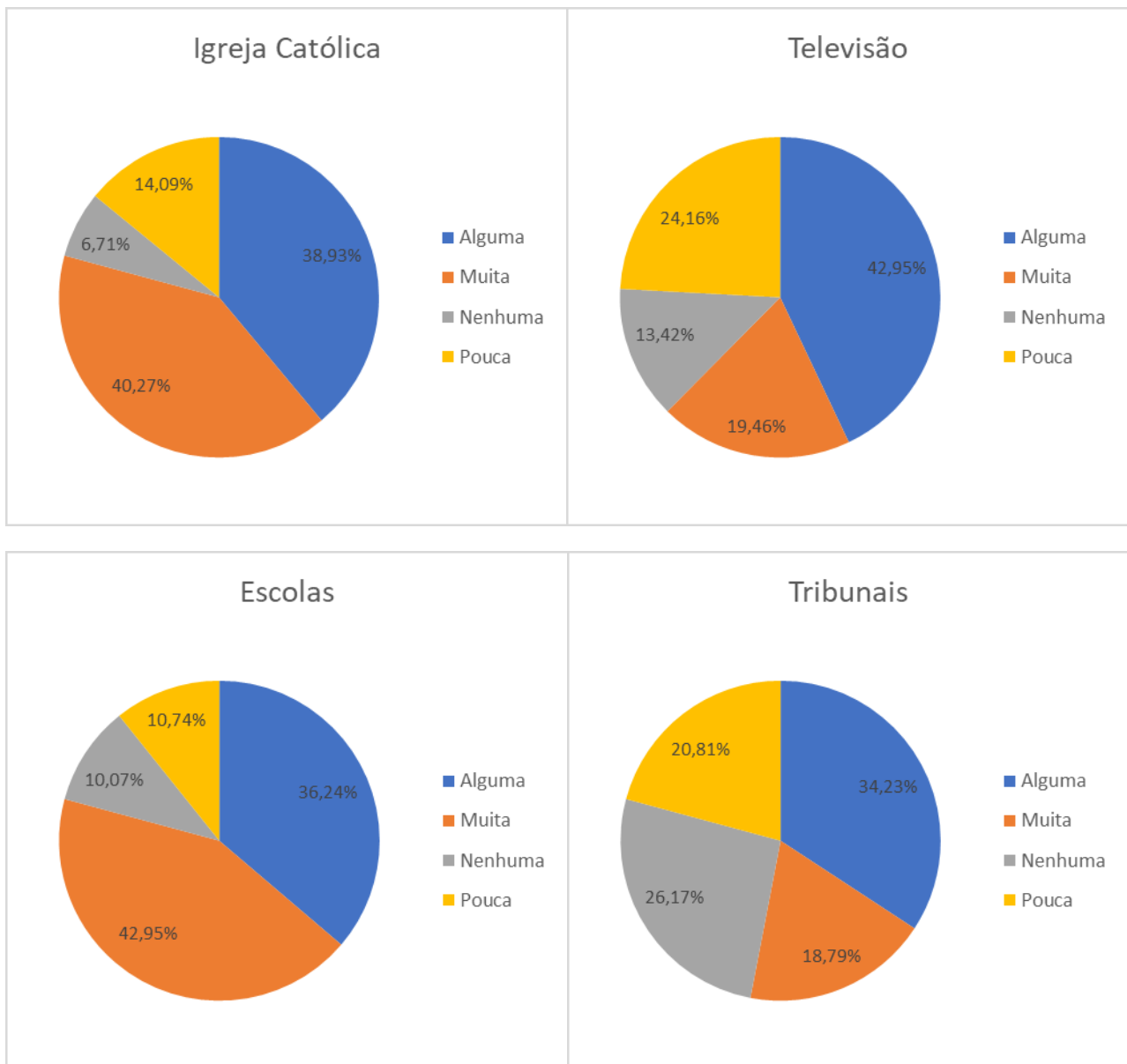


Sindicatos



Partidos Políticos





Olhando para as **instituições**, a Escola, Igreja, Polícia e Saúde são as únicas instituições nas quais os jovens demonstram ter muita esperança, embora dentro destas a Igreja tenha sido a única que obteve respostas mais equilibradas (38,93% - alguma esperança; 40,27% - muita esperança).

Com certeza que a opinião dos jovens relativamente aos bancos poderá ter sido influenciada pela crise no sistema bancário e os escândalos que abalaram e abalam o mundo da banca.

Mais uma vez se evidenciam incoerências nas suas respostas. Cerca de 40% dos jovens deposita muita esperança na Igreja. Comprometer-se com ela, isso já é outra questão.

Pela negativa os partidos políticos, sindicatos e tribunais são os que menos esperança despertam nos jovens. Mais uma vez estas respostas poderão ter sido influenciadas pelo estado atual da política nacional e europeia, embora não seja novo este desinteresse para com a vida política.

Esta pouca esperança também poderá estar relacionada com o facto de vivermos numa cultura predominantemente individualista, onde não se quer investir na defesa de interesses coletivos e/ou assuntos políticos. Claro que a não identificação entre o jovem e a praxis dessa mesma instituição também é muito relevante. Os escândalos que têm surgido no mundo da política e da banca são um bom exemplo disso. Instituições responsáveis pelo bom funcionamento e sobrevivência de uma sociedade são aquelas nas quais os jovens depositam mais esperança.

2.2.6. O que poderá levar a mudar de vida



Quando questionados sobre o que os poderá levar a mudar de vida, 32,89% respondeu a família, logo seguido pela defesa da paz, com 32,21%. Os direitos e as liberdades individuais – 17,45% – e a luta contra a miséria – 16,11% – ocupam o 3º e 4º lugar respetivamente. 16,11% não se identificou com qualquer um dos itens.

A família é, do mesmo modo para o jovem, a célula básica da sociedade, um núcleo a partir do qual eles recebem a estabilidade emocional, equilíbrio e segurança. O conceito de família tem-se vindo a alterar ao longo das últimas décadas, mas o seu valor continua inalterável. Os jovens veem nas famílias o pilar da sociedade. Por isso mesmo, a família aparece quase em pé de igualdade com a paz.

A paz é um bem pelo qual devemos lutar, e os jovens também. Daqui poderemos concluir que os jovens estão preocupados com o bem-estar na sociedade. Uma sociedade conflituosa, sem paz, não é o lugar onde eles queiram viver. É uma resposta natural, uma vez que a fase da vida em que eles se encontram tem tudo menos estabilidade, principalmente a estabilidade emocional. Digamos que eles não estão em paz com eles próprios³⁰.

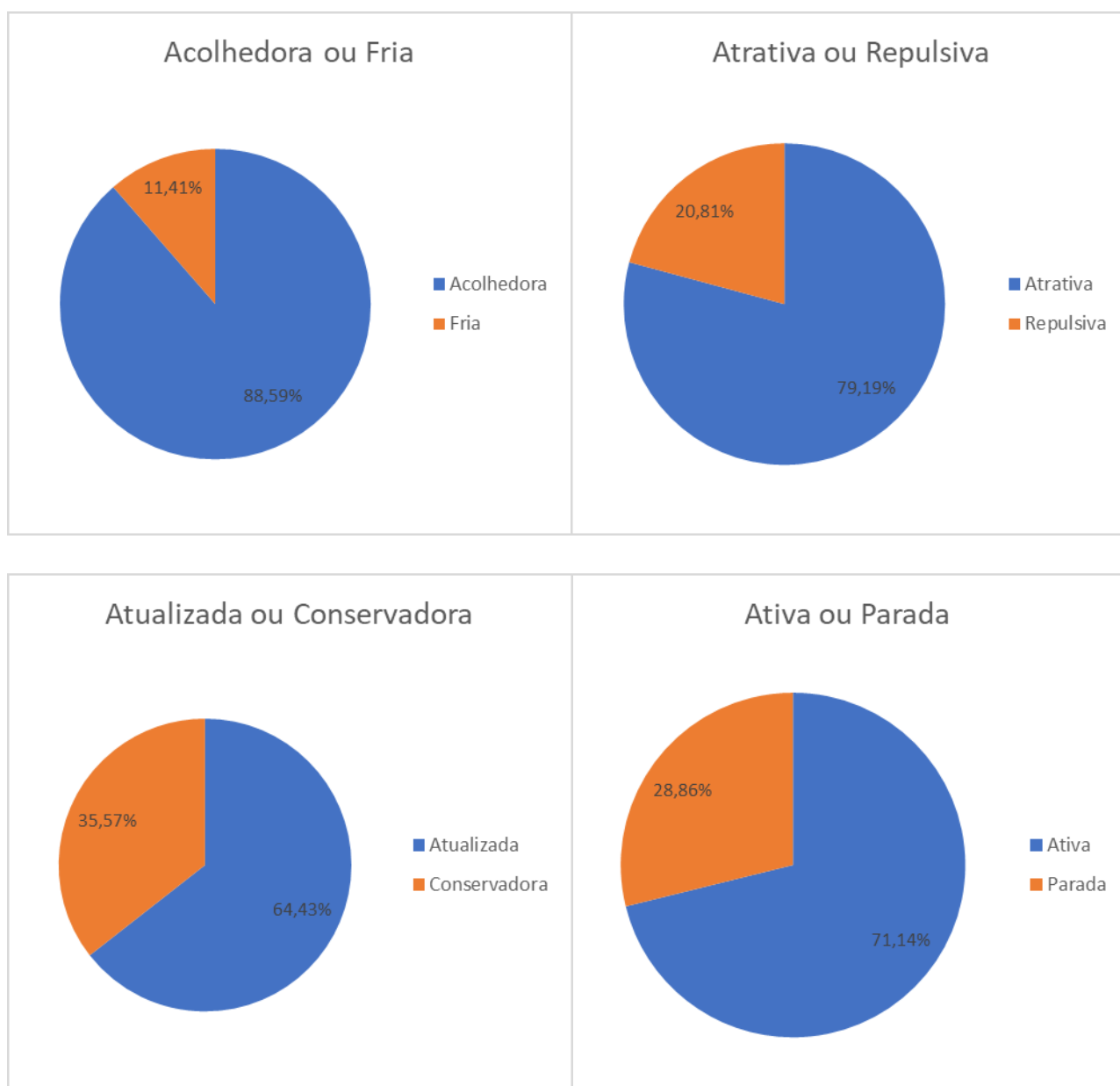
2.3. Os jovens e a Igreja

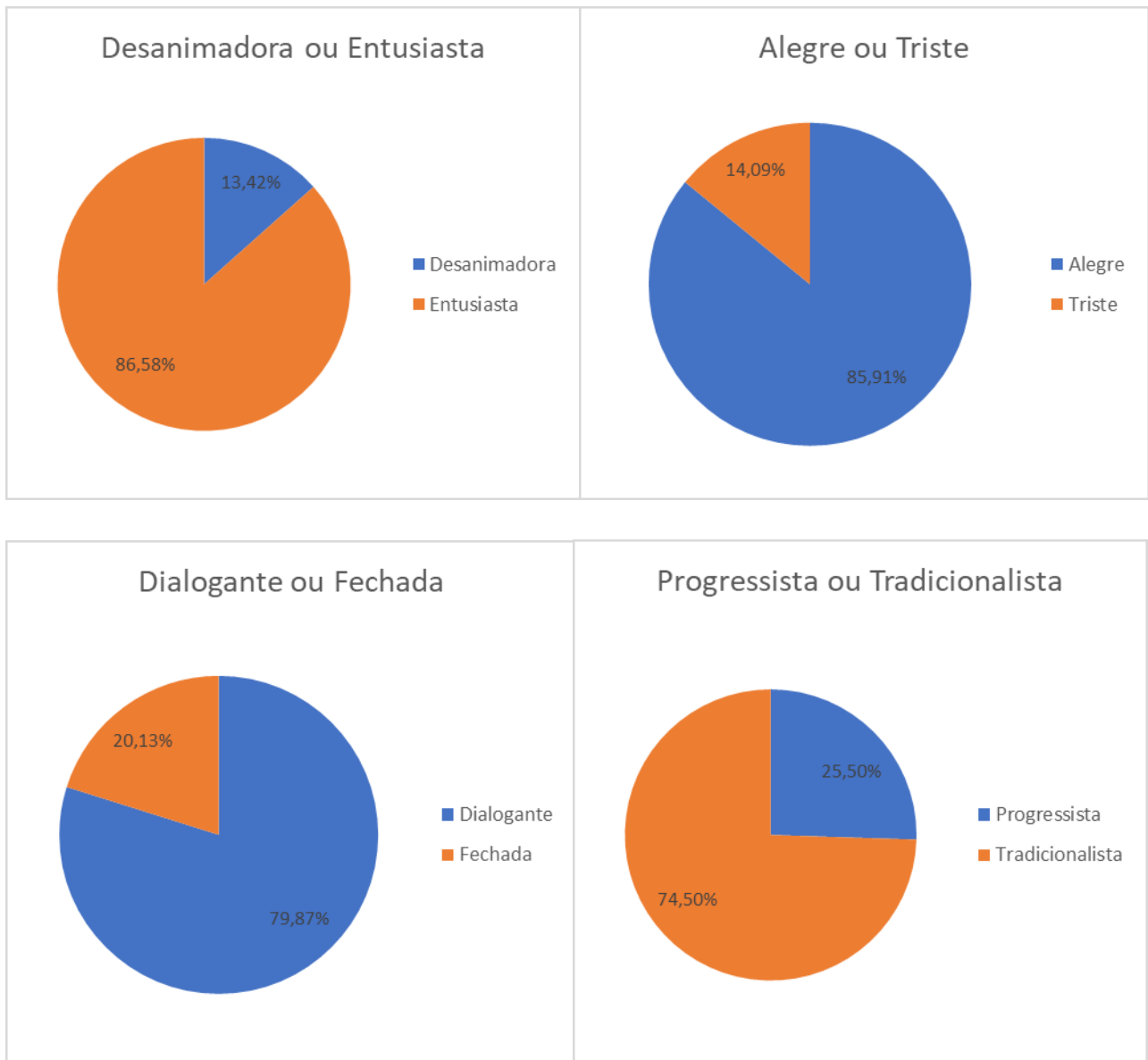
Nesta parte do estudo foram analisadas as respostas dos jovens em relação à sua postura para com a Igreja; à postura dos pais – passada e atual; à forma com eles veem a Igreja e a sua pertença eclesial.

³⁰ Os jovens às vezes procuram experiências significativas de vida. Procuram um sentido para a vida; procuram a felicidade. A maioria quer experimentar as coisas por conta própria e aprender com isso.

Nesta parte da pesquisa, algumas respostas poderão deixar dúvidas. Refiro-me ao facto de estas poderem não refletir a verdadeira opinião dos jovens para com a Igreja. Se repararmos bem, em grande parte das respostas a Igreja é caracterizada de forma muito positiva. E será mesmo assim?

2.3.1. Como eles veem a Igreja?





Sem dúvida que esta foi a parte do questionário que mais incoerências/ incongruências revelou. Não há uma correspondência entre o que é vivido e ouvido com o que foi respondido. Vamos aos factos: assim, 88,59% dos jovens considera a Igreja acolhedora; apenas 11,41% acha a Igreja fria; Igreja é atrativa foi a opinião de 79,19% contra os 20,81% que considera o contrário.

86,58% consideram a Igreja uma instituição entusiasta. Apenas 13,42% acha o oposto. A alegria é uma característica da Igreja sentida por 85,91% contra apenas 14,09% que considera a Igreja uma instituição triste.

No que diz respeito à prática da Igreja, 71,14% dos jovens considera que esta é ativa e 28,86% considera-a parada. 64,43% entendem que a Igreja é uma instituição atualizada no tempo, enquanto 35,57% entende o contrário considerando que a Igreja ainda é muito conservadora.

Também não são grande surpresa os números da resposta à questão “Consideras a Igreja Progressista ou Tradicionalista?”. Aqui, também, um número elevado - 74,5% - classifica a Igreja como tradicionalista, enquanto 25,5% como progressista.

Na sua relação com o mundo exterior, 79,87% dos jovens defende que a Igreja é uma instituição dialogante. Já 20,13% caracteriza-a como fechada.

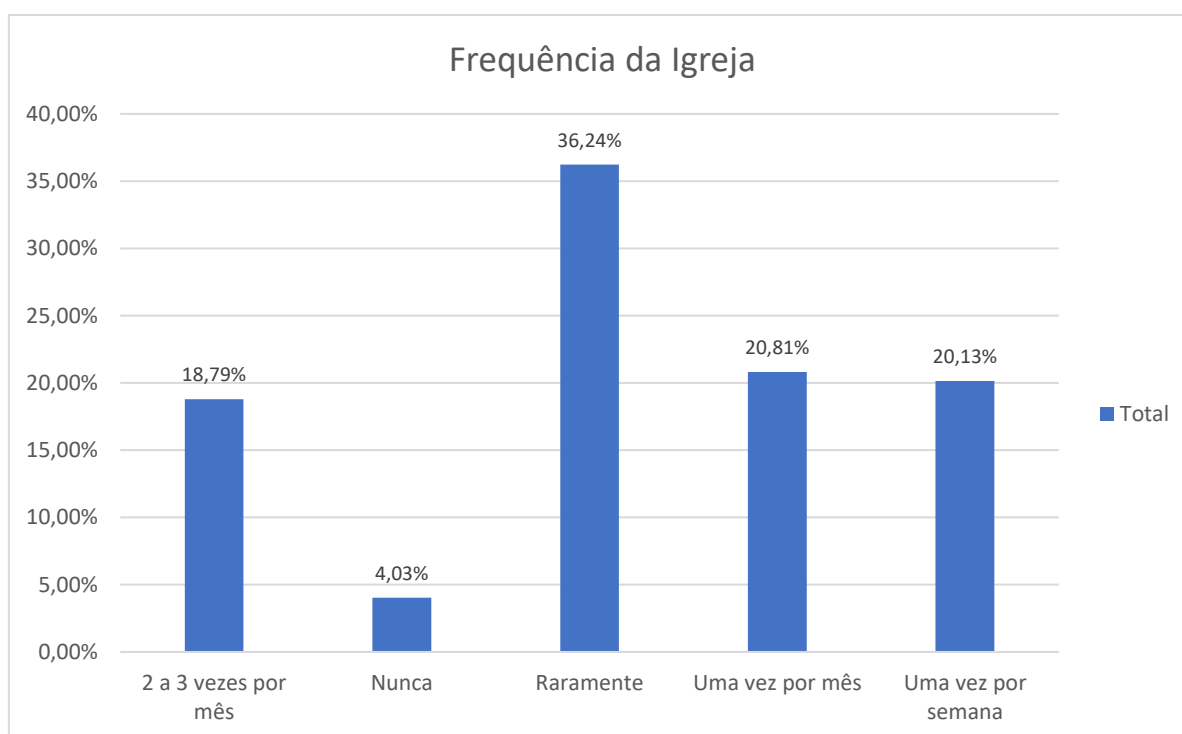
Os jovens gostariam de ver uma Igreja mais aberta e com uma correspondência direta entre o que se diz e o que se faz. Uma frequência regular da Igreja não é sinónimo de fidelidade à Igreja. Cair na rotina, no cumprimento escrupuloso da Lei leva a um desvirtuamento daquilo que deveria ser a verdadeira mensagem cristã.

Nas últimas décadas a atitude da Igreja tem-se vindo a alterar substancialmente. Paulo VI foi o primeiro a dar este passo. Ele quis que a postura de Igreja fosse mais dialogante. Infelizmente tem sido tarefa árdua pois nem sempre dialogar é fácil, muito menos com uma Igreja que sempre se preocupou mais em anunciar do que em escutar.

Estes números até nos podiam dar alguma satisfação, mas na verdade não o devem, pois a correspondência entre o que se afirma e o que se vive é bem diferente. Estaremos a dizer que estes dados não estão corretos? Não terão sido os jovens totalmente sinceros? Até podem ter sido, mas isso não quer dizer que, mesmo considerando a Igreja - de uma forma geral - uma instituição importante para eles, os jovens não apontem críticas e sugestões.

Esta forma de pensar pode, por exemplo, significar que os 20,13% que consideram a Igreja fechada ou os 28,86% que a consideram parada, podem não corresponder à realidade.

2.3.2. A frequência da Igreja



Sendo a Igreja uma instituição com tantas características positivas esperava-se, então, que os jovens fossem mais participativos na vida da Igreja, e podemos ver que não é bem assim...

Apenas 20,13% vai à igreja uma vez por semana. À primeira vista podemos achar um valor muito baixo. E é-o de facto. Mas se compararmos com os dados da frequência dominical, afinal não são assim tão maus. Principalmente se compararmos com os dados da frequência dominical na Suíça³¹. Se a taxa de frequência da eucaristia

³¹ Cf. Bundesamt für Statistik. Disponível em <https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen/religionen.html>.

dominical em Portugal é mais baixa, então porque será que os jovens são mais assíduos cá em Zurique? O que os motiva? O que os move? A resposta não é fácil, nem haverá apenas uma só razão. Pela minha experiência, a ida à eucaristia dominical mais do que um sinal de fé, é mais uma forma de socializar, uma vez que durante a semana tal não é possível.

18,79% dos jovens refere que vai à igreja uma a duas vezes por mês. Se juntarmos a este valor o anterior teremos, agora, um valor que podemos considerar interessante. Desta forma, 39% dos jovens vão à igreja pelo menos duas a 3 vezes por mês.

Analisando a presença por sexo, podemos verificar que o sexo feminino é o que mais frequenta a igreja, em detrimento do masculino. Já a faixa etária mais representativa na frequência dominical é, sem surpresa, a que vai dos 15 aos 17 anos. Embora não sejam os valores ideais, a verdade é que são números que nos devem fazer abrir os olhos e ver a realidade que temos à nossa frente. O facto é que as assembleias dominicais da Missão Católica Portuguesa de Zurique em nada têm a ver com as assembleias dominicais em Portugal ou mesmo com as assembleias das paróquias locais.

Pelo facto de sermos um país de emigração, as gerações mais velhas não permanecem na Suíça, mas retornam à sua terra natal. Isto vem fazer com que o número de pessoas com mais de 65 anos nas nossas comunidades seja irrelevante.

Se temos assim uma assembleia tão jovem, embora se denote uma diminuição da sua presença, há duas questões que nos devem fazer refletir: este número deve-se ao trabalho das pessoas responsáveis pelas comunidades portuguesas? Não estarão os responsáveis a desperdiçar uma boa oportunidade de trabalhar de forma ainda mais assertiva com os jovens?

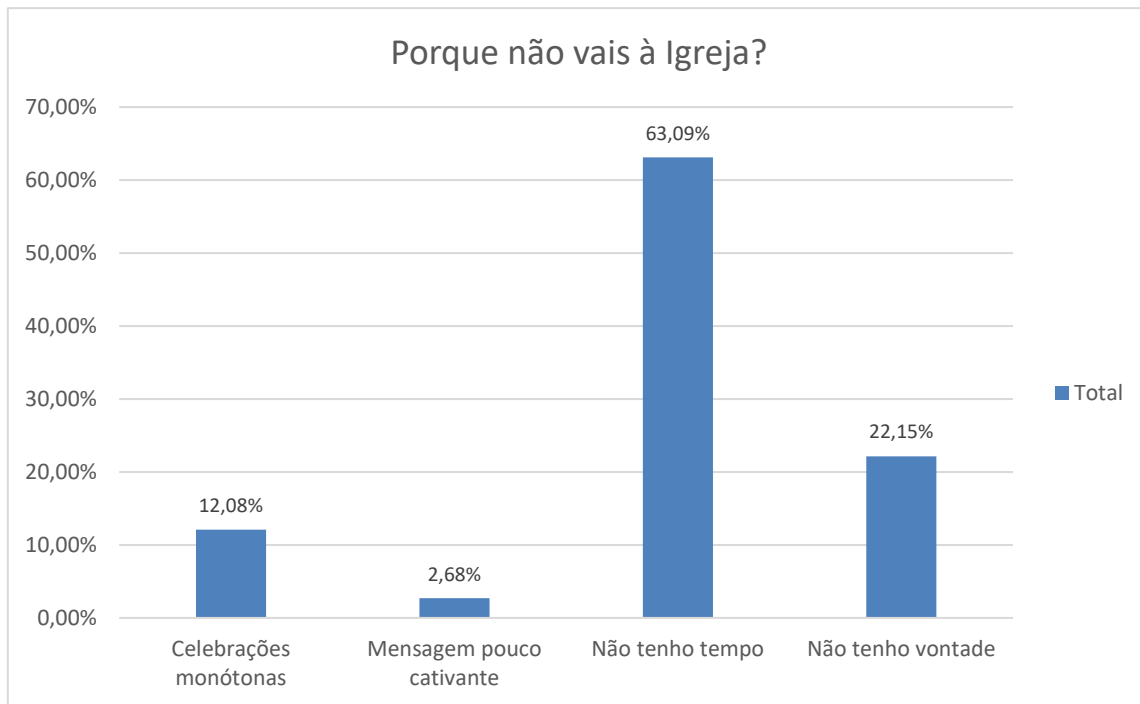
A bem da verdade, o trabalho “mais” complicado está feito, ou seja, eles estão lá. Agora é preciso levar a sério o trabalho com os jovens pois serão os nossos sucessores. São eles o futuro da Igreja. Não será tempo de sair da zona de conforto e abandonar de vez uma pastoral de manutenção?

21,13% dos jovens frequenta a igreja uma vez por mês, 36,24% raramente e 4,03% nunca. Se juntarmos estes dois últimos números teremos um valor muito significativo, ou seja, aproximadamente 40% dos nossos jovens tem uma frequência da igreja quase nula.

Alguns destes valores compreendem-se pelo facto de não haver uma ligação a uma paróquia. Aqui, as famílias portuguesas residem numa paróquia, mas a única ligação que tem com elas é apenas tributária. Esta falta de referência pode levar a uma dispersão ou desligamento da Igreja.

Para se manter essa ligação com uma igreja de cultura portuguesa alguns milhares de portugueses têm de fazer algumas dezenas de quilómetros. Juntando a isto, o facto da comunidade portuguesa estar muito focada no trabalho e conseqüentemente trabalhar até aos fins-de-semana, deixa pouco tempo para descansar. E na ótica de muitos deslocar-se à igreja é estar a retirar tempo de descanso.

Em suma, muitos jovens relataram pouca mudança nos seus níveis de frequência da Igreja. A sua crescente independência e maior consciencialização podem ter levado a essas alterações. Outros alteraram os seus hábitos devido à diminuição do seu compromisso e conexão com a Igreja.



Quando interrogados do porquê de não irem à igreja, 63,09% refere que não tem tempo, pois ocupam a vida com outras opções que eles consideram mais importantes. Esta resposta segue um pouco na linha de pensamento da questão anterior. O tempo livre que os jovens têm é tão pouco que os leva a prescindir da frequência da Igreja. Muitos jovens continuam a dizer que têm pouco tempo para algumas das coisas de que gostam. Concentrar-se em si mesmo pode parecer egocêntrico.

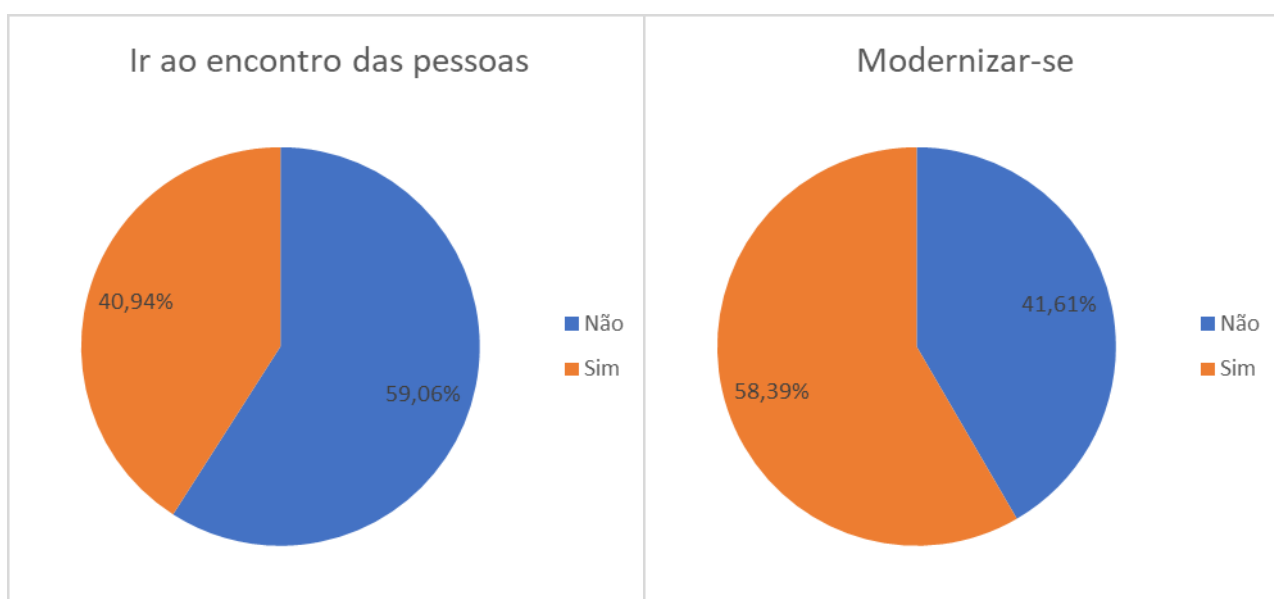
À medida que os jovens se vão desenvolvendo rumo à idade adulta, vai crescendo, também, a independência e a liberdade pessoal, uma vez que estes vão sendo expostos a novas oportunidades e circunstâncias. E não é pelo facto de pertencerem a uma família católica que a frequência aumenta, uma vez que muitas destas famílias, embora se auto intitulem católicas, não têm uma prática religiosa. Deparamo-nos, então, com um sinal de que se falhou na transmissão da tradição cristã às novas gerações.

A falta de vontade é também significativa. 22,15% refere não ter vontade em ir à igreja. 12,08% não vai porque acha que as celebrações levadas a cabo pela Missão Católica Portuguesa são monótonas e 2,69% considera a mensagem pouco cativante.

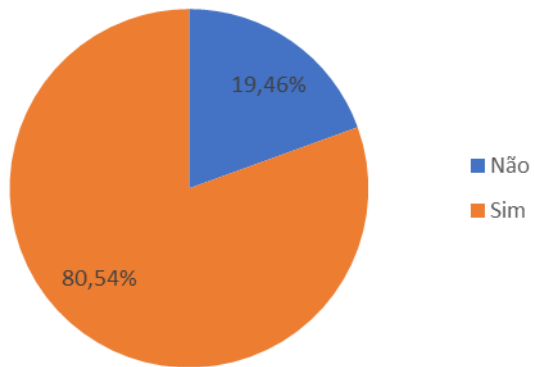
Hoje deparamo-nos com um clima frio nas nossas celebrações, tornando-as apáticas e pouco ou nada cativantes. A Igreja deve criar instrumentos que ajudem as pessoas a sentirem-se bem no corpo e no espírito. É este bem-estar que os jovens também procuram.

Enquanto algumas das razões gerais para não participar giravam em torno de objetivos práticos, como ganhar dinheiro e estudar, outras razões podem ter a ver com as atitudes e crenças dos jovens atuais sobre a espiritualidade e a Igreja. Um comentário muitas vezes ouvido foi que “não era essencial ir à igreja para acreditar em Deus e ser um cristão” e que a “Igreja era chata, repetitiva e antiquada”. No entanto, a justificação poderá estar na incapacidade dos jovens compreenderem e de se conectarem com a linguagem e a cultura da igreja.

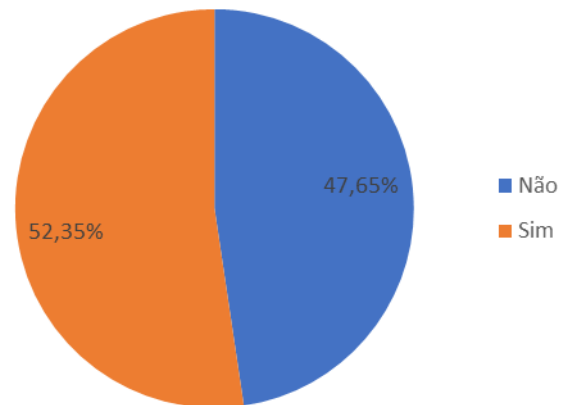
2.3.3. O que a Igreja deveria fazer



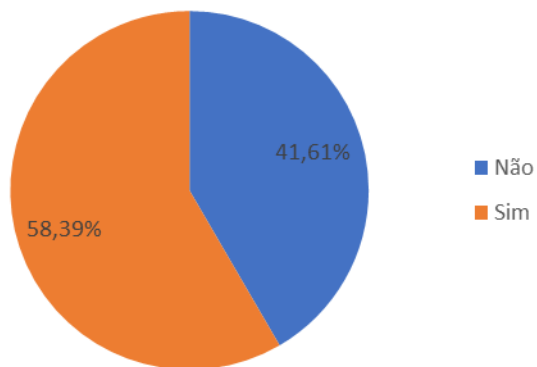
Apoiar os jovens nos seus problemas/projetos



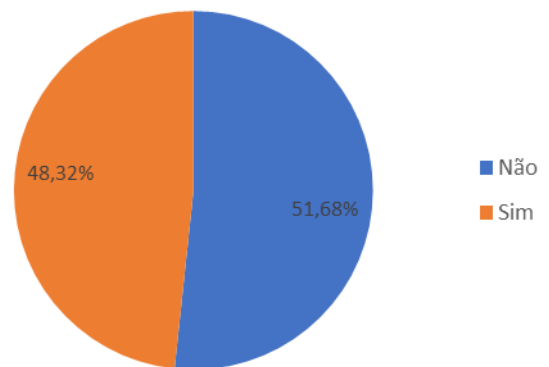
Permitir uma maior participação



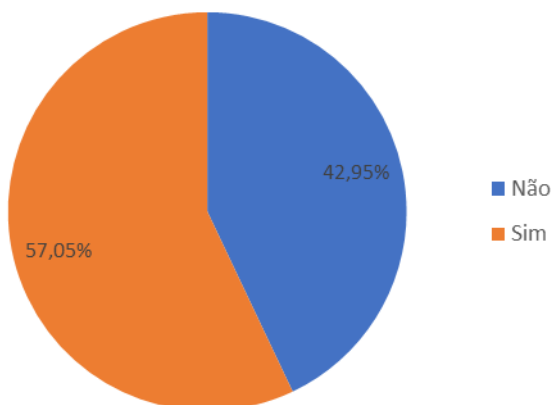
Tornar a prática religiosa mais cativante



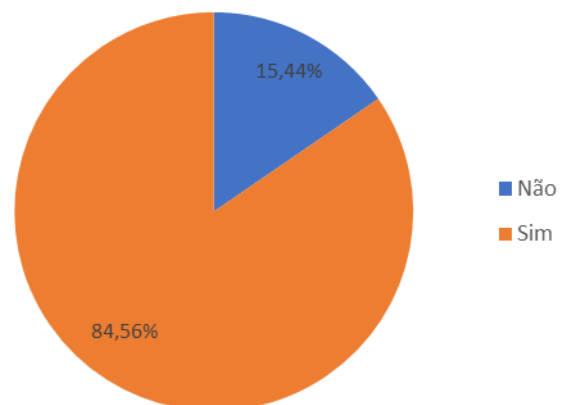
Ter mais compreensão sobre a moral sexual

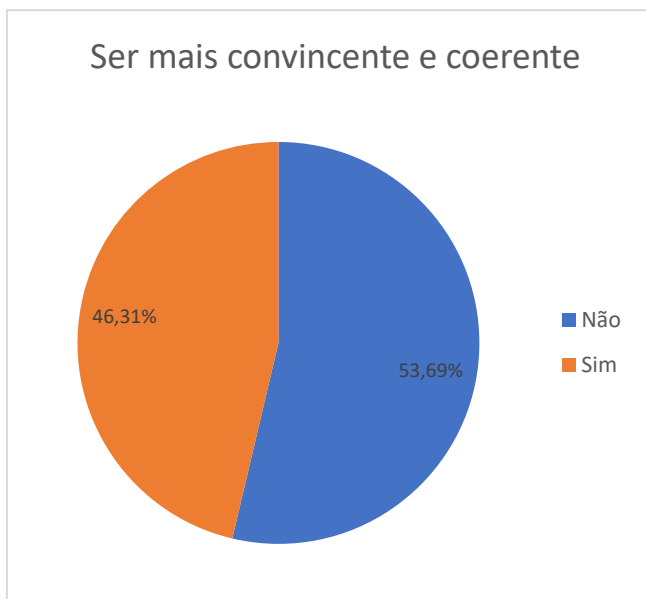


Ser mais simples e menos formal



Escutar os jovens





Quando interrogados sobre quais as medidas que a Igreja deveria tomar, o “apoio aos jovens e aos seus problemas” (84,54%) e o “escutar os jovens” (84,56%) foram as respostas que mais se destacaram.

Uma “Igreja mais simples e menos formal” é o desejo de 57,05% dos jovens, e uma “Igreja com uma prática religiosa mais cativante” é a vontade de 58,39%.

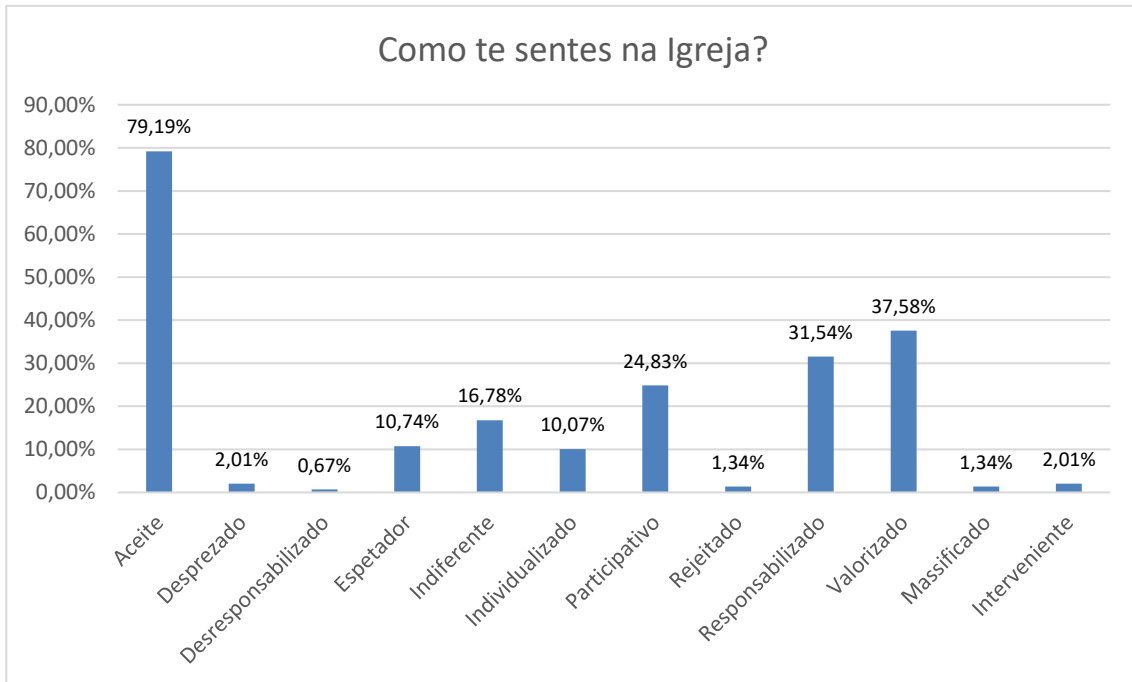
A “modernização da Igreja” é uma aspiração de 58,39%. Realmente não deixa de ser caricata esta resposta principalmente quando 64,43% dos jovens considera a Igreja uma instituição atualizada³².

Embora não se destaque nem pela positiva nem pela negativa, a verdade é que 46,31% quer uma “Igreja mais convincente e coerente” e 48,32% que ela tenha uma “maior compreensão da moral sexual”.

Os jovens pedem uma Igreja excitante para a idade deles. Uma Igreja que promova um maior envolvimento dos jovens. É fundamental que eles tenham papéis específicos que lhes permitam participar e contribuir para o crescimento da comunidade.

³² Cf. “Como eles veem a Igreja”, pp. 43-46.

2.3.4. Sentimentos perante a Igreja



Muitas vezes ouvimos, sobretudo da boca dos jovens, que a Igreja tem as portas entreabertas para os jovens. Contudo, 79,19% dos jovens do cantão de Zurique sentem-se aceites na Igreja, embora apenas 37,58% se sentem valorizados. 31,54% dos jovens sentem-se responsabilizados e 24,83% participativos. Pela negativa, 16,78% dos jovens revelam sentir-se indiferentes. Apenas 1,34% sentem-se rejeitados e 2,01% desprezados.

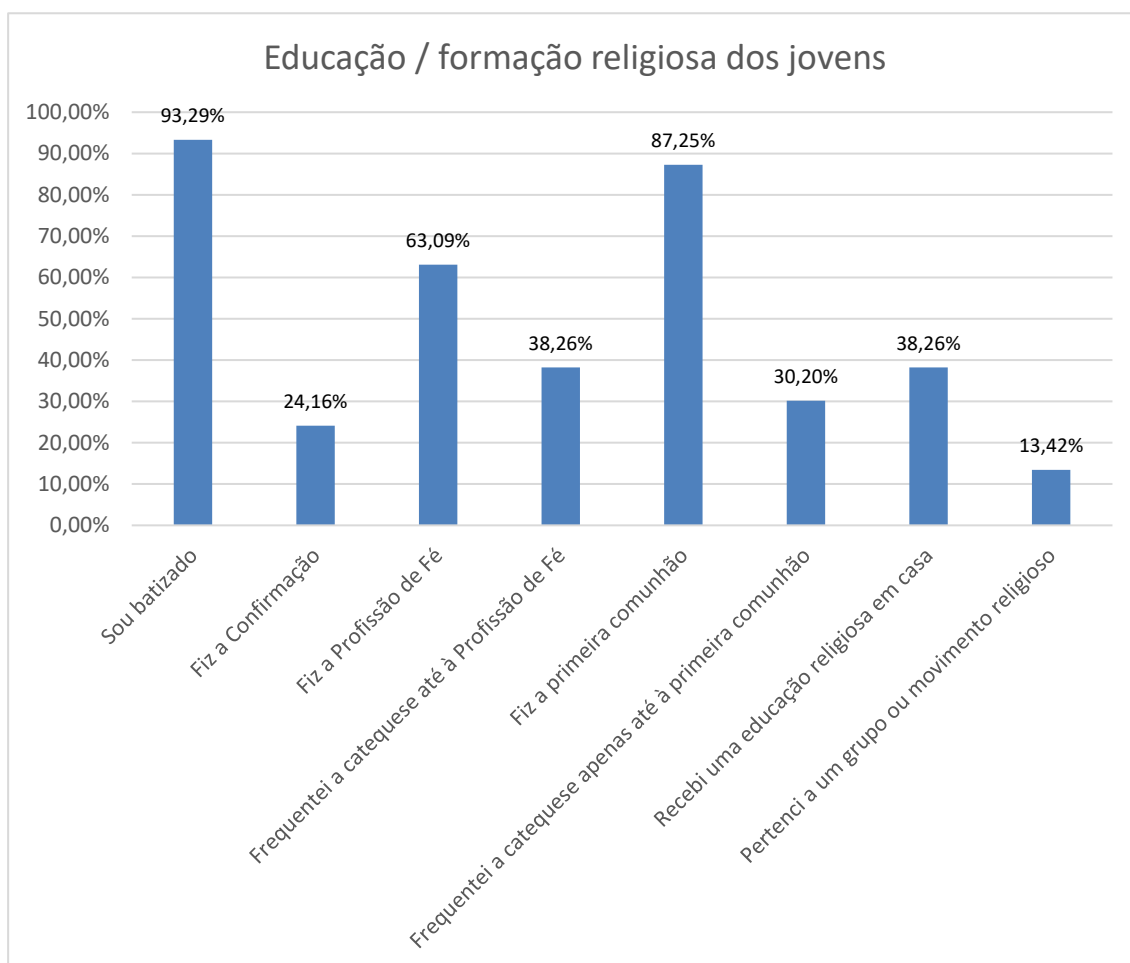
Em relação a esta questão, não posso deixar de realçar o facto dos jovens de Zurique se sentirem aceites e um número significativo valorizados e participativos.

Estes valores poder-se-ão explicar, ou poderão ser fruto de uma aposta que a Missão Católica do cantão de Zurique fez no campo da catequese. Aqui falamos da catequese da infância, como também na catequese de jovens, nomeadamente na preparação para o Crisma. No entanto, o caminho é longo e “penoso” devido a todas as especificidades próprias de um trabalho de missão linguística.

Quem trabalha diretamente com os jovens sente que eles se sentem bem na Igreja, embora apontem algumas falhas que já foram identificadas, nomeadamente a monotonia das eucaristias.

As dificuldades de aceitação que alguns referem poderão ter a ver com o facto de a sua postura e maneira de ser “chocar” com a forma de ser de alguns fiéis. Em conversas paralelas, alguns referem que são alvo de críticas quando querem fazer algo diferente.

2.3.5. Educação/ formação religiosa dos jovens



Na sociedade atual a educação religiosa dos jovens tem sido um tema em destaque. Muito se fala da necessidade de se apostar na formação dos animadores e catequistas, pois as sementes que hoje semearmos serão o fruto que amanhã colheremos.

Da totalidade dos jovens inquiridos, “apenas” 6,71% referiram que não são batizados, resultando numa taxa de 93,29% de jovens batizados.

No que diz respeito à Primeira Comunhão, 87,25% receberam este sacramento e 63,09% fizeram a festa da Profissão de Fé. Esta última culturalmente importante na Suíça.

Já em relação ao sacramento da Confirmação, apenas 24,16% receberam este sacramento.

Neste gráfico não deixa de ser interessante realçar a disparidade de valores entre o número de jovens que frequentaram a catequese e os que depois celebraram a Profissão de Fé. Por exemplo, 38,26% afirma que frequentou a catequese até à Profissão de Fé, mas 63,09% celebraram esta festa. Isto lança por si só uma dúvida inquietante: como puderam receber os vários sacramentos e/ou celebrações sem frequentar a formação religiosa básica? A resposta a esta questão não é assim tão complicada. Tem a ver com a forma como a estrutura da Missão Católica Portuguesa valorizava a catequese. Infelizmente até há bem poucos anos frequentar a catequese não era importante, e pior, não era condição obrigatória (*sine qua non*) para receberem os sacramentos.

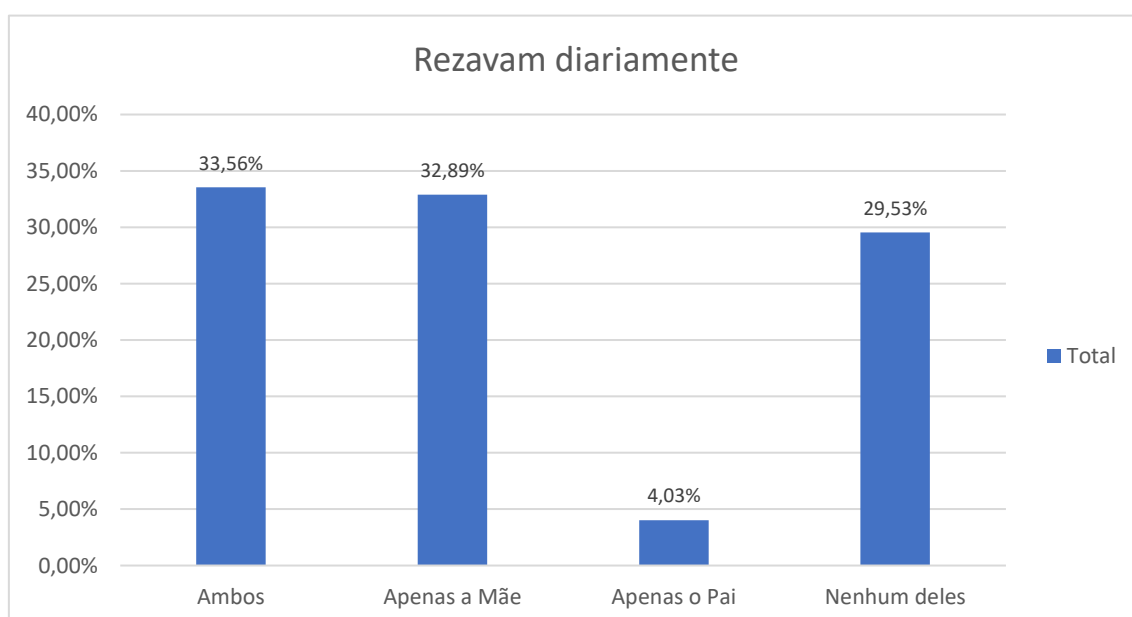
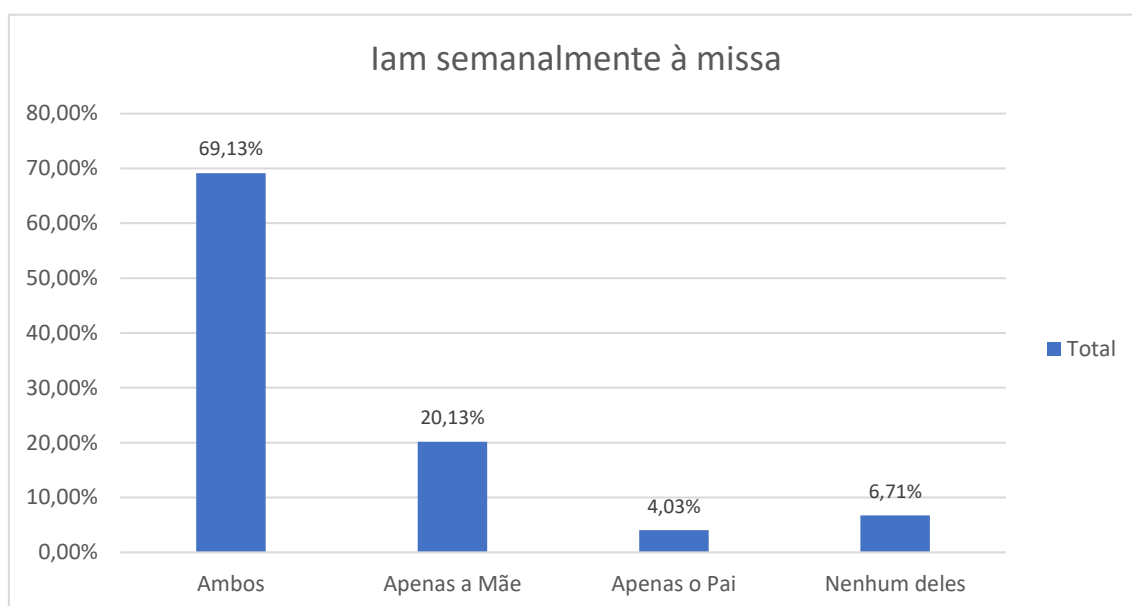
A baixa frequência da catequese também se pode explicar pelo facto de apenas 38,26% dos jovens afirmarem que receberam uma educação religiosa. Assim sendo, a esmagadora maioria não recebeu uma formação/ educação religiosa. Isto terá, com toda a certeza, consequências no futuro religioso destes jovens e no seu compromisso para com a Igreja.

Mais baixo ainda é o número de jovens que pertenceu a um grupo religioso (13,42%). Este valor explica-se pelo facto de os jovens não se quererem comprometer

com nada, tal como vimos nas respostas à questão “as organizações e os jovens”³³. Antes de se comprometerem os jovens desejam primeiramente experienciar. Em vez de depender da tradição de onde vieram, é mais provável que os jovens analisem e avaliem de forma contínua as suas vidas de acordo com suas próprias experiências³⁴.

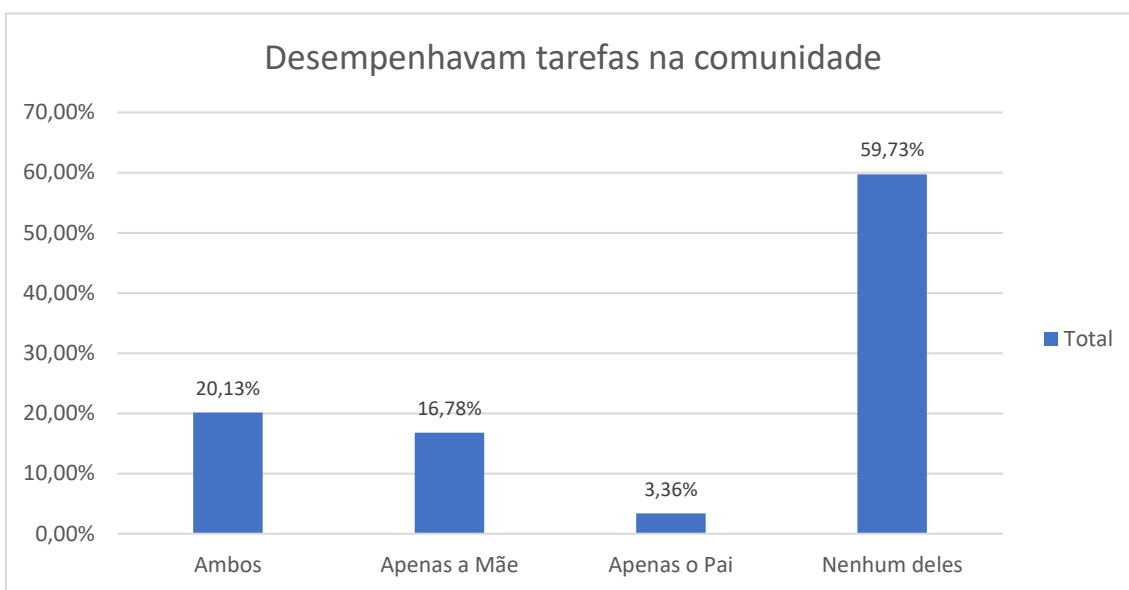
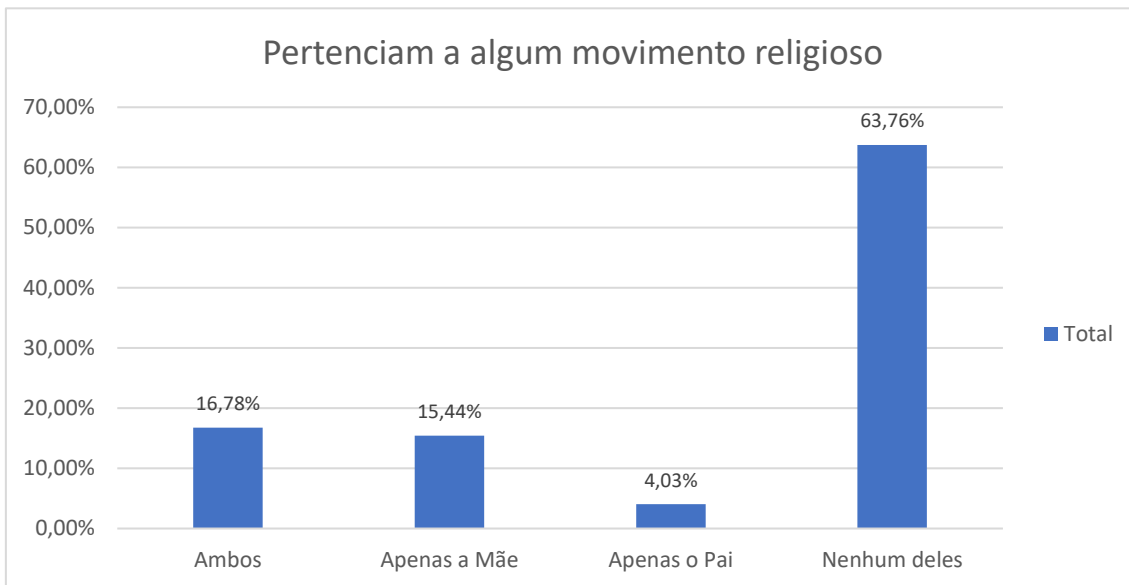
2.3.6. Prática religiosa dos pais

Antes

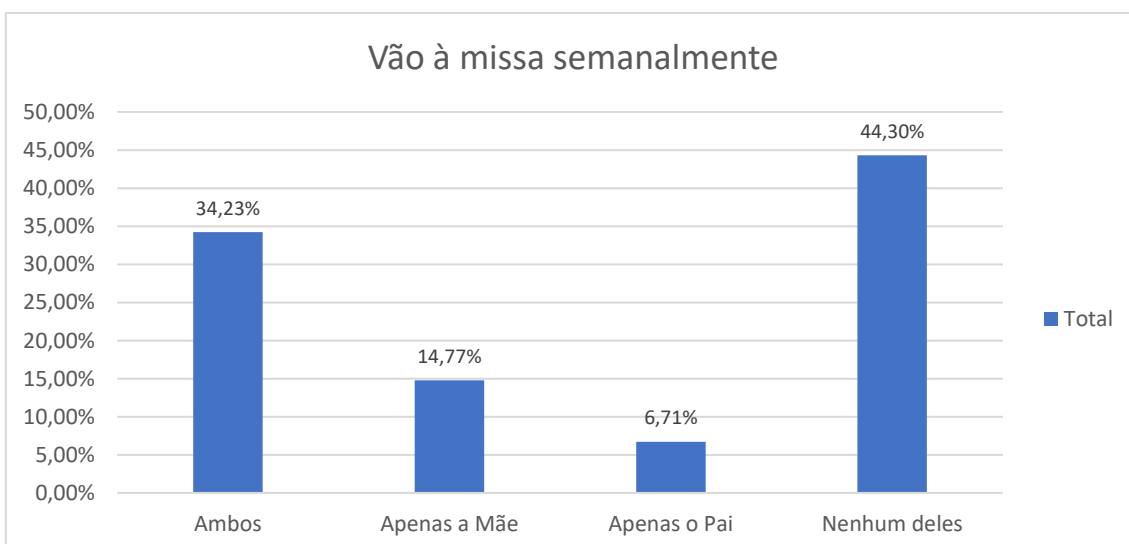


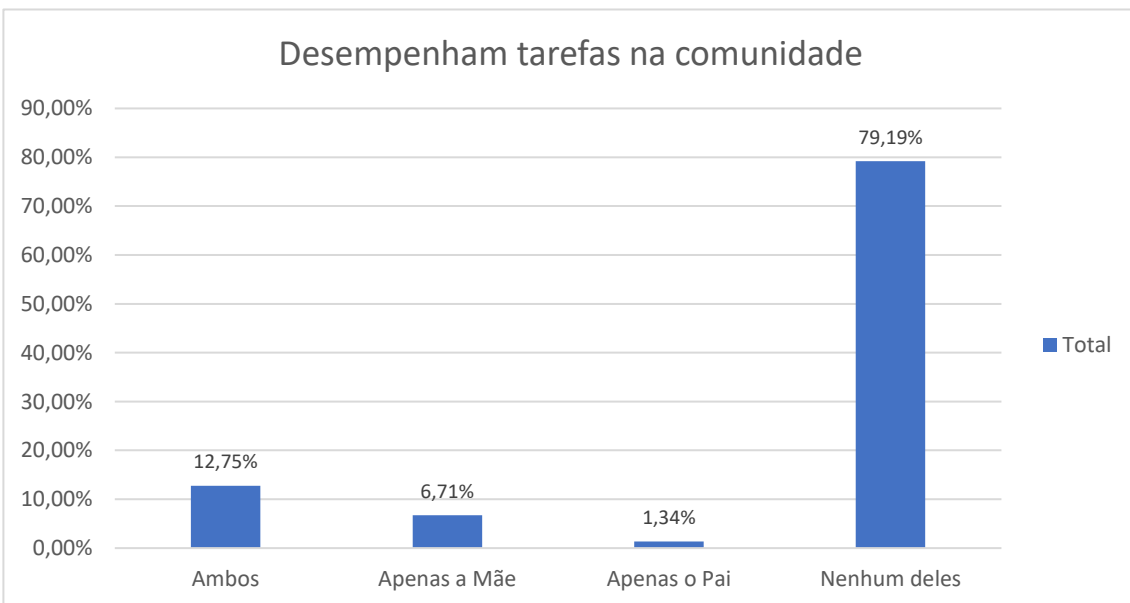
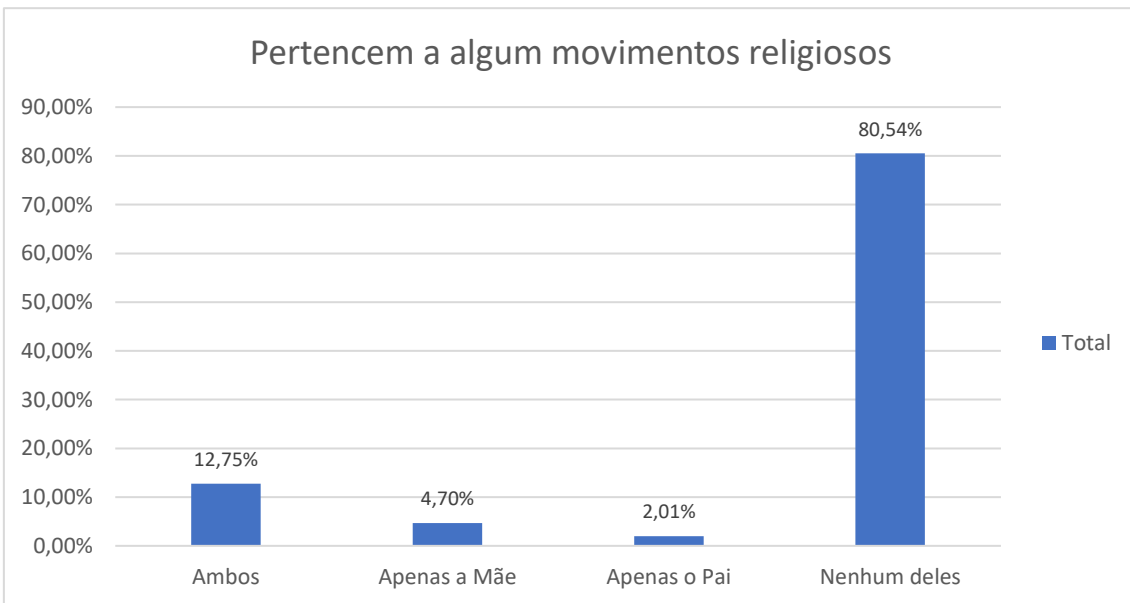
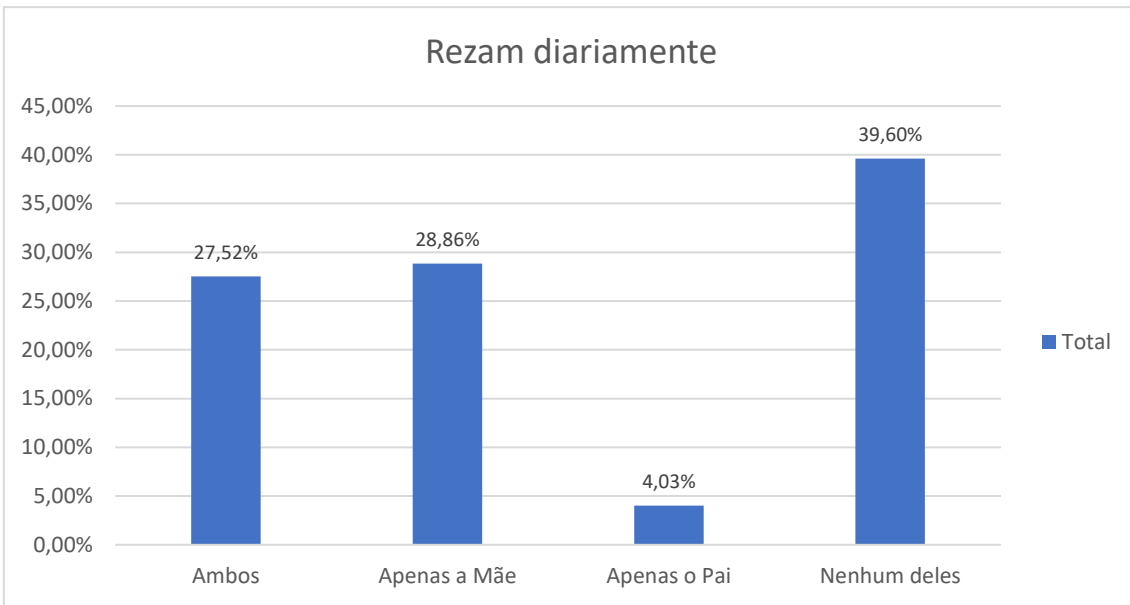
³³ Cf. página 36-41.

³⁴ Cf. GIDDENS, Antony, *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press, pp 75.



Atualmente





Nesta questão podemos ver uma grande alteração entre a prática religiosa dos pais quando os filhos tinham 10 anos e atualmente.

Inicialmente até poderíamos ter a tentação de justificar a disparidade de respostas com a mudança de país. Mas a verdade é que 75% dos jovens referiu que os seus pais estão na Suíça há mais de 10 anos. Por conseguinte, a diminuição da prática religiosa não é uma consequência direta da emigração, pelo menos para a esmagadora maioria.

Assim, podemos ver que há 10 anos 69,13% refere que ambos os pais tinham prática religiosa – iam à eucaristia semanalmente – enquanto atualmente são metade (34,23%).

Há 10 anos 33,56% rezavam diariamente (ambos os pais) e 32,89% refere que apenas a mãe rezava. Nos dias de hoje são 27,52% e 28,86% respetivamente. Aqui, como podemos evidenciar, não se nota uma alteração muito significativa. Deixaram de rezar diariamente, é verdade, mas em número pouco significativo.

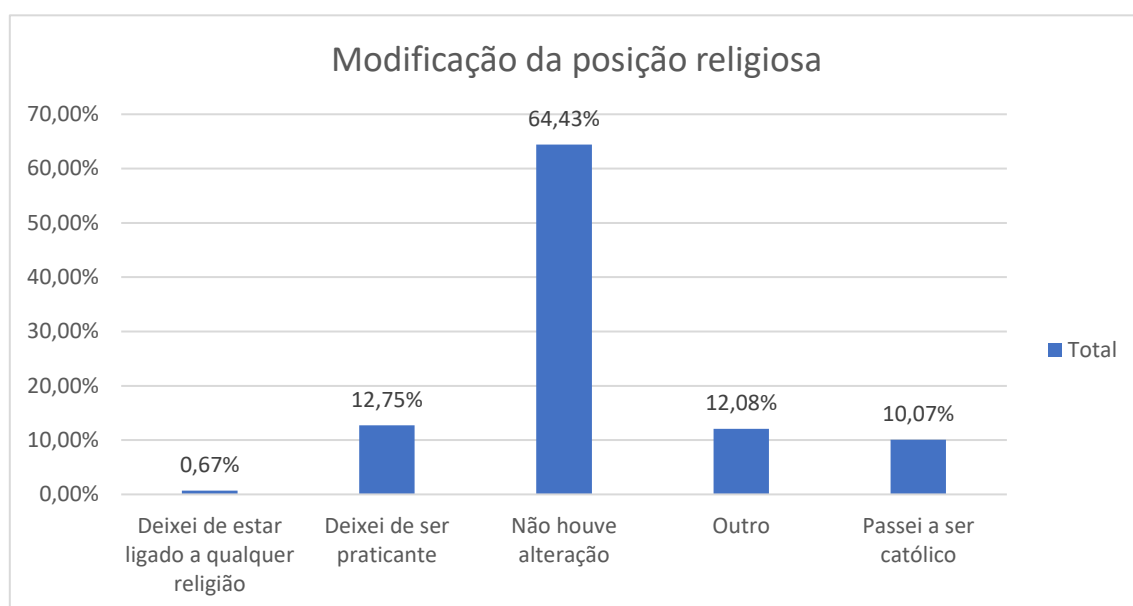
Quanto à pertença a um grupo religioso a diminuição é mais significativa. Há 10 anos 16,78% dos pais (ambos) pertencia a um grupo/ movimento religioso e 15,44% apenas a mãe. Atualmente os valores desceram para 12,75% no caso de ambos os pais e 4,7% para apenas a mãe.

No que concerne a tarefas desempenhadas na vida da comunidade, denota-se também uma diminuição: 20,13% (ambos) e 16,78% (apenas a mãe) estavam comprometidos com a vida da paróquia, contra os atuais valores de 12,75% (ambos) e 6,71% (apenas a mãe).

Como tem sido já uma prática habitual, a participação e compromisso dos homens na Igreja é sempre muito inferior à participação das mulheres.

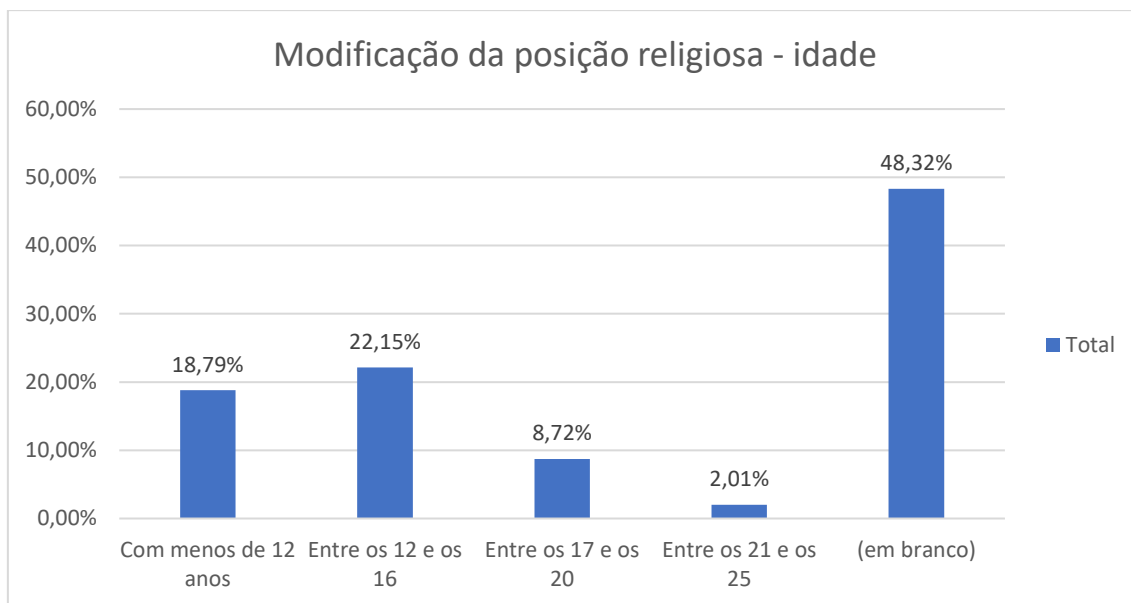
Num cômputo geral, podemos observar que, atualmente, em todos os itens a maioria dos pais não revela uma prática religiosa digna de destaque, onde a resposta “nenhum deles” foi a opção mais selecionada. O comprometimento dos jovens para com a Igreja não deixa de ser um reflexo do comprometimento dos próprios pais.

2.3.7. Mudanças da posição religiosa



Quando questionados sobre a modificação da sua postura para com a religião, 64,43% dos jovens afirmou não ter havido qualquer alteração, enquanto 35,57% respondeu positivamente a essa alteração. Deste modo, 12,75% deixou de ser praticantes, 10,07% passou a ser católico, 0,67% deixou de estar ligado a qualquer religião e 12,08% mencionou outros motivos para essa modificação.

Interessante não deixa de ser o facto de 10,07% ter afirmado que passou a ser católico, entrando em contraponto com os 0,67% que deixou de estar ligado a qualquer religião.

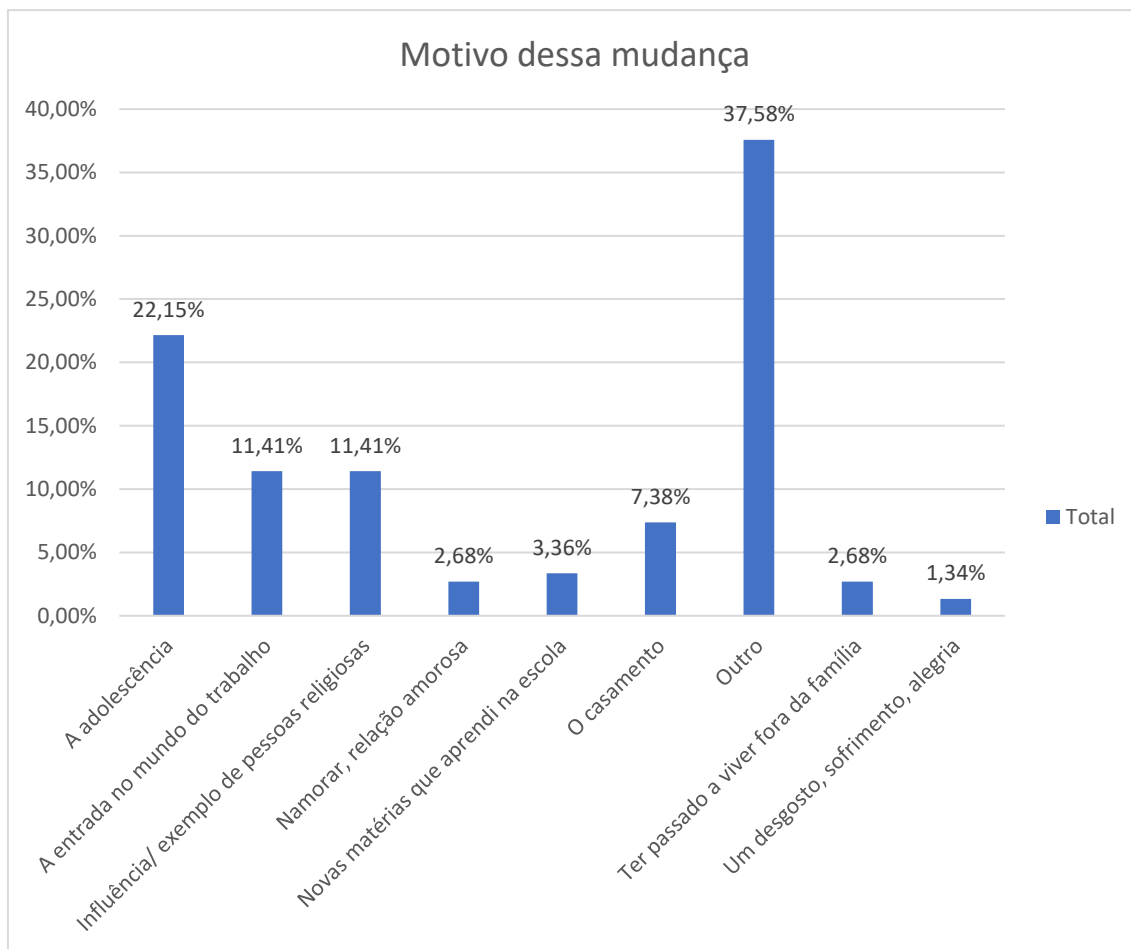


É na fase da adolescência que se dão as maiores e mais importantes mutações. A adolescência é uma fase caracterizada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Nesta fase, os jovens tendem a desvincular-se de tudo o que sejam instituições. Daí não é de admirar que a maioria dos jovens tenha dito que a modificação da sua posição religiosa se tenha dado entre os 12 e os 16 anos (22,15%).

Surpreendente foi sim o facto de 18,79% mencionar que essa mudança ocorreu com menos de 12 anos, ou seja, numa altura em que os adolescentes provavelmente ainda estariam na catequese.

8,72% dos inquiridos afirmou que a alteração se deu entre os 17 e os 20 anos e 2,01% entre os 21 e os 25 anos.

Olhando para estes números podemos tirar daqui uma conclusão: até aos 16 anos cerca de 34% % dos jovens mudou a sua postura religiosa. Os números podem ser preocupantes, mas podem ajudar-nos. Isto significa que já podemos identificar uma faixa etária onde o maior trabalho se deve concentrar: entre os 10 e os 16 anos, entre o início e o “fim” da fase da adolescência.



Olhando para o gráfico podemos observar que não existe apenas um motivo que justifique essa alteração da posição religiosa, mas sim vários. Daí 37,58% dos jovens mencionou outros motivos. Na verdade, o estilo de vida, as grandes mudanças sociais, o reajustamento da tabela de valores influenciam as decisões e posturas futuras dos jovens.

Mais uma vez a adolescência continua a ser uma das principais causas das mudanças nos jovens e adolescentes. 22,15% dos jovens identificou a adolescência como o principal motivo para a alteração da sua posição religiosa. O alargamento dos horizontes, o pensar por si próprio, as independências das escolhas levaram a mutações na sua relação com a religião.

Uma vez que a competitividade do mercado de trabalho na Suíça é muito forte, não é de estranhar que 11,41% refira a entrada no mundo do trabalho como a principal

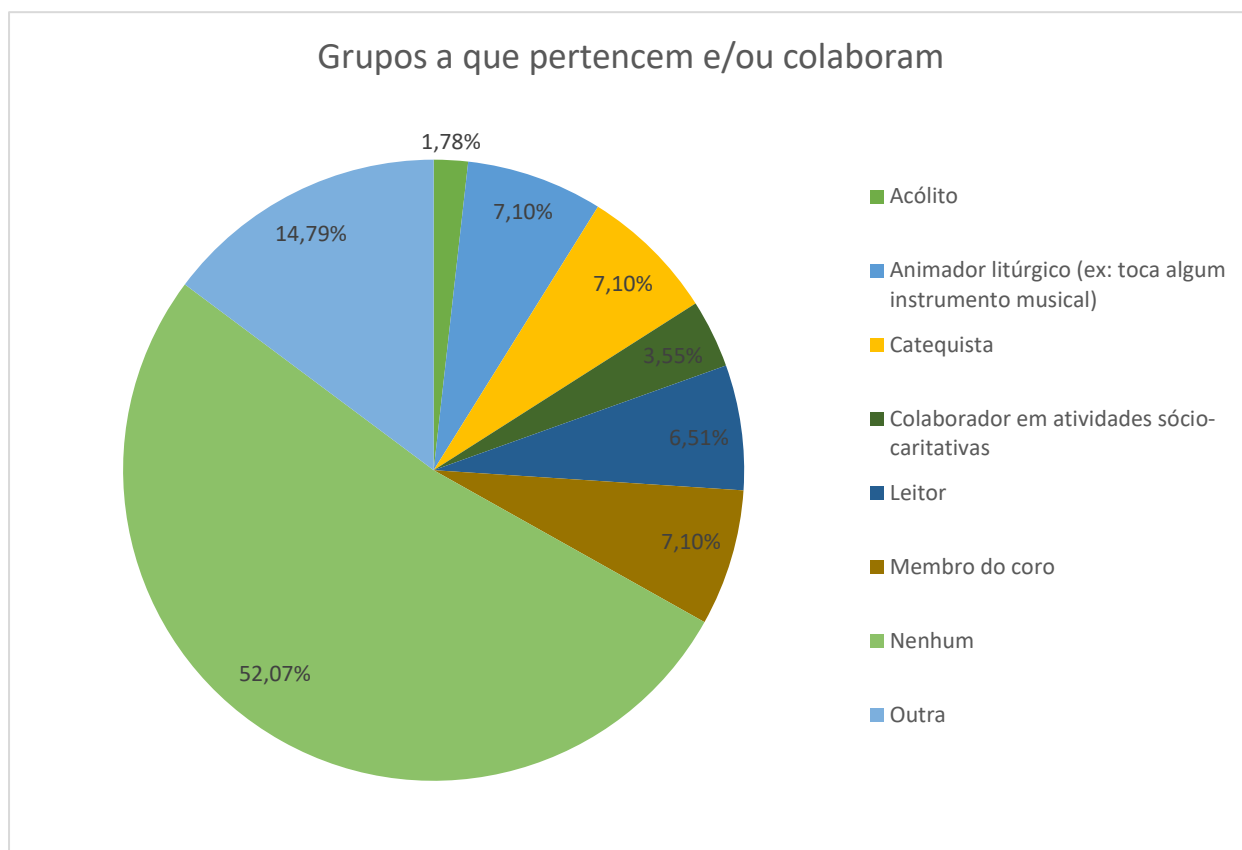
causa. Quem trabalha com os jovens sabe bem que a sua disponibilidade não é tão grande como poderemos pensar. A rotatividade laboral, os turnos, as pressões da escola, levam a que os jovens tenham de estabelecer prioridades.

A influência/ exemplo de pessoas religiosas foi o motivo aduzido por 11,41% dos jovens. Embora não seja um número muito significativo, a verdade é que não nos pode deixar indiferentes. Se bem que não saibamos quem são essas pessoas religiosas, a verdade é que a postura, a forma de ser e de estar na vida influencia muita gente, principalmente os jovens que numa fase complicada das suas vidas procuram referências. E muitas das vezes não as encontram ou então, como é o caso, deparam-se com pessoas incoerentes.

Em relação a outros motivos, 7,38% alega que foi o casamento; 3,36% as novas matérias que aprenderam na escola; 2,68% o namoro/ relação amorosa e o ter passado a viver fora da família e 1,34% um desgosto ou sofrimento.

Experiências de vida significativas são o grande motivo da modificação da postura religiosa dos jovens em Zurique. Um acidente grave ou uma doença dentro da família podem ter impacto nas suas crenças e práticas. Às vezes, essas experiências significativas levaram os jovens a tornarem-se muito mais conscientes do que estava a acontecer com eles e com os que os rodeiam. Estas experiências levam os jovens a novos níveis de maturidade.

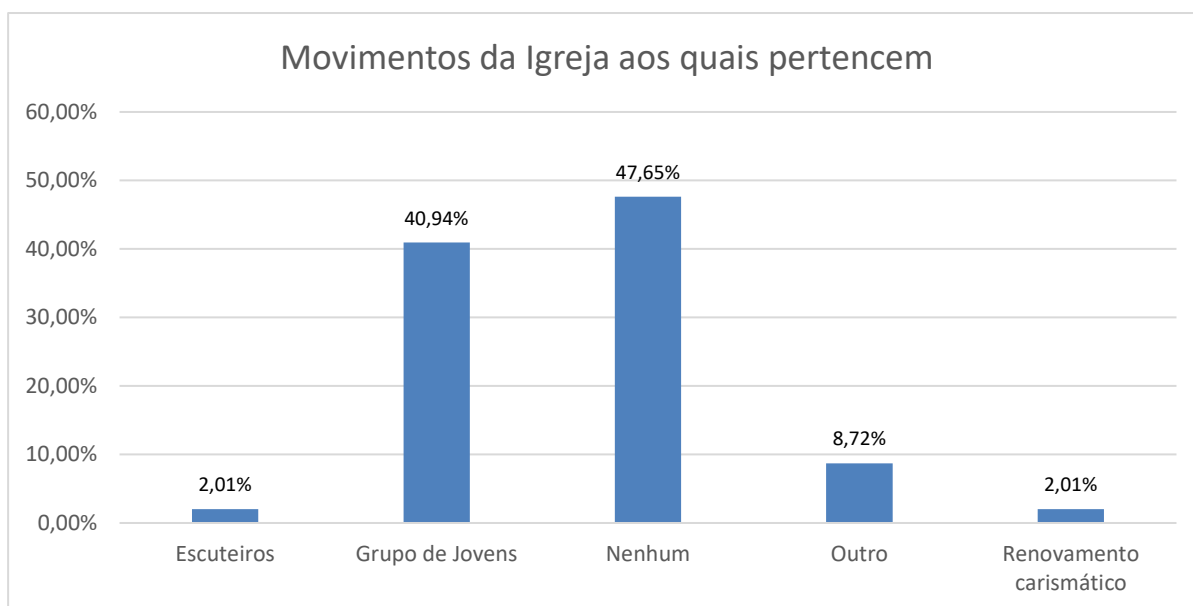
2.3.8. Os jovens e os grupos/ movimentos



Um dos deveres do cristão é o seu comprometimento para com a Igreja e a sua missão evangelizadora.

Ao longo das questões anteriormente analisadas, fomos constatando um afastamento dos jovens para com a Igreja. Esse afastamento manifesta-se de forma evidente no não comprometimento deles para com a comunidade.

A Igreja de Zurique está, e sempre esteve, aberta à participação de todos, incluindo os jovens, dando-lhes o apoio que considera necessário. Se os jovens não se sentem aceites e acolhidos pela comunidade, será de esperar que eles também não se queiram comprometer. Além disso, sabemos bem que o assumir responsabilidades não é propriamente uma prática corrente num jovem.



Desta forma, não é de estranhar que 52,07% dos jovens inquiridos afirmem não pertencer a qualquer grupo ligado à Igreja. Os restantes 47,93% participam em vários grupos. Assim: 6,51% são leitores; 7,1 % são catequistas ou membros de um coro ou participam na animação litúrgica; 1,78% são acólitos; 3,55% colaboram em atividades socio-caritativas e 14,79% pertencem a outros grupos.

Olhando para estes números até podemos chegar à conclusão de que a participação é significativa. No entanto, convém salientar que, se observarmos a realidade de forma objetiva, veremos que estes números podem não corresponder àquilo que observamos diariamente. O que significará para um jovem pertencer a um grupo? Terá ele a noção de que pertencer implica comprometimento e continuidade de ação? Um exemplo concreto: cantar no coro duas vezes por ano não significa pertencer ao grupo coral.

A maioria dos jovens declaram pertencer a movimentos da Igreja Católica, mais concretamente 52,35% dos inquiridos. Aquele que apresenta valores mais significativos é o grupo de jovens, a que 40,94% alega pertencer. Ao movimento de escutismo pertencem 2,01% bem como ao renovamento carismático. Já 8,72% referiu pertencer a

outros movimentos. Esta pertença não significa comprometimento. Eles até podem pertencer, mas a assiduidade deles revela o contrário. Olhando para este gráfico vemos, ainda, um número muito significativo de jovens que alega não pertencer a qualquer grupo, mormente 47,65%.

Os grupos de jovens existentes na Missão Católica Portuguesa de Zurique têm uma taxa de participação significativa. Todavia, a assiduidade não é a desejada. As razões, muitas delas foram já elencadas, prendem-se, sobretudo, com a incompatibilidade de horários dos jovens e dos seus horários de trabalho. Na Suíça um jovem a partir dos 16 anos já está no mercado de trabalho, logo a sua disponibilidade não é aquela que gostaríamos. Daí ser necessário adaptar o tipo de encontros e atividades de forma a podermos chegar ao maior número de jovens possíveis.

Um exemplo muito concreto: o grupo de jovens VOA da MCLP reúne-se regularmente à sexta-feira às 19 horas. E terá de ser sempre à sexta-feira uma vez que é o dia mais compatível. Sempre que se tentou fazer num outro horário ou data o resultado foi pouco positivo.

3. Orientações para uma pastoral dos jovens no cantão de Zurique

Analisando a realidade da Igreja Suíça podemos verificar que esta está a investir e a fazer muito pelas crianças e jovens. Todavia, os resultados são ainda pouco visíveis. O problema surge na faixa etária entre os 16 e os 20 anos. É nesta fase que se nota o grande “virar de costas” dos jovens para com a Igreja.

No cantão de Zurique as paróquias recebem dos seus fiéis o imposto religioso (*Kirchensteuer*). Logo aqui já haverá condições para investir mais nas crianças e nos jovens, bem como no campo da formação. Uma vez que as paróquias têm orçamento, elas podem contratar pessoas com experiência no campo da pastoral juvenil, por exemplo. Podemos, ainda, não ver números muito significativos, mas os poucos jovens que frequentam a Igreja estão comprometidos, principalmente no que diz respeito à pastoral dos jovens.

Quando se trabalha com os jovens deve-se ter em conta os seus modos de vida e a situação social geral. Os jovens não são, nem podem ser portanto, apenas os destinatários da pastoral juvenil, mas também atores da ação da pastoral juvenil. Eles devem ser ouvidos em tudo o que possa dizer respeito à pastoral. Não podemos planear e/ou planificar sem os ouvir, pois corremos o risco de estar a fazer o que achamos melhor para nós e não para eles. É um caminho que deve ser feito a dois.

As propostas/orientações que irei sugerir são o resultado da análise à realidade portuguesa no cantão de Zurique. As mesmas poderão levar a uma melhoria significativa, sobretudo se chamarem a atenção para a necessidade de uma pastoral dos jovens pensada e planeada para colher frutos a médio e longo prazo, embora tenhamos a consciência que as mutações na nossa sociedade são constantes e frequentes. Desta

forma, uma adaptação constante aos métodos e metodologias deve estar sempre na ordem do dia.

Tendo observado os baixos níveis de envolvimento dos jovens para com a Igreja e as suas imprecisões sobre a fé, devemos interrogarmo-nos se a Igreja e os seus líderes fracassaram para com os jovens. Será que falharam na transmissão da herança da fé que foi transmitida por muitas gerações?

A cultura ocidental mudou. No mundo ocidental, os jovens foram educados para questionarem tudo e não aceitarem sem qualquer fundamento o que lhes é transmitido. Pelo contrário, querem ser eles próprios o filtro. A educação religiosa tem sido geralmente abordada como se estivesse dando certezas. E sabemos bem que os jovens geralmente reagem de forma negativa quando as crenças e práticas lhes são impostas.

Para os jovens, assumir compromissos é algo que não está ainda na ordem do dia. Por isso, frequentar uma igreja aos domingos exige um certo compromisso. E se isso não fosse já suficiente, ainda têm de ouvir passivamente as homilias, por exemplo, sem haver oportunidade para perguntas ou para expressarem a sua opinião e/ou discordância.

Qual será a forma mais correta, pedir às pessoas que se comprometam e participem dos rituais “estranhos” ou dar condições para que as pessoas possam explorar primeiro a fé?

Os jovens querem ser levados a sério. Eles querem que sua autonomia em questões de fé seja respeitada. Estão dispostos a entrar em diálogo se sentirem que o ambiente lhes permitirá explorar a fé da maneira que seja mais significativa para eles.

Para muitos jovens, muitas das formas de culto são estranhas. Eles não conseguem conectar-se com a linguagem e os pensamentos da Igreja.

Um dos maiores valores entre os jovens contemporâneos é a “excitação”. Eles querem ter experiências novas, diferentes, que captem sua atenção e os absorvam.

Não nos podemos, também, esquecer o quanto os jovens trazem para a mesa! Eles tendem a ser extremamente inteligentes. Têm uma grande quantidade de energia criativa, muito conhecimento técnico, cultural e experiências que valem a pena serem compartilhadas. Eles trazem alegria, energia e entusiasmo. Em troca apenas esperam ser valorizados, encorajados, e aceites pela comunidade.

3.1. Aposta séria na catequese de infância e da adolescência

Cerca de 34% dos jovens alterou a sua posição religiosa entre os 10 e os 16 anos. Perante estes dados ficamos agora a saber, com a precisão necessária, onde será necessário atuar. Claro que, com isto, não estamos a dizer que só se deve trabalhar nesta faixa etária. Todas as etapas são importantes. Mas temos de dar atenção à fase que precede a adolescência. Refiro-me à catequese da infância.

O Diretório Geral de Catequese salienta a importância da catequese de iniciação cristã responsável por lançar os fundamentos do edifício da fé³⁵. É nesta fase que se dá o primeiro contacto entre a criança e o transcendente. Descurar ou desvalorizar esta fase, é um erro crasso. “No período da infância, o processo catequético deverá ser, por isso, eminentemente educativo, atento a desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida de fé, tais como senso da confiança, da gratuidade, do

³⁵ Cf. Diretório Geral da Catequese, n° 69. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html

dom de si, da invocação, da alegre participação... A educação à oração e a iniciação à Sagrada Escritura são aspetos centrais da formação cristã das crianças”³⁶.

Como já foi referido, a catequese que está sob a responsabilidade da MCLP, é uma catequese complementar. Mas não é pelo facto de ser complementar que não se deva dar a importância que ela merece. A MCLP está e deve estar empenhada em oferecer uma catequese que, sendo um caminho de descoberta constante, promova um feliz encontro com o Cristo vivo. Para isso, torna-se perentório encontrar a metodologia mais adequada à realidade em questão. O primeiro passo será, então, conhecer as características da comunidade eclesial e dos seus destinatários³⁷.

Para que a mensagem chegue aos destinatários temos de começar pela criação de um itinerário de fé e pela preparação dos canais de transmissão. O itinerário de fé deve ser integral. Não podemos valorizar determinadas partes e relegar para segundo plano outras. Do itinerário de fé deverá fazer parte a iniciação à fé, à celebração e vivência dos sacramentos, à moral, à oração e ao engajamento eclesial – missão de todo e qualquer cristão. Desta forma, é maior a probabilidade de a criança poder fazer um percurso de fé paulatino, integral e equilibrado.

Quando falo do canal de transmissão refiro-me a todos aqueles voluntários que exercem o ministério de catequista. Necessitamos de catequistas preparados e, sobretudo, mentalizados de que a catequese é um assunto sério. Eles devem estar atentos aos indicadores de desenvolvimento para cada idade. Os tempos da “pastoral de manutenção” em que se fazia qualquer coisa para “desenrascar” têm mesmo de acabar. Temos de ter os melhores meios e recursos possíveis. Inculturar a fé significa não

³⁶ Diretório Geral da Catequese, n.º 178.

³⁷ Cf. Diretório Geral da Catequese, n.º 118.

apenas expressá-la na linguagem e em símbolos, mas também aceitar e viver o Evangelho com os mais profundos valores e aspirações.

“O catequista deve, por isso, empenhar-se a fim de que a sua visão cultural, condição social e estilo de vida não representem um obstáculo ao caminho da fé, criando sobretudo as condições mais apropriadas para que a mensagem cristã seja buscada, acolhida e aprofundada”^{38 39}.

A comunidade eclesial deve ser considerada o principal agente da inculturação. Os catequistas são os meios e instrumentos eficazes disso. Juntamente com a posse de um profundo senso religioso, eles também devem ter uma sensibilidade social profunda e estarem bem enraizados na sua própria cultura.

A catequese é uma responsabilidade compartilhada, mas diferenciada. Os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os religiosos e os fiéis leigos devem desempenhar o seu papel, cada um segundo as respetivas responsabilidades e carismas⁴⁰.

Para que a mensagem chegue é necessário que ela seja adaptada às circunstâncias. Refiro-me ao facto de estarmos a apresentar uma mensagem a um grupo de crianças com muitas limitações linguísticas. Se eles não têm, como é o caso, o domínio da língua portuguesa, como têm as crianças da mesma idade e que vivem em Portugal, há adaptações que temos de fazer. Uma dessas adaptações passa pela criação de um programa próprio adaptado a cada ano, com uma linguagem acessível às crianças e aos catequistas.

Poderemos sempre manter as metodologias antigas. E aí teremos três opções: repetir o mesmo de sempre, sabendo que apenas terá êxito com um número reduzido;

³⁸ Diretório Geral da Catequese, n° 156.

³⁹ Convém não esquecer que um dos motivos que levou 11,41% dos jovens a alterar a posição religiosa foi a influência/exemplo de pessoas religiosas.

⁴⁰ Cf. Diretório Geral da Catequese, n° 216.

sermos sectários dando primazia àqueles que tiveram a sorte de nascer numa família de fé viva; tornarmo-nos fundamentalistas fechando-nos ao mundo que nos rodeia.

Claro que o trabalho não é fácil tendo em conta que na maioria dos casos nem há tempo e/ou condições para se preparar, por exemplo, a sala de catequese. Como costume dizer, é necessário termos um bom “jogo de cintura”.

3.2. Reformular a preparação para o Crisma

O “essencial” da fé deve ser discutido mais. Por vezes passamos muito tempo a debater assuntos e/ou temas teologicamente importantes, mas que pouco dizem aos jovens. Com isto, não estou a dizer que devemos ficar pelo superficial, bem pelo contrário. Devemos sim escolher temas que sejam importantes, mas não absolutamente imprescindíveis. Só podemos lançar boa semente se o solo estiver preparado para acolher. A experiência tem demonstrado que os jovens quando fazem a preparação para o Crisma estão pouco motivados e com um vazio de conhecimentos de fé. Daí ser absolutamente necessário um novo itinerário catequético mais direcionado para os jovens que promova a inteligência da fé. É necessária uma formação constante, sobretudo no campo bíblico. O desconhecimento religioso é alarmante nas novas gerações.

Desde o Pentecostes que a missão da Igreja, enviada pelo Espírito Santo, foi a de partilhar a experiência de fé. Sem dúvida uma missão difícil, mas não impossível. As condições de vida, a forma de pensar e de agir estão em constante mutação. Isto implica uma adaptação constante, pois a mensagem pode ter mais de 2000 anos, mas continua a

ser atual. Esta atualização consegue-se com um diálogo constante entre a Igreja e a sociedade contemporânea e seus desafios.

3.3. Reformulação/adaptação litúrgica

Vivemos tempos desfavoráveis. Canções e orações desatualizadas, homilias monótonas e celebrações muito longas. Estas são algumas das deficiências que os jovens veem na Igreja.

As melhorias deveriam passar, segundo eles, por músicas e orações mais modernas, homilias mais curtas e assertivas e celebrações mais breves. Claro que ao vermos isto podemos concluir que basicamente o que eles querem é algo tipo “*fast food espiritual*”. Na verdade, a sociedade atual oferece várias atividades e modos de ocupar o tempo aos jovens e eles não estão dispostos a ocupar esse tempo na Igreja, a não ser que seja algo que não demore muito.

Reformular/adaptar não significa um esvaziamento doutrinal. Significa sim encontrar outros meios com vista aos mesmos fins. Podemos e devemos adaptar a música na liturgia. Mas não podemos prescindir do verdadeiro objetivo da música numa celebração religiosa. Se um desses objetivos é ajudar os crentes a estabelecer um elo mais estreito com Deus, que diferença faz que essa música seja numa outra língua ou com outro ritmo?

Os jovens sentem-se mais atraídos pela música mais moderna do que pelas canções tradicionais dos cânticos da igreja.

E porque não dar-lhes a possibilidade de serem eles a escolher as músicas, sob supervisão? Porque não estimular e incentivar cada um a colocar à disposição da

comunidade o/os seu/seus dom/dons, mesmo que até não sejam nada de especial? É bom eles sentirem que tem algo para dar. Os jovens devem sentir-se importantes.

Outra proposta é falar com eles antes de preparar uma homilia, pedir-lhes informações, sempre que estiverem com eles fazer um esforço por falar a língua deles e de escrever homilias que incluam suas experiências.

Sigam as atividades que eles mais gostam de fazer fora da Igreja. A maior parte disso até pode ser feita em casa, sem qualquer esforço adicional além de alguns cliques extras (ou *Likes*) ou algumas mensagens de texto. Para a Igreja a pluralidade de meios de comunicação deverá ser vista como uma excelente oportunidade para se abrir ao diálogo, superando assim a sua postura fechada e, por vezes, intolerante.

Descubram se os jovens têm canções de índole religioso favoritas e incluam essas músicas na liturgia e durante as homilias façam-lhes perguntas.

3.4. Uma Igreja atrativa

É importante os jovens irem à Igreja porque esta pode ajudá-los a resolver os seus problemas e a conseguirem desenhar uma nova coragem. Mas para isso precisamos de nos adaptar. Há uma certeza: os tempos hoje são outros. E isso é um facto incontornável.

A chave está na atratividade. Ela tornou-se um dos bens mais desejáveis do nosso tempo. A moda é um bom exemplo disso mesmo. O quão atraente uma marca aparenta é refletido no seu valor de mercado.

Então, quão atrativa é a Igreja Católica para os jovens?

Aqui a estética desempenha um papel essencial. A imagem da Igreja sofre não só do escândalo da violência sexual, mas também da imagem de subordinação que ainda faz passar. As questões éticas são outra das barreiras entre a Igreja e os jovens, nomeadamente quando associadas a certas normas sexuais.

A grande maioria dos jovens criticaram a aparência estética da Igreja como fora de moda. Isto torna-se incompatível com o estilo de vida excitante que eles almejam ter.

3.5. Maior sensibilidade na compreensão das questões éticas

A modernidade promete a cada indivíduo a sua própria existência autodeterminada, mesmo em questões religiosas, éticas e morais.

Aqui é que realmente estará um facto fraturante. Os jovens não concordam com a visão da Igreja em relação a questões éticas como o aborto, a eutanásia, homossexualidade e contraceção. Quando se trabalha com os jovens deve-se “evitar a rigidez dum formação moralizante, atenta sobretudo aos comportamentos exteriores”⁴¹.

A solução não passará com toda a certeza por uma postura de condenação, que tem sido uma prática comum. O caminho poderá e deverá passar por, em grupo, refletirem sobre os motivos que poderão levar ou ter levado a Igreja a ter essa postura. Os membros da Igreja não devem ter medo de abordar estes temas, embora muitas das vezes possamos não ter argumentos. O importante é refletirmos em grupo e deixar que eles próprios sugiram soluções. Embora já estejamos no século XXI a educação para os

⁴¹ STILWELL, Peter, Juventude e Espiritualidade, in *Communio* n°VIII (1991) pp. 60.

afetos ainda não é uma prática comum. É mais fácil distribuir preservativos do que educar os jovens para a vivência de uma sexualidade responsável.

Muito positiva tem sido a aceitação do Papa Francisco por parte dos jovens. Sem dúvida que ele conseguiu entrar no coração de muitos. A sua simplicidade e sobretudo a sua postura perante estes temas fraturantes fizeram dele um Papa muito querido. A sua postura de abertura e de aceitação daqueles que, aos olhos da Igreja, se encontram em situação irregular, foi algo que caiu bem nos jovens⁴².

3.6. A Igreja uma casa dos jovens e para os jovens

Os jovens continuam a ter as suas crenças religiosas e alguns jovens incorporam-nas tendo em conta a maneira como veem o mundo. Eles fazem isso à sua maneira, ao seu ritmo e no seu próprio tempo.

Assim, enquanto a família e os amigos frequentam a Igreja, os jovens sentem que podem contribuir para a vida desta por meio de um envolvimento mais significativo nas tarefas. Por outro lado, se a família e os amigos não comparecem, se os objetivos de vida dos jovens estão orientados para o trabalho e se eles não estão familiarizados com a língua e a cultura da Igreja, é difícil que eles se sintam atraídos.

Os jovens demonstraram grande interesse em tomar decisões por si mesmos e em serem independentes em relação às suas crenças, valores e práticas. E nós devemos respeitar esse desejo de autonomia respeitando esse processo de construção reflexiva. E como poderemos fazer isso? Proporcionando aos jovens um lugar onde eles se sintam

⁴² “Se uma pessoa é gay e procura Deus, quem sou eu para julgá-la?” Papa Francisco - Conferência de imprensa durante o voo de regresso do Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013.

bem e onde possam discernir sem qualquer tipo de pressão. O que eles precisam, então, é de uma “casa”.

Todos sabemos o significado da palavra “casa”. O que significará oferecer aos jovens uma casa?

Nós queremos que os jovens tenham a Igreja como a sua casa. “Encontrar uma casa” geralmente significa que as pessoas se envolvem para adaptar o estilo e o ambiente encontrado de forma a se sentirem parte dessa mesma casa. A Igreja deve ser a casa que inclua os jovens como eles são e não como deveriam ser.

3.6.1. Promover os grupos de jovens

A necessidade de diálogo é fortemente sentida pelos jovens de hoje. Sem diálogo não há comunicação e sem comunicação não pode haver desenvolvimento verdadeiro na Igreja. Muitos jovens acham difícil o relacionamento com a Igreja uma vez que, segundo eles, as pessoas mais velhas não os compreendem. As crises de identidade e a busca de liberdade e independência é uma das causas dos conflitos com as pessoas mais velhas, além da forma diferente de pensar e de agir dos jovens.

Os jovens gostam de conversar e de ter tempo para conversar. Daí a comunicação ser fundamental. E onde é que os jovens podem encontrar este espaço de encontro, partilha e crescimento espiritual e humano? Os grupos de jovens podem ser, sem dúvida, um excelente local para discussões, workshops e questões em que todos os jovens podem participar ativamente e sem preconceitos e/ou juízos de valor.

Para que estes grupos possam crescer e solidificar-se numa comunidade, é necessário um trabalho sério de duas partes: primeiro da parte dos jovens, pois tem de

haver um comprometimento da parte deles, e o segundo da parte do moderador do grupo. Mas sobre isto falarei mais adiante.

Havendo um trabalho sério das duas partes pode-se, sem dúvida, criar um projeto sólido e frutuoso, que estimule o envolvimento dos jovens, permitindo que os mesmos se sintam corresponsáveis por esse grupo.

Outras das vantagens é que através destes grupos poderemos envolver mais os jovens na vida da Igreja. Se encorajados, eles poder-se-ão tornar membros responsáveis na Igreja através da sua participação ativa na vida da comunidade. Desta forma, eles não serão apenas meramente espectadores na liturgia, nas reuniões, etc.

Todo esforço deve ser feito para utilizar as muitas e variadas habilidades e talentos de cada jovem. Maior sensibilidade e abertura devem ser demonstradas pelos mais velhos, se quisermos incluir os jovens na missão da Igreja, lembrando que todos “somos cooperadores de Deus” (*Cor 3, 9*) e fazemos parte do mesmo corpo (*Cor 12, 27*).

3.6.2. Culto de jovens e para jovens

Os grupos de jovens podem e devem ser lugares de espiritualidade, não obstante estarmos perante uma comunidade com uma cultura e expressão próprias, que vão muito além da música, estilo de vida e necessidades de primeiro plano.

Na verdade, não podemos dissociar os jovens às instituições. E eles próprios sabem disso. Estão e estarão sempre ligados a instituições, mas ao mesmo tempo, querem ser livres e auto responsáveis.

A existência de formas de culto feitas por jovens e para jovens pode e deve ser uma aposta a considerar. Eles próprios devem ser coresponsabilizados no projeto

missionário da Igreja. Eles podem e devem sentir-se em casa. Mas para uma casa precisamos de uma sala de estar e não de uma sala de festas! Não se pretende “criar” cultos alternativos. Apenas se pretende ajustar o culto à forma de vida dos jovens. Isto requer flexibilidade e bom senso.

Os jovens portugueses de Zurique já estão muito ocupados. Não podemos estar à espera que eles venham à igreja à quarta-feira, ao sábado e ao domingo de manhã. É muito. Temos de lhes dar algum espaço. Então o que se pode fazer?

É preciso colocar os pés à estrada e procurar soluções. Com toda a certeza muitas delas poderão não ter grande sucesso, mas sem tentar nada se consegue. Se os jovens não aparecem ao domingo de manhã no culto dominical, porque não fazer esse culto noutra local ou noutra dia? E porque não afastá-los do culto intergeracional sempre que necessário? O importante, neste caso, são os fins. E estes até podem justificar os meios.

É vital que nós mostremos aos jovens o quanto eles são valiosos e quanto a sua presença é fundamental e quão essencial é também eles pertencerem a um grupo. De uma maneira geral, a fase que vai dos 14 aos 20 anos é vital na vida dos jovens, pois são anos caracterizados pelo desenvolvimento, ansiedade, inquietação, muitas vezes marcados por extremos de sucesso e frustração, entusiasmo e depressão, busca de independência e desejo de pertencer a um grupo.

A juventude faz parte da Igreja. Eles precisam da Igreja e a Igreja precisa deles. Não os podemos deixar para trás.

3.7. Uma comunidade acolhedora e aberta à diferença

Uma das necessidades básicas de nossa juventude, e não só, é o reconhecimento. Todos nós queremos ser aceites pelos outros. Todos nós precisamos de amizade, amor e perdão. E os jovens não são exceção a essa regra, mas a sua luta é mais difícil porque eles também estão a lutar para aceitar-se a si próprios.

Assim, a Igreja deve utilizar esse forte desejo dos jovens de pertencer aceitando-os como são. “Recebam uns aos outros”, escreve São Paulo, “assim como Cristo vos recebeu” (*Rom 15, 7*).

Os jovens querem amar e ser amados, ser independentes, mas também sentirem que são necessários. Assim, as nossas igrejas devem estabelecer uma atmosfera calorosa e saudável, onde os jovens se sintam aceites. Tal aceitação deve ser demonstrada não apenas em palavras, mas de uma forma prática para que seja eficaz.

Honestamente, estamos a acolher os jovens? Estaremos preparados para aceitá-los como eles são?

Precisamos de comunidades que aceitem os jovens como eles são e não como gostariam que eles fossem. Infelizmente nota-se, de uma forma geral em todo o lado, que quando os jovens fazem algo na Igreja uma parte da comunidade não está com eles e/ou não os apoia. É óbvio que não são todos assim. Mas se apenas se ouvem as críticas, na maioria dos casos infundadas, e não os elogios é normal os jovens sentirem-se tristes e desmotivados. Esta desmotivação leva a que eles não se sintam integrados na comunidade. Os jovens, muitas vezes, sentem-se fora do lugar por não se sentirem bem-vindos nos cultos religiosos.

Este tipo de ambiente tem-se sentido muito na comunidade portuguesa de Zurique. Há quem olhe para os jovens não como o futuro da comunidade mas como rivais, como aqueles que vêm para quebrar com o tradicional e/ou tirar o protagonismo a alguém.

Torna-se absolutamente fundamental promover um culto intergeracional que eduque os adultos sobre as necessidades dos jovens e os benefícios de envolvê-los na vida da comunidade. É preciso incentivar os adultos a acolherem os adolescentes e jovens, a recebê-los na Igreja e a serem gentis e a perdoarem as suas posturas na igreja, por vezes infantis. Quando os jovens se sentirem em casa eles ficam. Esforcemo-nos por fazer com que eles se sintam em casa.

Os jovens duvidam de si mesmos e lutam com a constante suspeita de viver uma vida banal. Eles sentem-se menos conectados com a Igreja pois acham que ela ao não mais atender aos gostos da maioria dos jovens de hoje, também perderá o gosto de toda uma geração no futuro.

Esta distância para a Igreja não significa indiferença ou ateísmo. A maioria dos adolescentes considera-se religiosos, tal como podemos verificar. O que mudou foi a relação com a religião.

Para muitos, pertencer à Igreja é importante. No entanto, eles preferem seguir as suas próprias crenças e sentimentos, desviando-se das suas práticas e ensinamentos.

Se a Igreja realmente ajudar os jovens nos seus problemas, de certeza que eles mudam de ideias.

3.8. Aposta em animadores qualificados

Não se podem fazer boas omeletes se não tivermos bons ovos. Mas também podemos ter bons ovos e faltar um bom cozinheiro. O mesmo se poderá passar na pastoral dos jovens.

Para que o trabalho tenha êxito é estritamente necessário encontrar e formar agentes pastorais qualificados. Trabalhar com jovens não é a mesma coisa que trabalhar com gente adulta. Pressupõe-se que estes animadores tenham conhecimentos de sociologia e psicologia que os ajudem a uma melhor compreensão da realidade que encontram pela frente. Mas há, ainda, algo muito mais importante: é ter esse dom. O dom de saber entrar nos meandros da juventude e conseguir guiá-los pelos caminhos que possam levar à salvação. Os jovens têm de sentir que quem está com eles está mesmo com eles. Além do mais, o animador não deve tentar impor nada. Deve ser uma pessoa com uma mente aberta e sem preconceitos. Já bastam os preconceitos que existem na sociedade. Os adolescentes e jovens já crescem com expectativas e imposições sociais suficientes que podem afetar a sua visão do mundo e de si mesmos.

O animador não tem forçosamente de ser, também, uma pessoa jovem. Na era moderna, a juventude não significa apenas uma fase da vida, mas um sentimento de vida. Ele tem é que ser capaz de provocar os jovens, levando-os a autorrefletirem, e a autojulgarem-se a si e às suas atitudes.

Similarmente, é importante que o animador seja capaz de ensinar pelo exemplo, e aqui é vital a importância do testemunho pessoal de fé, pois nós somos aquilo que fazemos. Terá de haver coerência que implique a correspondência entre a boca e o coração. Se o animador for, a título de exemplo, alguém que reze apenas por rotina, os jovens aperceber-se-ão disso. Ele deve sim preocupar-se em transmitir Deus através do

seu exemplo de vida cristã. Parafraseando o Papa Francisco é importante “anunciar o evangelho e se necessário usar as palavras”. Há situações em que a incredulidade dentro do seio dos crentes é gritante. Se não formos capazes de imitar o Mestre, os jovens também não sentirão interesse em conhecer o Mestre. Trabalhar a espiritualidade de um jovem implica todo um processo de formação contínua, em que lhes é proposto um estilo de vida alternativo assente na mensagem de Jesus Cristo⁴³.

Há ateus que sabem mais sobre Deus do que muitos católicos. Não é por isso de estranhar que Nietzsche tenha dito que “os cristãos não têm rosto de gente salva”, da mesma forma que Schopenhauer, de forma perspicaz, afirmou que “os cristãos parecem relógios que se dão corda e andam sem saber porquê”⁴⁴, pois na vida prática não há uma correspondência entre o que se diz e o que se faz.

Na mesma linha de pensamento, no documento conciliar “Gaudium et Spes” os padres conciliares apontam mesmo o dedo aos cristãos, corresponsabilizando-os, em parte, pela propagação do ateísmo. A forma e o método inadequado de evangelização usado pela Igreja; a vida moral dos seus membros; o descuido da educação religiosa e a transmissão errática da imagem de Deus não ajudaram em nada⁴⁵.

Em suma

Sem dúvida que a missão que a Igreja atual tem pela frente não é fácil. O ponto de partida deverá ser o conhecimento real e concreto da realidade atual. A Igreja deve conhecer bem a situação sociocultural e geracional, caso contrário tudo o que fizer poderá ser ineficaz. Uma boa análise poderá ser o garante de uma boa resposta pastoral.

⁴³ Cf. STILWELL, Peter, Juventude e Espiritualidade, in *Communio* n°VIII (1991) pp. 63.

⁴⁴ Cf. SCHOPENHAUER, Arthur, *El amor, las mujeres y la muerte*, EDAF, Madrid 1979, p. 109.

⁴⁵ Cf. *Gaudium et Spes*, 19.

O mundo não é uma só sociedade nem tem uma só cultura. Esta pluralidade de culturas deverá levar a Igreja a ter, também, uma diversidade de instrumentos pastorais capazes de se adaptarem a cada realidade em concreto. Esta diversidade não será sinónimo de perda de unidade. Haverá sempre unidade na diversidade. A partir daí ela deverá colocar-se ao caminho, indo para as periferias e sendo para o povo luz, alegria e esperança, tal como referia o Concílio Vaticano II.

A Igreja tem estado mais preocupada com a tarefa de anunciar que se esqueceu de escutar⁴⁶. Devemos todos parar para pensar em que Deus cremos e que imagem de Deus estamos a transmitir⁴⁷. Não estaremos, por vezes, a cair na tentação de fazer passar uma imagem de Deus pouco coerente com o Evangelho?

A Igreja não deve acolher, mas provocar o jovem. Deve levá-lo a autoestimar-se, a autoavaliar-se e a agir. Ela não deve ficar à espera que eles apareçam nem deve ser uma espécie de mercado onde o jovem vai buscar algo quando precisa, algo que satisfaça as suas necessidades momentâneas. Estabelecer uma harmonia entre a sua vida, Deus e as Escrituras deve ser o desafio da Igreja⁴⁸.

⁴⁶ Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL - Evangelizar en un mundo postcristiano, Santander 1994, pp. 26.

⁴⁷ Cf. GONZÁLEZ-CARVAJAL - Evangelizar en un mundo postcristiano, Santander 1994, pp. 30.

⁴⁸ Cf. STILWELL, Peter, Juventude e Espiritualidade, in *Communio* n.ºVIII (1991) pp. 61.

Conclusão

Para que este trabalho tivesse bastante fiabilidade foi necessário ultrapassar vários obstáculos, alguns deles não previsíveis.

Realmente não foi fácil conseguir chegar aos jovens, no que diz respeito ao preenchimento dos inquéritos. Não que tenha sido difícil encontrar os jovens. Difícil foi comprometê-los com este estudo.

A falta de biografia e/ou de estudos sobre a emigração portuguesa e/ou sobre os jovens portugueses em Zurique também não ajudou muito. Existem sim dados sobre a emigração em geral e sobre os jovens em geral, mas não em concreto sobre os portugueses. E o que possa existir não se aplica à realidade portuguesa, pois a cultura helvética é bastante diferente da nossa.

Apesar de todas essas dificuldades, considero essencial a existência deste estudo. Embora num contexto adverso, ele poderá abrir portas a uma reestruturação/ readaptação da pastoral juvenil no seio da Missão Católica de Língua Portuguesa de Zurique.

Ao longo deste estudo ficou bem evidente que a geração atual acredita menos que a geração dos seus pais. Isto veio provar que não estamos perante uma irreligiosidade transversal que afeta a geração atual. Estamos, sim, perante a evidência de falhas na compreensão dos conteúdos doutrinários e no seu comprometimento para com a comunidade.

A conjectura atual é caracterizada pela rutura entre a unidade pessoal que harmoniza o pensar, o sentir e o agir. Tudo é rápido, emotivo e fugaz. Falta-nos uma mentalidade crítico-crente da realidade. Temos de mostrar aos jovens que eles devem valorizar as coisas boas que estão à nossa volta, e enfrentar as vicissitudes da vida com

inteligência, alegria e esperança. É essencial que o jovem tenha uma personalidade forte, positiva e valorize a autoestima.

A Igreja deve dar espaço de manobra aos jovens. Eles devem poder fazer, dentro dos limites, tudo aquilo que mais prazer e satisfação lhes der.

Eles devem ser encorajados a estabelecerem o seu próprio objetivo de vida que lhes recorde os fundamentos da sua existência. Para isso, é crucial voltar a colocar o ser humano no centro do mundo, não só pelas suas conquistas, mas também pelo seu papel na construção da sociedade.

Os jovens querem uma Igreja transparente e credível, em particular por parte dos pastores, e pedem, também, que a Igreja saiba reconhecer com humildade os erros do passado e do presente e se empenhe com coragem a viver o que professa⁴⁹.

Os jovens procuram educadores “com rosto humano”, disponíveis para reconhecer a sua fragilidade. Os jovens de hoje sofrem com a falta de acompanhamento que os ajude a percorrer a estrada da sua vida e pedem à comunidade cristã que “assuma a responsabilidade” desta necessidade enquanto “guias autorizados”.

Os jovens definem-se no plural como Igreja jovem e que não está em confronto com uma Igreja de adultos. Almejam por uma Igreja “extrovertida”, empenhada em dialogar sem preconceitos com a modernidade, em particular com o mundo das novas tecnologias, cujo potencial deve ser reconhecido e o uso correto orientado.

A Igreja atrativa que eles ambicionam, deve ser uma Igreja relacional, uma instituição onde o diálogo, acolhimento, renovamento e escuta fazem parte do seu modo de ser e estar no mundo.

⁴⁹ Cf. “O que a Igreja deveria fazer?”, pp. 50-52.

Embora não tenha sido referenciado ao longo das páginas, existe uma instituição que deverá fazer mais pela emigração. Refiro-me concretamente à Obra Católica das Migrações – OCPM. Esta deveria apostar no envio de sacerdotes capazes de trabalhar com este tipo de comunidades particulares. Para isso, eles deveriam preparar-se para esta realidade. Olhando para o exemplo que vemos na Suíça, de um modo geral a maioria dos missionários não consegue fazer um trabalho muito frutuoso em virtude dessa falta de preparação. Trabalhar em Zurique é muito diferente de trabalhar numa paróquia do distrito de Braga, por exemplo.

Ficou evidente que haverá muito trabalho pela frente se pretendermos dar uma lufada de ar fresco na pastoral da Missão Católica Portuguesa de Zurique. Os jovens variam, mas no fundo são sempre os mesmos: vivem desejosos de autenticidade e de um guia amigo⁵⁰.

⁵⁰ Cf. GOSO, Diego, *Manual do animador perfeito*, Paulus 2015, pp. 7.

Bibliografia

CABRAL, Villaverde, *Prática religiosa e atitudes sociais dos portugueses numa perspectiva comparada*. In PAIS, J. M., CABRAL, M. V. y VALA, J. (Org.), *Religião e Bioética*. Lisboa 2001, Instituto de Ciências Sociais.

CONCÍLIO VATICANO II, “Gaudium et Spes” [GS], Const. sobre a *Igreja no mundo atual*.

CONCÍLIO VATICANO II, “Lumen gentium” [LG], Const. sobre a *Santa Igreja*.

CONCÍLIO VATICANO II, “Sacrosanctum Concilium” [SC], Const. sobre a *Sagrada Liturgia*.

GIDDENS, Antony, *The Consequences of Modernity*, Cambridge, 1991, Polity Press.

GONZÁLEZ-CARVAJAL - Evangelizar en un mundo postcristiano, Santander 1994.

GOSO, Diego, *Manual do animador perfeito*, Paulus 2015.

MEDINA ESCUDERO, Miguel Ángel - *Desafíos para creer, hoy*, in *Theologica* 1 (2012) pp. 31-59.

SCHOPENHAUER, Arthur, *El amor, las mujeres y la muerte*, EDAF, Madrid 1979.

STILWELL, Peter, *Juventude e Espiritualidade*, in *Communio* n°VIII (1991) pp. 56-72.

Referências bibliográficas em Websites

Bundesamt für Statistik (*Orgão Federal de estatísticas*):

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen/religionen.html>

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/volkswirtschaft.html>

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/fr/home/statistiques/themes-transversaux/mesure-bien-etre/tous-indicateurs/economie/pib-reel-par-habitant.assetdetail.3322058.html>

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/fr/home/statistiques/economie-nationale/comptes-nationaux/produit-interieur-brut.assetdetail.3342705.html>

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/stand-entwicklung/bevoelkerung.html>

<https://www.bfs.admin.ch/bfs/de/home/statistiken/bevoelkerung/sprachen-religionen/religionen.html>

https://www.atlas.bfs.admin.ch/maps/13/de/12963_3092_107_70/21300.html

https://www.atlas.bfs.admin.ch/maps/13/de/12975_3522_107_70/21301.html

European Values Survey :

<http://www.europeanvaluesstudy.eu/page/religion.html>

<http://www.europeanvaluesstudy.eu/page/religion.html>

http://www.europeanvaluesstudy.eu/files/Believing_large.jpg

Vaticano:

<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2017/04/06/ter.html>

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html

Índice

Resumo	1
Abstract	2
Introdução	3
1. Enquadramento	5
1.1. A Suíça e a (sua) cultura pós-moderna	5
1.2. A situação da Igreja Católica	8
1.3. A Igreja Helvética	12
1.4. A Missão Católica de Língua Portuguesa de Zurique	17
2. Análise estatística	19
2.1. Contextualização	19
2.1.1. Idade	23
2.1.2. Sexo	24
2.1.3. Quanto tempo na Suíça	25
2.2. Os jovens perante a vida e a sociedade	26
2.2.1. Relações interpessoais	27
2.2.2. Perspetivas de futuro	29
2.2.3. Relações sociais	31
2.2.4. Os jovens e o futuro	36
2.2.5. As organizações e os jovens	37
2.2.6. O que poderá levar a mudar de vida	42

2.3. Os jovens e a igreja	43
2.3.1. Como eles veem a Igreja?	44
2.3.2. A frequência da Igreja	47
2.3.3. O que a Igreja deveria fazer	51
2.3.4. Sentimentos perante a Igreja	54
2.3.5. Educação/ formação religiosa dos jovens	55
2.3.6. Prática religiosa dos pais.....	57
2.3.7. Mudanças da posição religiosa	61
2.3.8. Os jovens e os grupos/ movimentos	65
3. Orientações para uma pastoral dos jovens no cantão de Zurique	68
3.1. Aposta séria na catequese de infância e da adolescência	70
3.2. Reformular a preparação para o Crisma	73
3.3. Reformulação/adaptação litúrgica	74
3.4. Uma Igreja atrativa	75
3.5. Maior sensibilidade na compreensão das questões éticas	76
3.6. A Igreja uma casa dos jovens e para os jovens	77
3.6.1. Promover os grupos de jovens	78
3.6.2. Culto de jovens e para jovens	79
3.7. Uma comunidade acolhedora e aberta à diferença	81
3.8. Aposta em animadores qualificados	83
Conclusão	86
Bibliografia	89